



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA –
PPGEEC
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA**

KENNYSON DOS SANTOS CARVALHO

**RABISCANDO ENSINO DE CIÊNCIAS EM QUADRINHOS PARA
APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES IMIGRANTES VENEZUELANOS**

Orientador: Prof. Dr. José Camilo Ramos de Souza

**MANAUS - AM
2022**

KENNYSON DOS SANTOS CARVALHO

**RABISCANDO ENSINO DE CIÊNCIAS EM QUADRINHOS PARA
APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES IMIGRANTES VENEZUELANOS**

Dissertação apresentada como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências da Amazônia no Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências da Amazônia, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), linha de pesquisa: Cognição, currículo e formação de professores

Orientador: Prof.º Dr. José Camilo Ramos de Souza

Manaus - AM

2022

KENNYSON DOS SANTOS CARVALHO

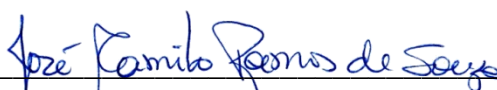
**RABISCANDO ENSINO DE CIÊNCIAS EM QUADRINHOS PARA
APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES IMIGRANTES VENEZUELANOS**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre no Programa de
Pós-Graduação em Educação e Ensino de
Ciências na Amazônia, da Universidade do
Estado do Amazonas - UEA.

Linha de Pesquisa: Cognição, Currículo e
Formação de Professores

Aprovado em: 30/05/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof^o. Dr. José Camilo Ramos de Souza

Universidade do Estado do Amazonas – UEA (Orientador)



Prof^a. Dra. Lucélida de Fátima Maia da Costa

Universidade do Estado do Amazonas – UEA (Membro Interno)



Prof^a. Dra. Waldirene Ribeiro do Carmo

Universidade de São Paulo - USP (Membro Externo)

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

K36rr Carvalho, Kennyson dos Santos
Rabiscando ensino de Ciências em quadrinhos para
aprendizagem de estudantes imigrantes venezuelanos /
Kenyson dos Santos Carvalho. Manaus : [s.n], 2022.
157 f.: color.; 4 cm.

Dissertação - Programa De Pós-Graduação em Educação em
Ciências Na Amazônia – PPGEEC - Universidade do
Estado do Amazonas, Manaus, 2022.
Inclui bibliografia
Orientador: Souza, José Camilo Ramos de

1. Imigrantes venezuelanos. 2. Ensino de Ciências.
3. Igarapés de Manaus. 4. História em quadrinhos.. I.
Souza, José Camilo Ramos de (Orient.). II. Universidade
do Estado do Amazonas. III. Rabiscando ensino de
Ciências em quadrinhos para aprendizagem de estudantes
imigrantes venezuelanos

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463



(Turma da Mônica/Imigrantes: Mauricio de Souza)

AGRADECIMENTOS

Para rabiscar essa dissertação, precisei, por muitas vezes, da contribuição de heróis (familiares e amigos) nos caminhos do mestrado;

Primeiro, Deus, o criador, em sua infinita bondade, me iluminou nos desesperos da pandemia e suas consequências;

Minha esposa, Itelvina Assis, a gata, em sua incansável jornada em transmitir segurança e amor;

Meu filho, Cassiano Carvalho, o menino prodígio, fonte de inspiração para superação de todos os vilões que persistem em incomodar;

Aos meus pais, Valmir Gama, o gigante esmeralda, por sempre se manter firme a frente dos obstáculos, a minha mãe, Maria do Socorro dos Santos, a tempestade, movedora dos céus e terras para nos manter sempre inabaláveis;

Aos meus irmãos Herysson Carvalho, o homem de aço, Rickyson Carvalho, o primeiro vingador, Lara Carvalho, a menina morcego e Raiana dos Santos, a filha de Trygon, cada um venceu um grande vilão: câncer, sopro no coração e entre outros; Também ao meu sobrinho, Isaque Carvalho, o pequeno esmeralda, minha filha e neto de coração, Regilane Assis e Eduardo Assis, a menina maravilha e o robin vermelho.

Ao meu mestre herói, orientador e amigo, Prof. José Camilo Ramos de Souza, o que seria do cavaleiro das trevas sem o seu aliado mais importante, sem ele, simplesmente, não haveria o morcego. Por vezes e vezes fornecendo sabedoria, indicando os melhores caminhos e ainda oferecendo palavras de conforto em momentos de aflição;

Aos outros mestres pertencentes ao programa de mestrado ou não, em especial: Profa. Lucélida Costa e Waldirene Ribeiro por contribuições durante as diversas etapas da construção dessa pesquisa. Ao Prof. Geraldo Souza por ensinar os caminhos da escrita;

Aos muitos heróis amigos, infelizmente não há como citar todos, em especial, Anne Dirane, James Batista, Naiara Ferreira e Vanessa Meireles pelos conselhos e contribuições; A outra amiga bem especial Norbelis Tamoyo, venezuelana, junto com alunos venezuelanos e haitianos que tive o prazer de cruzar na sala de aula.

Aos amigos e companheiros de turma do mestrado e secretaria;

Também agradecer a contribuição da UEA, CAPES e a SEDUC-AM.

RESUMO

Ensinar Ciências não é uma ação simples. Ela se torna ainda mais complexa quando na classe de alunos há sujeitos estrangeiros que não possuem domínio do idioma português. Esta situação se tornou ainda mais corriqueira com a vinda em massa de imigrantes venezuelanos para a cidade de Manaus, o que fez com que o número de alunos desta nacionalidade matriculados na rede estadual básica de ensino crescesse de forma exponencial. Diante desta dificuldade, compete ao professor fazer uso de recursos que possam tornar o aprendizado destes alunos mais profícuo. Neste contexto, as histórias em quadrinhos representam uma relevante alternativa para a explicação dos fenômenos e conceitos de forma mais dinâmica. O objetivo geral do estudo consistiu em analisar como a história em quadrinhos torna-se um importante recurso pedagógico para o ensino e aprendizagem de estudantes imigrantes venezuelanos sobre a preservação dos igarapés de Manaus. Os procedimentos metodológicos abarcaram a pesquisa bibliográfica e exploratória, com abordagem qualitativa, sendo a perspectiva fenomenológica o eixo estruturante do estudo. Criou-se uma história em quadrinhos cuja temática central é a preservação dos igarapés de Manaus. O enredo conta com três personagens: a) Lara: jovem de 12 anos e manauara; b) Vó Naiara: professora aposentada e avó de Lara, e; c) Pablo, jovem venezuelano colega de classe de Lara. Os diálogos presentes na história, bem como o enredo desenvolvido podem desencadear debates sobre a temática da poluição, estimulando assim a participação dos estudantes em seu itinerário formativo. Desta maneira, a utilização das HQ no ensino de Ciências representa uma alternativa válida para tornar a explicação dos conceitos pertinentes a este campo do saber menos cansativa e mais atraente para os alunos. O estudo concluiu que o ensino de Ciências para imigrantes venezuelanos por meio das histórias em quadrinhos é uma solução viável, cuja utilidade não se restringe apenas para a ministração de conteúdos, mas também para o engajamento destes estudantes em causas que influenciam diretamente na sua qualidade de vida. Assim, as histórias em quadrinhos não somente podem ser vistas como um recurso didático pertinente, mas também uma maneira de ensinar valores e atitudes diligentes em prol da preservação do meio ambiente e, por conseguinte, a construção de um mundo melhor e mais justo para se viver.

Palavras-chave: Imigrantes venezuelanos. Ensino de Ciências. Igarapés de Manaus. História em quadrinhos.

ABSTRACT

Teaching Science is not a simple action. It becomes even more complex when there are foreign subjects in the class of students who do not have command of the Portuguese language. This situation became even more common with the mass arrival of Venezuelan immigrants to the city of Manaus, which made the number of students of this nationality enrolled in the state basic education network grow exponentially. Faced with this difficulty, it is up to the teacher to make use of resources that can make the learning of these students more fruitful. In this context, comics represent a relevant alternative for the explanation of phenomena and concepts in a more dynamic way. The general objective of the study was to analyze how the comic book becomes an important pedagogical resource for the teaching and learning of Venezuelan immigrant students about the preservation of the creeks of Manaus. The methodological procedures included bibliographic and exploratory research, with a qualitative approach, with the phenomenological perspective being the structuring axis of the study. A comic book was created whose central theme is the preservation of the creeks of Manaus. The plot has three characters: a) Lara: a 12-year-old man from Manaus; b) Vó Naiara: retired teacher and grandmother of Lara, and; c) Pablo, a young Venezuelan classmate of Lara's. The dialogues present in the story, as well as the plot developed can trigger debates on the theme of pollution, thus stimulating the participation of students in their training itinerary. In this way, the use of comics in science teaching represents a valid alternative to make the explanation of concepts relevant to this field of knowledge less tiring and more attractive for students. The study concluded that the teaching of Science to Venezuelan immigrants through comics is a viable solution, whose usefulness is not restricted only to the delivery of content, but also to the engagement of these students in causes that directly influence their quality of education. Thus, comics can not only be seen as a relevant didactic resource, but also a way of teaching values and diligent attitudes towards the preservation of the environment and, therefore, the construction of a better and fairer world to live in. to live.

Keywords: Venezuelan immigrants. Science teaching. Manaus creeks. Comic Book.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O menino amarelo.....	34
Figura 2 - As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora.....	35
Figura 3 – Tico Tico.....	35
Figura 4 – Turma da Mônica.....	41
Figura 5 – A morte de Batman.....	42
Figura 6 - X – <i>Men Adventures</i> 1 e 2.....	42
Figura 7 - Vamos Vencer o Corona Vírus.....	43
Figura 8 – Hagar.....	43
Figura 9 – Grump.....	44
Figura 10 - Tipos de Balões.....	45
Figura 11 - Metáfora visual.....	46
Figura 12 – Mickey.....	48
Figura 13 – <i>One Piece</i>	48
Figura 14 – A negação da pandemia.....	49
Figura 15 – Afogamento de criança imigrante.....	62
Figura 16 - Rota da fome (Fluxo migratório de venezuelanos em Roraima).....	74
Figura 17 – Capa colorida.....	100
Figura 18 – Página 01 colorida.....	102
Figura 19 – Página 02 colorida.....	104
Figura 20 – Página 03 colorida.....	105
Figura 21 – Página 04 a grafite.....	106
Figura 22 – Página 05 colorida.....	108
Figura 23 - Página 06 a grafite.....	109
Figura 24 - Página 07 colorida.....	111
Figura 25 - Página 08 a grafite.....	112
Figura 26 – Página 09 colorida.....	113
Figura 27 - Página 10 a grafite.....	115
Figura 28 - Página 11 colorida.....	116
Figura 29 - Limpeza de igarapé no bairro São Jorge em Manaus.....	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de HQ.....	40
Quadro 2 – Simbologia nas HQ.....	44
Quadro 3 – Elementos de uma HQ.....	47
Quadro 4 - Proposta curricular do ensino fundamental 6º ao 9º da SEDUC-AM – Assunto Água em Geografia e Ciências.....	88
Quadro 5 - Descrição do roteiro em duas línguas (português e espanhol).....	90
Quadro 6 – Quadro Lógico-Metodológico.....	94

LISTA DE SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas Para os Refugiados
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CEPAL - Comissão Econômica para América Latina e o Caribe
CMF - Cartão de Mobilidade Fronteiriça
CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados
CNDH - Conselho Nacional de Direitos Humanos
CNIg - Conselho Nacional de Imigração
CRAI's - Centros de Referência e Acolhida a Migrantes e Refugiados
DESC - Direitos Econômicos, Sociais e Culturais
DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA – Estatuto da Criança e Adolescente
FIOCRUZ/AM – Fundação Oswaldo Cruz do Estado do Amazonas
FMI - Fundo Monetário Internacional
HQ – História em quadrinho
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IFB - Instituto Federal de Brasília
IFRJ - Instituto Federal do Rio de Janeiro
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE - Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
OIM - Organização Internacional para as Migrações
OMS - Organização Mundial de Saúde
ONG - Organização Não Governamental
ONU - Organização das Nações Unidas
OVV - Observatório Venezuelano de Violência
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDUC/AM: Secretaria de Educação do Estado do Amazonas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

ZFM – Zona Franca de Manaus

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 DIÁLOGOS CONCEITUAIS ENTRE O ENSINO DE CIÊNCIAS E HISTÓRIA EM QUADRINHOS	22
2.1 O ato de rabiscar atrelado ao ensino e a leitura do mundo	22
2.2 Rabiscando o ensino de Ciências.....	25
2.3 Rabiscando um breve resumo da história das histórias em quadrinhos.....	34
2.4 Rabiscando o conceito de história em quadrinho	39
2.5 Rabiscando o ensino através das histórias em quadrinhos	51
3 RABISCANDO A MIGRAÇÃO E A EDUCAÇÃO: UM POSSÍVEL CONFORTO NO HORIZONTE.....	61
3.1 Rabiscando o conceito migração, imigração emigração.....	61
3.2 Rabiscando a imigração venezuelana.....	69
3.3 Rabiscando sobre a educação de imigrantes	79
4 RABISCANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA	88
4.1 Sobre a HQ: rabiscando as ideias e passos de construção	89
4.2 Rabiscando o planejamento e a construção dos personagens da HQ.....	90
4.3 Rabiscando a construção da temática da HQ	92
4.4 Como ensinar com HQ na sala de aula.....	97
4.5 Rabiscando o processo de avaliação da HQ	99
4.6 Rabiscando a organização e análise dos dados da avaliação da HQ.....	100
RABISCOS CONCLUSIVOS.....	122
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE A - ESBOÇO PERSONAGEM IARA.....	144
APÊNDICE B – ESBOÇO VÓ NAIARA	145
APÊNDICE C – ESBOÇO DA CAPA.....	146
APÊNDICE D – PÁGINA 1 A GRAFITE.....	147
APÊNDICE E – PÁGINA 2 A GRAFITE	148
APÊNDICE F – PÁGINA 3 A GRAFITE	149
APÊNDICE G – PÁGINA 4 A GRAFITE	150
APÊNDICE H – PÁGINA 5 A GRAFITE.....	151
APÊNDICE I – PÁGINA 6 A GRAFITE	152
APÊNDICE J – PÁGINA 7 A GRAFITE	153
APÊNDICE K – PÁGINA 8 A GRAFITE.....	154

APÊNDICE L – PÁGINA 9 A GRAFITE	155
APÊNDICE M – PÁGINA 10 A GRAFITE	156
APÊNDICE N – PÁGINA 11 A GRAFITE.....	157

1 INTRODUÇÃO

Ensinar é aprender e desafiar-se a si mesmo. Cada dia e a cada tempo de aula, novidades são apresentadas aos partícipes do espaço escolar. Cada escola, cada turma, cada aluno, um rosto, um mundo vivido, uma compreensão. Na segunda década do século XXI, o Brasil recebe uma quantidade expressiva de imigrantes: angolanos, bolivianos, chineses, haitianos, paraguaios, venezuelanos, dentre outros. A globalização com suas conexões possibilita o encurtamento e o vencimento dessas distâncias.

Os venezuelanos imigraram massivamente para Roraima, estado fronteiriço e depois para os demais estados do Brasil. No estado do Amazonas, também localizado na Região Norte, não poderia ser diferente. A proximidade fronteiriça de Roraima provocou também a vinda de muitos venezuelanos para os municípios amazônicos, principalmente Presidente Figueiredo (AM) e a capital do estado, Manaus. Com passar dos anos e diante dos inúmeros obstáculos, os venezuelanos ocupam determinados espaços e agora tornou-se habitual encontrar alguém falando espanhol nessas cidades. E a escola não seria diferente.

Na diáspora venezuelana, famílias inteiras deslocaram-se para o Brasil. Neste bojo, as crianças e adolescentes também vieram, precisando e querendo ser escolarizadas. A legislação brasileira defende a inclusão de imigrantes nas escolas públicas (BRASIL, 2020). No entanto, como ensinar alguém que utiliza outro idioma? As infraestruturas escolares são suficientes? Os materiais didáticos servem? Os profissionais da educação são aptos ou se não são, são preparados para o enfrentamento da questão? Como aproveitar seus conhecimentos originários e como inseri-los nos novos sem extinguir anteriores?

Segundo a Secretaria de Educação do estado do Amazonas (SEDUC-AM): a) em 2017 foram matriculados em escolas públicas estaduais 103 venezuelanos; b) em 2018 este número subiu para 189 alunos, e; c) em 2020, houve o crescimento deste montante para 3074 alunos imigrantes venezuelanos, o que representa um aumento gigantesco de estudantes estrangeiros oriundos da Venezuela matriculados na rede estadual básica de educação.

Na sala de aula, o estudante imigrante é excluído diretamente devido ao idioma diferente, afinal leva tempo para ele aprender sobre o novo idioma e o problema não se

restringe apenas ao idioma, mas também aos hábitos e costumes. Indiretamente, os conteúdos não são compreendidos, ainda por causa do idioma, apesar da “proximidade” do português e o espanhol. Todavia, termos técnicos precisam ser debruçados com rigor. A interação com o professor e o restante da turma ocorre por meio da fala, do diálogo. Mas complexo ainda é o caso dos haitianos, posto que o seu idioma não é nada parecido com a língua portuguesa.

Nos anos de 2017, 2018 e 2020 lecionei Geografia para haitianos e venezuelanos. Ao final, o ano foi improdutivo, diante das salas já superlotadas de brasileiros, não consegui dar a devida atenção a esses alunos. Aprenderam com muita dificuldade ou quase nada e com muita dificuldade os entendia, o que tornava o processo de aprendizagem contraproducente. Nesse cenário, o professor precisa ter a preocupação de encontrar instrumentos que possam servir como fundamento para a inclusão do estudante imigrante venezuelano no processo de ensino-aprendizagem e isso exige disponibilidade para elaboração de estratégias.

Contudo, a realidade é outra, devido à novidade do fenômeno da imigração venezuelana, há pouca literatura disponível para prestar suporte e servir de base aos profissionais da educação. Diante dessa escassez de metodologias educativas para os estudantes imigrantes venezuelanos no ensino de Ciências, considera-se que a produção de história em quadrinho ou HQ pode auxiliar o professor no ensino do tema em Ciências, bem como desenvolver a aproximação do aluno, despertando conscientização e valorização através de uma linguagem atrativa e universal.

Na interpretação de Nascimento-e-Silva (2012), uma pesquisa científica para assim ser considerada necessita mandatoriamente estar atrelada a uma indagação de pesquisa. É necessário esclarecer a diferenciação entre problema de pesquisa e questões norteadoras. O problema de pesquisa, conforme sugerido por Lukosevicius (2018) como o próprio nome sugere representa algo que carece de solução: cabe ao pesquisador por meio de sua investigação científica buscar a resposta que possa suprir adequadamente a esta indagação chamada de problema. No decurso da prática de pesquisa há também as questões norteadoras (BREI; VIEIRA; MATOS, 2014), as quais por sua vez são desdobramentos do problema de pesquisa.

Diante da ausência de metodologia ou recurso didático adequado para o tratamento do problema no ensino de Ciências, surge a seguinte problemática: Como a

produção de história em quadrinho pode colaborar para a aprendizagem da concepção de importantes conteúdos relacionados ao ensino de Ciências ou transdisciplinares?

Como ramificações deste problema de pesquisa, surgem as seguintes questões norteadoras:

a) A promoção da produção e leitura de história em quadrinho como recurso didático-pedagógico pode agregar valor para a educação de estudantes imigrantes venezuelanos?

b) Quais contribuições uma história em quadrinhos sobre a preservação dos igarapés de Manaus pode gerar para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem de estudantes imigrantes venezuelanos?

c) Como docentes e discentes brasileiros e estrangeiros podem utilizar em suas práticas pedagógicas uma história em quadrinho sobre a preservação dos igarapés de Manaus?

Antes de tudo, cabe salientar, que nesse momento da pesquisa atravessamos a pandemia de Covid-19 (GAMA NETO, 2020). Por conta disso, os governos em escala mundial, impuseram regras de distanciamento social (SILVA; NASCIMENTO-E-SILVA, 2020). Por conseguinte, as aulas presenciais foram suspensas observando as estatísticas de contágio e letalidade de cada localidade, principalmente no estado do Amazonas que já enfrentou duas ondas pandêmicas resultando em mais de 10.000 mortes, milhares de infectados (PORTAL G1, 2021).

Devido a este contexto, a pesquisa precisou ser estruturada para esta nova realidade. Orquestrava-se desenvolver a construção e a aplicação de um recurso didático-pedagógico (história em quadrinho) em um ambiente escolar com estudantes imigrantes venezuelanos em escolas públicas estaduais de Manaus. No entanto, por conta dos reveses gerados com o novo Coronavírus, isto não se tornou possível. Consequentemente, estruturou-se a pesquisa para construção de um recurso didático, nesse caso, uma história em quadrinho, relacionado a um conteúdo do ensino de Ciências para estudantes imigrantes venezuelanos.

A doçura e a amargura dos saberes científicos dispostos no ensino de Ciências percorrem um caminho perigoso. O desbalanceamento pode inferir diretamente na satisfação ou na rejeição do estudante. O sabor nem deve ser doce ou amargo demais. Cada detalhe é importante, por exemplo, o visual também prevalece antes do saborear do

aluno. Gostando ou não, o ensino de Ciências apresenta caminhos para interpretação e busca de soluções para diversos problemas de nossa sociedade.

Devido ao ensino mecanizado e tradicional, mais do que enraizado majoritariamente nas escolas brasileiras (SAVIANI, 2009), os alunos percebem a disciplina como um emaranhado de fórmulas, cálculos, termos técnicos difíceis de serem compreendidos, aplicados e destoantes de sua realidade. Se, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o estado do Amazonas na modalidade do ensino médio dentre 26 estados mais o Distrito Federal ocupa a 22^o posição. Os índices também se assemelham no ensino fundamental I e II, refletindo diretamente nos indicadores sociais.

Dificuldade maior ainda ensinar os estudantes imigrantes. Dessa forma, necessita-se tornar o conteúdo menos maçante e mais atrativo aos estudantes. Explorando alternativas com diferentes formas e técnicas para resolver uma atividade. Partindo dessa premissa, o estudante independente de sua nacionalidade, precisa assumir o protagonismo da produção de conhecimento da instituição de ensino, em outras palavras, ele deve ser provocado a transpassar a memorização e a repetição de tarefas. O contraponto a isto é o prazer nas descobertas, nas elaborações de hipóteses, nas práticas experimentais e na participação nos debates sob a égide da proposição de soluções aos problemas apresentados (FREIRE, 1996; BERBEL, 2012).

Essas estratégias podem ser proporcionadas através de recursos didáticos como vídeos, dispositivos eletrônicos, teatros, jogos, desenho animado, história em quadrinho e muitos outros. Mecanismos estes que podem desmitificar o ensino de Ciências como uma disciplina repleta de leis isoladas para os alunos decorarem e termos científicos difíceis de serem contextualizados. Por este ângulo, o uso de história em quadrinho pode auxiliar na compreensão dos conteúdos disciplinares contribuindo para o desenvolvimento do ensino aprendizagem em ensino de Ciências, principalmente para estudantes imigrantes venezuelanos. Ainda, justifica-se a pesquisa pelo fomento dado à interdisciplinaridade e à transversalidade dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) e pelo desejo específico de trabalhar com ferramenta metodológica, com possibilidades de transformar o trabalho em sala de aula mais prazeroso, tanto para o aluno quanto para o professor.

O objetivo geral do estudo consiste em analisar como a história em quadrinho construída torna-se um importante recurso pedagógico para auxiliar o ensino e aprendizagem de estudantes imigrantes venezuelanos sobre a preservação dos igarapés de Manaus.

Para atendimento deste intento que constitui no cerne de pesquisa do estudo, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos:

- a) Verificar as bases conceituais da história em quadrinhos como recurso pedagógico para o ensino de Ciências;
- b) Discorrer sobre os conceitos de migração, imigração e emigração, educação de imigrantes no Brasil e educação de venezuelanos no Amazonas;
- c) Produzir uma história em quadrinhos para ensinar sobre a necessidade da preservação dos igarapés na cidade de Manaus.

A motivação para a realização do estudo está embasada em dois fatores preponderantes. O primeiro deles diz respeito a já mencionada escassez de literatura que trate sobre as metodologias de ensino trabalhadas junto aos alunos venezuelanos. Esta questão da imigração em massa dos habitantes de um país para o outro gera problemas não somente de ordem social e econômica, mas também educacional. A Constituição Federal (BRASIL, 1988) deixa claro em seu teor que a educação é um direito fundamental do cidadão. Todavia, além de estabelecer este direito, o Estado precisa também gerar as condições necessárias para que o usufruto não só da educação como também de outros elementos primordiais para a cidadania aconteça em sua plenitude. É preciso que outros estudos sob diferentes enfoques sejam realizados tendo o ensino de imigrantes como cerne para que o estado da arte pertinente a esta temática seja devidamente fortalecido.

O segundo motivo que encorajou o estudo é de natureza prática e parte das vivências e dificuldades experienciadas pelo autor da dissertação no campo da educação com imigrantes venezuelanos. É perceptível que este fenômeno da imigração em massa dos nascidos na Venezuela e demais países para o Brasil gera um contexto desafiador em diversos campos de ação do poder público no campo da moradia, segurança, saúde e principalmente educação. No que se refere ao âmbito educacional, é preciso que a problemática do ensino de imigrantes no Brasil tenha o seu debate ampliado, posto que a educação é um eixo estruturante necessário para construir a autonomia e emancipação do cidadão (MOURA, 2012; RAMOS, 2017; ZABALA, 1998). É por meio dela que o aluno

deixa de ser um ser autômato e se torna autônomo, com capacidade de colaborar e intervir gerando soluções criativas em seus respectivos ambientes de convívio (ANDRADE, 2016; BERBEL, 2012).

Além dos motivos já expostos, espera-se que por meio da utilização da história em quadrinho como recurso pedagógico as seguintes competências da vigente Base Nacional Comum Curricular – BNCC - (BRASIL, 2017) sejam potencializadas nos alunos: a) Conhecimento: valorização e uso do conhecimento para compreensão da realidade, com vistas à construção de uma sociedade mais equânime; b) pensamento crítico, científico e criativo: diz respeito ao despertar de um senso investigativo, o qual é conexo com a abordagem científica visando à criação e proposta de solução aos problemas reais do cotidiano; c) empatia e cooperação: voltada a fomentar o dialogismo e a ajuda mútua para solução de conflitos, gerando empatia com o próximo, e; d) responsabilidade e cidadania: despertar nos estudantes atitudes responsáveis, as quais feitas sob a égide de ética, sustentabilidade e solidariedade, contribuem para um mundo melhor de se viver.

No que concerne à criação da história em quadrinho em destaque neste estudo, considera-se que não somente a expertise do pesquisador em desenhar foi tida como um dos fatores condicionantes para sua criação. A utilização deste recurso didático pode facilitar a compreensão dos conceitos no ensino de Ciências, sobretudo quando este é focalizado para um viés ambiental, tornando o aprendizado mais profícuo e produtivo (CAVALCANTE et al., 2015). Nos procedimentos metodológicos do estudo são descritos os passos percorridos para que a história em quadrinhos fosse materializada.

No que se refere a sua estrutura, a dissertação é composta por seis partes, cuja divisão se inicia com este primeiro trecho de cunho introdutório, no qual é descrito um panorama geral da pesquisa, seus objetivos e justificativa. Num segundo momento, o qual corresponde a primeira fase do marco teórico, é estabelecida uma correlação entre o ensino de Ciências e a história em quadrinho. Na terceira etapa é evidenciado o elo entre migração e educação, com ênfase para a situação dos venezuelanos no Brasil, mais especificamente em Manaus. No quarto tópico do estudo, são discriminados os procedimentos metodológicos utilizados para a criação de uma história em quadrinho cujo cerne temático é a preservação dos igarapés de Manaus. A quinta seção da dissertação descreve cada cena que compõem esta história em quadrinho, correlacionando-a com o

ensino de Ciências. O estudo finaliza com as considerações finais seguidas das referências que embasaram teoricamente a presente dissertação.

2 DIÁLOGOS CONCEITUAIS ENTRE O ENSINO DE CIÊNCIAS E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Pode-se considerar que por várias décadas o ensino de Ciências ficou no cerne das práticas comumente utilizadas no ensino tradicional (SAVIANI, 2009). Nesta perspectiva, o professor ministra os conteúdos e os alunos não são estimulados a raciocinar e a criar soluções para os problemas apresentados. Não há debate: apenas a repetição daquilo que o professor explica em sala de aula. Ocorre que este é modelo educacional deveras ultrapassado, o qual não contribui para o desenvolvimento do espírito crítico e a leitura de mundo dos alunos (BERBEL, 2012; FREIRE, 1996).

Este contexto somado as mudanças ocorridas nos PCN (BRASIL, 1998) fez com que o estilo tradicional passasse a ser gradualmente substituído por um modo mais interativo e dinâmico de se ministrar conteúdos. Neste contexto, os recursos didáticos e tecnologias educacionais passam a ganhar destaque. É nesse momento que as histórias em quadrinhos passam a se tornar mais presentes no cenário escolar. Uma das razões para que isto aconteça é mencionada no estudo feito por Ianesko et al. (2017), o qual diz as histórias em quadrinhos se mostram como recursos pertinentes para que os estudantes consigam compreender a lógica dos conceitos de forma menos mecânica e mais dinâmica, facilitando assim a internalização dos assuntos mediados pelo professor.

No ensino de Ciências, mais precisamente em matérias como Química ou Biologia, nem sempre os termos técnicos, como, por exemplo, as briófitas ou os haletos são palavras de fácil contextualização e aprendizado. É esta lacuna que as histórias em quadrinhos se propõem a preencher, posto que o uso delas nos processos de ensino e aprendizagem não somente estimula a leitura como também fomenta o debate e a participação dos estudantes sobre as temáticas estudadas (PIZARRO, 2009). Apesar da maioria dos estudos sobre histórias em quadrinhos e educação serem focalizados na educação básica, Santos e Garcia (2017) dizem que sua utilização pode ocorrer em qualquer fase do itinerário formativo, dado o caráter interativo e dinâmico deste recurso didático.

2.1 O ato de rabiscar atrelado ao ensino e a leitura do mundo

No ato de rabiscar colocamos em prática nossa imaginação, rabiscando sentimentos, rabiscando um personagem, um lugar, uma paisagem, o mundo que

percebemos. No rabiscar ocorre à reflexão. O rabiscar provoca surpresa, entusiasmo, descoberta. Perceber as mudanças que ocorreram, ocorrem e poderão ocorrer em si e no entorno. Afinal, quem nunca escutou uma velha expressão popular “uma imagem vale mais que mil palavras”, ou melhor, no contexto desta dissertação, mil perspectivas ou mil interpretações de acordo com o sujeito que aprecia ou construiu o rabisco. Fundamentado em Bachelard (1996), pode-se dizer que no rabiscar ocorre o rejuvenescimento espiritual, uma mudança, uma alternativa para expressar ou transformar a realidade.

Na ponta do grafite, o professor, impreterivelmente, transforma-se em uma lâmparina ou poronga, instrumento muito utilizado nos lugares mais inóspitos da grandiosa Amazônia pelo povo ribeirinho, para iluminar, guiar o aluno diante da escuridão e dos caminhos tortuosos do ensino-aprendizagem, nesse caso, amazônicos. Esta é uma realidade bem destoante das outras regiões do Brasil. Segundo Becker (1974), os fatores históricos e econômicos explicam o suposto isolamento e preservação. Primeiro, a Amazônia situa-se na parte mais setentrional, maior e continental do território brasileiro, característica desfavorável para um país que nasceu no Atlântico. Segundo, a posição distante dos centros controladores das decisões, antes representadas por Salvador e Rio de Janeiro e agora São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Terceiro, a posição equatorial abriga uma imensa massa florestal, associada aos seus rios não favoreceram os modelos rodoviários. Por conta disso, por sua posição e suas particularidades, permaneceu sob as rédeas de influências externas e marginalizada do sistema espacial nacional.

De acordo com Mortimer e Scott (2003, tradução nossa), de antemão, o professor deve ter cuidado de não ocorrer tentativas de substituição das ideias prévias dos alunos por ideias científicas e sim, a negociação de significados. Dito de outra forma: no desenvolvimento do diálogo, os professores devem guiar a exposição das distintas concepções culturais, tanto científicas quanto dos alunos, produzindo espaços para que aconteça a negociação das situações de origem e de emprego de cada um dos conhecimentos culturais abrangidos.

No entendimento de Carvalho et al. (1998), é o professor que sugere problemas a serem solucionados, conseqüentemente, irão produzir ideias quando debatidas, possibilitarão a horizontalização dos conhecimentos prévios, provocando oportunidades para a reflexão, transpassando as atividades puramente práticas, ao mesmo tempo,

definindo métodos de trabalho coletivos e colaborativos em um ambiente na sala de aula, onde qualquer ideia será respeitada (BERBEL, 2012).

De acordo com Freire (1975), ensinar é proporcionar a possibilidade de leitura da realidade e transformá-la, introduzindo sentido à vida cotidiana, junto de seus conhecimentos. Além disso, Freire (1975) explana que o professor estimula a produção de conhecimentos e seu entendimento, incitando o aluno através do diálogo, na permuta de experiência, utilizando conhecimentos que podem mudar sua realidade. Cavalcanti (2012) discorre justamente sobre a importância da escola em promover a união dessa relação, quando afirma: a escola tem essa finalidade de envolver o cotidiano com o desejo de submeter uma reflexão sobre o próprio cotidiano a começar de uma relação com o conhecimento científico.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2009, confeccionado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 195 milhões de pessoas, uma estimativa, residiam fora de seus países de origem, montante este que representava em torno de 3% da população mundial. Vale ressaltar, cerca de 60% desses imigrantes moravam em países desenvolvidos, ricos e industrializados.

No entendimento de Sayad (1998), a migração define-se como um fenômeno coletivo e individual que deve ser observado através da interação das Ciências Sociais com as contribuições de diversas disciplinas, como Geografia, História, Economia, Demografia, Psicologia, Direito, Política e Antropologia. Além disso, Sayad (1998) salienta que as migrações podem ser internas (quando acontecem dentro do mesmo país ou região), ou internacionais (quando pessoas imigram de um país para outro). Uma das principais caracterizações para os deslocamentos populacionais internacionais classifica-se pela razão do movimento, podendo ser:

1. Espontâneos: deslocamentos voluntários;
2. Forçados: incentivados devido a perseguições políticas, étnicas ou religiosas;
3. Tutelados ou controlados: países que controlam a entrada de pessoas;
4. Por interesses econômicos de países desenvolvidos: países economicamente prósperos que precisam de mão de obra de alta qualificação para determinados setores.

Nos últimos anos, venezuelanos estão solicitando, massivamente, refúgio ao Brasil, com o objetivo de fugir da crise em que se encontra a Venezuela. O Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), nos anos de 2016 e 2017, registrou um aumento de 1.036%

no número de pedidos de refúgio de venezuelanos para o território brasileiro. Esses pedidos de refúgio são avaliados por este mesmo órgão que está associado ao Ministério da Justiça. Diga-se de passagem, esses pedidos demoram anos às vezes para serem analisados, por conseguinte, muitos venezuelanos, encontram-se ilegalmente no Brasil (BRASIL, 2017).

Devido a sua linguagem característica, as histórias reproduzidas através de sequências de imagens transformaram-se em uma das maneiras mais simples e ao mesmo tempo direta para transmissão de ideias, possibilitando incontáveis opções para o exercício da leitura. Contribuem, segundo Vergueiro (2004), para o desenvolvimento da competência da relação entre leitor e texto através de um processo de autodescoberta, no desafio da leitura, também lúdica, uma vez que promovem a imaginação para produção de histórias e a integração entre os estudantes.

Segundo Santos (2001), a linguagem das HQ quando usadas com maestria são aliados poderosos no ensino. A harmonia entre texto e ilustração facilita o entendimento dos conceitos que ficariam abstratos quando apenas são apresentados através das palavras. Na mesma linha de pensamento, os autores Rota e Izquierdo (2003, tradução nossa) defendem que as HQ são também ferramentas excepcionais de ensino-aprendizagem quando os docentes das escolas de ensino regular dispõem de acesso limitado a um determinado material específico para o ensino de alguns temas.

Os PCN de Ciências Naturais (BRASIL, 1997) orientam a utilização de várias fontes de informação nas aulas de Ciências e de recursos que devem simbolizar como principal preocupação por parte dos docentes, além do livro didático, outras fontes de textos informativos: enciclopédias, livros paradidáticos, artigos de jornais e revistas, folhetos de campanhas de saúde, de museus, textos da mídia informatizada, entre outros. Segundo o mesmo PCN Ciências Naturais (BRASIL, 1997), é primordial que o estudante consiga ter acesso a uma diversidade de textos informativos, posto que cada um deles tem estrutura e objetivos próprios.

2.2 Rabiscando o ensino de Ciências

Baseado em Bachelard (1996), pode-se afirmar que o professor é quem rabisca os caminhos das ciências para o estudante até a aprendizagem. Contudo, vale ressaltar, que essas dificuldades também envolvem a lamparina. Afinal, a lamparina não funciona no

estalar dos dedos. Ela precisa de combustível. E não basta abastecer qualquer combustível. Assim pode-se argumentar de acordo com Freire (1975), a educação não é delimitada a um mero campo de transmissão entre professor e aluno, mas, um ciclo recíproco de diálogo entre dois sujeitos. Não esquecendo que esses mesmos sujeitos estão revestidos de historicidade com pleno poder de decisões.

Para Nóvoa (1998), o professor é a pessoa e uma fração importante da pessoa é o professor. A maneira como cada um elabora a sua identidade profissional define modos diferentes de ser professor, delimitados pela definição de ideais educativas próprias, pela adoção de métodos e práticas que integram melhor com a sua forma de ser, pela escolha de estilos e de reflexão sobre a ação.

Em vista disso, em vez de identidade, o autor prefere tratar como processo identitário, um processo singular e complexo em virtude da maneira como cada um se apropria da sua própria história pessoal e profissional. Dessa maneira, ressalta-se, segundo Sacristán (1999), que a atividade docente é singular, resultado de simbologias, representações, fundamentos e experiências acumuladas por cada indivíduo em seu processo de construção particular e profissional.

Por vezes, leciona-se Ciências restringindo o estudante na relação pergunta-resposta, ceifando a construção de conhecimento junto de seus pares. Seguindo os ensinamentos de Freire (1975), pode-se dizer que a educação não pode ser tornar uma prática de depósito de conteúdos alicerçada numa visão de homens como seres vazios, ou mesmo, apenas a memorização de fórmulas, mas de problematização dos homens em suas relações com o mundo. Por conta disso, segundo o mesmo autor, a educação problematizadora justifica-se na relação dialógica entre educador e educando, que ofereça aos dois aprenderem juntos, através de um processo emancipatório.

Compartilhando da mesma ideia Krasilchik (1987) afirma que as barreiras encontradas nas aulas do ensino de Ciências estão associadas à pouquíssima ou quase nenhuma relação entre a realidade dos alunos e a sala de aula. De acordo com o mesmo autor, o ensino não tem sentido ou mesmo um vínculo com a construção intelectual e emocional dos alunos. Em consequência disso, os estudantes apresentam passividade frente ao seu cotidiano, frente aos seus problemas pessoais, acadêmicos ou profissionais, tendo em vista que seu aprendizado nada oferece para seu contexto. Para Campanario e Moya (1999), muitos alunos imaginam que o conhecimento científico está estruturado na

figura de equações e definições que necessitam ser memorizadas. Além disso, estes mesmos autores relatam que atualmente se entende que esses pensamentos se configuram como uma enorme barreira ao aprendizado científico e são responsáveis pelas fragilidades das concepções estabelecidas para o ensino de Ciências.

Na opinião de Ribeiro (1998), o aprendizado é um processo complexo, não acontece de forma retilínea ou por acréscimo, de modo a juntar quaisquer novos elementos ao que conhecíamos anteriormente. Ainda consoante Ribeiro (1998), o aprendizado fundamenta-se em redes de conexão que cada indivíduo faz reestruturando relações singulares que se ampliam e ganham novos sentidos à medida que é capaz de desenvolver novas relações, colaborando na resolução de problemas que iluminam questões novas desbravando-se para aprendizagens mais complexas.

Na mesma linha de raciocínio Castellar (2005), defende que a aprendizagem é percebida como um processo de relação social que produz uma adaptação das estruturas mentais do indivíduo, isto é, um processo de conquista de consciência pelo discente, das características do objeto e das suas próprias ações ou saberes empregados aos objetos.

Bachelard (1996) discute sobre essa relação quando defende que a existência social, fundamentada no mundo vivido, não exige do indivíduo a proficiência sistemática de uma linguagem científica, todavia se refletir as etapas de escolarização na vida, percebe-se necessidade da alfabetização científica, uma circunstância fundamental de domínio de produção e do conhecimento científico responsável em promover um raciocínio sistemático sobre os acontecimentos da natureza e da sociedade exigindo métodos científicos. Dessa maneira, na visão de Bachelard (1996), ocorre a imposição durante o processo de escolarização não somente da reprodução de conteúdo nas variadas áreas de conhecimentos, como das ciências da natureza ou humanas, porém, a prática, mesmo na iniciação científica da ação de pensar fomentado pelos procedimentos metodológicos, no sentido de que o estudante ganhe a habilidade de construir questões relacionadas aos processos que conduziram a determinado desfecho investigativo.

Em seio familiar, a criança é ensinada a respeitar regras, seguir padrões, condutas, valores morais, éticos e religiosos. São robotizadas. O obedecer sem impor suas vontades. O descobrimento para o mundo é dirigido por uma vontade de cunho, geralmente, econômico dos pais ou responsáveis, fundamentados em uma ideologia discrepante de sua realidade ou mesmo a um sentimento nostálgico de sua meninice.

Sejam médicos, advogados ou engenheiros, as outras profissões não importam, ignorando os muitos talentos da criança.

Para Marx (1980), essa manipulação social ocorre através do fetichismo da mercadoria, ou a atribuição de valores a objetos associados ao modo de produção capitalista.¹ Ainda para Marx (1980, p. 41): “A mercadoria é, antes de qualquer coisa, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia”.

Bourdieu (2001) reforça a concepção anterior quando defende que a classe dominante infligem, como regra universal, os fundamentos que adotam nas suas próprias práticas. Com a ascensão da direita e extrema direita aos principais postos políticos do território brasileiro no ano de 2018, a discussão da interferência da educação familiar na educação escolar está em visibilidade. Inclusive, pauta do candidato vencedor e bastante apoiada por seus seguidores e algumas consequências podem ser percebidas.

Um exemplo bastante oportuno no Brasil e no mundo todo é a luta contra o COVID-19, quando a população se recusa por diversos motivos a seguir os protocolos de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) contribuindo para propagação do vírus (GOVERNO DO AMAZONAS, 2021). Outro exemplo mais específico da área do ensino de Ciências são discussões descabidas, equivocadas e caluniosas sobre como o professor deve ensinar sobre os órgãos reprodutores do corpo humano, conteúdo do ensino de Ciências do 8º ano do ensino fundamental II (COSTA, 2018).

Matthews (1994) argumenta que a defesa da ciência na escola é fundamental, ou mesmo, indispensável para saúde intelectual de uma sociedade. Para o mesmo autor, percepções recheadas de irracionalidades e pseudocientíficas estão incrustadas na cultura ocidental ou em outras palavras, a “anticiência” ou negacionismo torna-se cada vez mais popular. Acrescentam-se as matérias jornalísticas para esse determinado objetivo. Ainda para Matthews (1994), apesar dos defeitos, a ciência é o pilar da luta contra a superstição, ignorância e preconceito. Ela oportuniza uma força descomunal,

¹ Modo de Produção Capitalista consiste em ser uma relação social entre uma dupla de classes. De um lado a burguesia, devido seu monopólio a partir dos meios de produção e do dinheiro, o que contribui para que consiga explorar a outra classe, que é a de trabalhadores, este não sendo proprietários de algo a não ser a própria força de trabalho se vê forçada a vender, não pelo que merece, mas pelo que querem pagar. Deve-se ter sempre em mente que o fim último da produção, é a partir de então a finalidade da burguesia, ou seja, a criação de um produto com valor que permitirá a acumulação privada, esta, de capital e, não, a satisfação, eliminação da penúria, necessidades da maioria dos membros da sociedade.

embora acanhada em algumas ocasiões, que neutraliza uma tendência natural dos indivíduos de analisar circunstâncias a partir de suas próprias experiências.

Para Moreira (2004), o ensino de Ciências tem a finalidade de conduzir o estudante ao entendimento de significados no contexto das ciências, ou seja, compreender o mundo a partir da perspectiva das ciências, dominar conceitos, teorias científicas ou leis, discutir problemas pautados em dados científicos, diagnosticar concepções históricas, epistemológicas, sociais e culturais das ciências. No entendimento de Chassot (2003), o ensino de Ciências deve promover a todos, os conhecimentos e oportunidades do desenvolvimento de potencialidades indispensáveis para se guiarem em uma sociedade complexa, apreendendo o que está no seu entorno, apropriando-se de posição e interferindo em sua realidade.

Nas execuções das atividades diárias, as crianças praticam ciências mesmo sem saber, isto é, antes mesmo de entrarem na escola, no espaço formal de educação, as crianças já possuem saberes. Ao brincar com brinquedos comuns e principalmente os pedagógicos, construir objetos através de observações e experiências, mesmo não entendendo a magnitude de suas ações ou mesmo observando os seus pais ou responsáveis nas atividades cotidianas e “profissionais” como defende Souza (2013, p. 55-56) no caso dos estudantes ribeirinhos:

Neste processo a criança *crece em saberes*, porque está contida nos ensinamentos, a questão do *saber para sobreviver*, do *aprender para se defender* e assim manter o equilíbrio sociocultural-ambiental porque também é um guardião do lugar; tem que construir sem destruir, mesmo que seja acusado de destruidor, mas saber o que pode pegar do meio natural sem afetar o sistema. Sabe que não pode tirar além do permitido, porque vai lhe faltar algum dia. Esses saberes são pouco aproveitados na escola, não há um verdadeiro aproveitamento dos saberes vivido, tornam-se irrisórios.

À primeira vista, supõe-se erroneamente que as práticas dos conhecimentos científicos não ocorressem ou não existissem antes da escola. Não há um aproveitamento desses saberes para construção de um melhor ensino-aprendizagem. Consequências de um pensamento moderno que se constitui de um sistema de distinções visíveis e invisíveis, ainda que as invisíveis se apoiem nas visíveis. Para os mesmos autores, as visíveis são estruturas por meio de linhas extremas que fragmentam a realidade social dubiamente (BOAVENTURA; MENESES, 2019)

Esta dubiedade provoca o enfraquecimento ou mesmo o desaparecimento de um lado, ou seja, tudo aquilo que é produzido é classificado dessa forma, irrelevante. A

característica primordial desse pensamento abissal é a impossibilidade de coexistência. Pode-se representar como o invisível, os conhecimentos populares, leigos, camponeses ou indígenas. Pois, se apequenam diante dos conhecimentos comensuráveis. De acordo com Boaventura e Meneses (2019, p. 31), “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal”.

Para Moreira (2004), a própria escola desconsidera o erro como um recurso humano, por excelência, para produção do conhecimento. Para escola, dedicar-se dos erros daqueles que imaginavam ter descobertos fatos indispensáveis e verdades preponderantes é perda de tempo. Segundo o mesmo autor, ao revestir-se disso, a escola demonstra ao estudante a concepção de que o saber correto, ou definitivo, é o saber que se tem do mundo real, hoje, quando de fato, ele é passageiro, ou melhor, errado. Na concepção de Bachelard (1996), no espaço escolar não pode existir professores oniscientes, aplicando um dogmatismo aniquilador da cultura, ao mesmo tempo imposto simplesmente como dado absoluto.

De acordo com Chassot (2003), aflorar saberes científicos por meio do lugar de vida e dos conhecimentos estruturados neles representa uma forma de demonstrar a construção histórica da ciência. Não é somente comunicar: todavia, produzir conhecimento, onde cada informação do estudante transforme e ajude na sistematização do aprendizado de ciências. Ainda mais que crianças são curiosas, questionam regularmente os acontecimentos, os fenômenos naturais e sociais e querem explicações, por que disso, por que daquilo, das perguntas mais simples as mais complexas. Tudo que está a sua vista e de seus sentidos são indagados, ou seja, um desperdício colossal em não aproveitar essa fase “cientista”.

Nas palavras de Merleau-Ponty (1996, p. 28) “O visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se apreende com os sentidos.” O professor ao elaborar o processo de ensino na sala de aula, entende que o aprender envolve perceber o mundo que está ao seu redor. Já o estudante, tem um mundo vivido, onde estrutura significados sobre a sua existência, por exemplo, para ele a floresta tem um significado, por outro lado, para a ciência tem outro parecido ou distante, ou diferente, e o professor como sujeito, constituído de sensibilidades e percepções, oportuniza o saber proporcionado do estudante no mundo vivido e do mundo da ciência para configurar relações existenciais.

As práticas de ensino requerem a compreensão da essência do mundo dos sujeitos que estão no processo de escolarização, por entender que para perceber algo no mundo, o estudante, vive as experiências, para entender que o mundo está em seu entorno está para ser construído, inserindo nessa relação o mundo científico, como saber que representa explicações do mundo vivido, ensiná-los, que a percepção, o vivido deles é a fonte de todo o conhecimento que irão aprender por todas suas vidas, incentivá-los a reaprenderem a verem o mundo vivido, através de relações com conhecimentos sócio culturais, sócio científico, por meio de trocas de experiências conectadas ao local de vida (MERLEAU-PONTY, 1996).

Segundo Gadotti (2008), o professor necessita conhecer sobre muito para lecionar. Contudo, para o mesmo autor, o detalhe mais importante não é o que é preciso saber para lecionar, mas, como devemos ser para ensinar. O primordial é não mortificar a criança que existe dentro de nós. Extingui-la seria uma maneira de tirar a vida do estudante que está à frente. O educando somente aprenderá quando possuir um projeto de vida e sentir prazer no que está absorvendo. O aluno quer instruir-se, mas nem sempre quer compreender o que lhe é transmitido.

O professor deve aprender a lidar com a rebeldia do estudante que é um reflexo de sua vitalidade, uma representação de inteligência e de sua tentativa de aprender. Por conseguinte, deve ser redirecionada para a criatividade social e não para violência. O ensino de Ciências deve estimular a curiosidade, ser atrativo e prazeroso segundo Cachapuz, Praia e Jorge (2004). Para os mesmos autores, o professor deve buscar explorar os saberes dos alunos assimilados no mundo onde vivem a começar da visão de cada um, neste sentido, facilitando, despertar o gosto pelo estudo.

Na mesma linha de raciocínio, Moreira (2004) defende que o professor necessita lidar com as percepções dos alunos na sala de aula. Depreende-se que a ideia de percepção/representação produz a concepção de o que se enxerga é fruto do que se acredita do mundo. Para Moreira (2004), o professor será o mediador do conhecimento. Dar voz ao aluno resulta em utilizar estratégias nas quais os alunos possam debater, negociar significados entre si, expor oralmente a coletividade o produto de suas atividades conjuntas, receber e tecer críticas. O aluno deve ser ativo, e não ao contrário.

Dentro dessa perspectiva, o professor deve, primeiramente, atuar como mediador e facilitador desse exercício interativo e não como se fosse o único detentor dos saberes, tal qual acontece no ensino tradicional (SAVIANI, 2009).

Segundo o conhecimento conquistado na escola deve associar o assunto em debate com a vida cotidiana do estudante, incutindo mais significados ao processo de ensino-aprendizagem de Ciências. De acordo com os PCN (BRASIL, 1997, p. 120):

[...] é papel do professor trazer elementos das teorias científicas e outros sistemas explicativos para a sua classe sob a forma de perguntas, nomeações, indicações para observação e experimentação, leitura de textos e em seu próprio discurso explicativo. É nesse processo intrinsecamente dinâmico de busca de informações e confronto de ideias que o conhecimento científico se constrói. O sujeito que observa, experimenta ou lê põe em ação seus conhecimentos anteriores, interpretando as informações a partir de seus próprios referenciais.

Para Baptista (2010), as variedades de culturas presentes nas salas de aula compõem um importante mecanismo para o ensino de Ciências, dado que, possibilita o favorecimento do entendimento dos conteúdos científicos, seja estruturando relações de similaridades e/ou de divergências entre esses conteúdos e os conhecimentos culturais dos estudantes. Segundo Lemke (2001, tradução nossa), por este motivo é essencial e imprescindível que os professores ajudem os seus alunos a aprender e contemplar a ciência como a cultura dos cientistas, como uma entre as diversas culturas existentes.

Nas escrituras de Driver et al. (1999), o professor deve engrandecer as diferentes formas de pensar dos sujeitos, em vez de produzir com uma única e preponderante ideia, impulsionando as relações entre teoria e prática por meio da relação dos sujeitos que integram o cenário do ensinar e aprender. De acordo com Mortimer e Scott (2003, tradução nossa), de antemão, o professor deve ter cuidado de não ocorrer tentativas de substituição das ideias prévias dos alunos por ideias científicas e sim, a negociação de significados. Em outras palavras, no desenvolvimento do diálogo, os professores devem guiar a exposição das distintas concepções culturais, tanto científicas quanto dos alunos, produzindo espaços para que aconteça a negociação das situações de origem e de emprego de cada um dos conhecimentos culturais abrangidos.

No entendimento de Carvalho et al. (1998), é o professor que sugere problemas a serem solucionados, que irão produzir ideias que debatidas, possibilitarão a horizontalização dos conhecimentos prévios; provocando oportunidades para a reflexão, transpassando as atividades puramente práticas, concomitantemente, definindo métodos

de trabalho coletivos e colaborativos em um ambiente na sala de aula, onde qualquer ideia será respeitada.

Enfatiza-se que ensinar é proporcionar a possibilidade de leitura da realidade e transformá-la, introduzindo sentido à vida cotidiana, junto de seus conhecimentos. O professor estimula a produção de conhecimentos e seu entendimento, incitando o aluno através do diálogo, na permuta de experiência, utilizando conhecimentos que podem mudar sua realidade (FREIRE, 1975). Cavalcanti (2012) discorre justamente sobre a importância da escola em promover a união dessa relação quando afirma que a escola tem essa finalidade de envolver o cotidiano com o desejo de submeter uma reflexão sobre o próprio cotidiano a começar de uma relação com o conhecimento científico.

Para Campanario e Moyra (1999), o ensino deve estar de acordo com o enfoque na resolução de situações abertas nas quais o aluno se permite estruturar princípios e leis científicas. Ainda de acordo com a visão trazida por Campanario e Moyra (1999), esse seria um método ideal para promover a aquisição de habilidades de pensamento formal, permitindo ao aluno a solução de determinados problemas em qualquer área científica. É interessante notar que, ao encontrar suas próprias soluções para os problemas, os alunos seriam capazes de aprender o conhecimento ao executá-los, de modo que ficariam mais suscetíveis a lembrá-los.

Rabiscar através da ludicidade possibilita o percorrer dos caminhos científicos. Juntos, obedecendo as suas experiências compartilhadas e ao mesmo tempo diferentes. Docente e discente rabiscarão traços de autodescoberta alicerçadas no diálogo. Neste rabiscar a escola deve atentar para experiências de vida de cada aluno. O professor deve desfrutar de valores, sentimentos, atitudes, expectativas, crenças e saberes que se encontram localizados em determinados grupos de estudantes, em contextos específicos que estrutura identidades, empenhando-se para compreender como cada grupo organiza essa diversidade para oportunizar o diálogo (CAVALCANTI, 2012)

Para Martins (1997), quanto mais motivados, os estudantes participam dos debates, eles sentem-se instigados e desejam participar, já que internamente estão sensibilizados por estratégias externas – mecanismos sedutores que o professor deve utilizar para estimular a sua classe. Diante isso, vislumbra-se que docentes e discentes, harmoniosamente, sejam promotores de metodologias de busca e de construção de conhecimentos.

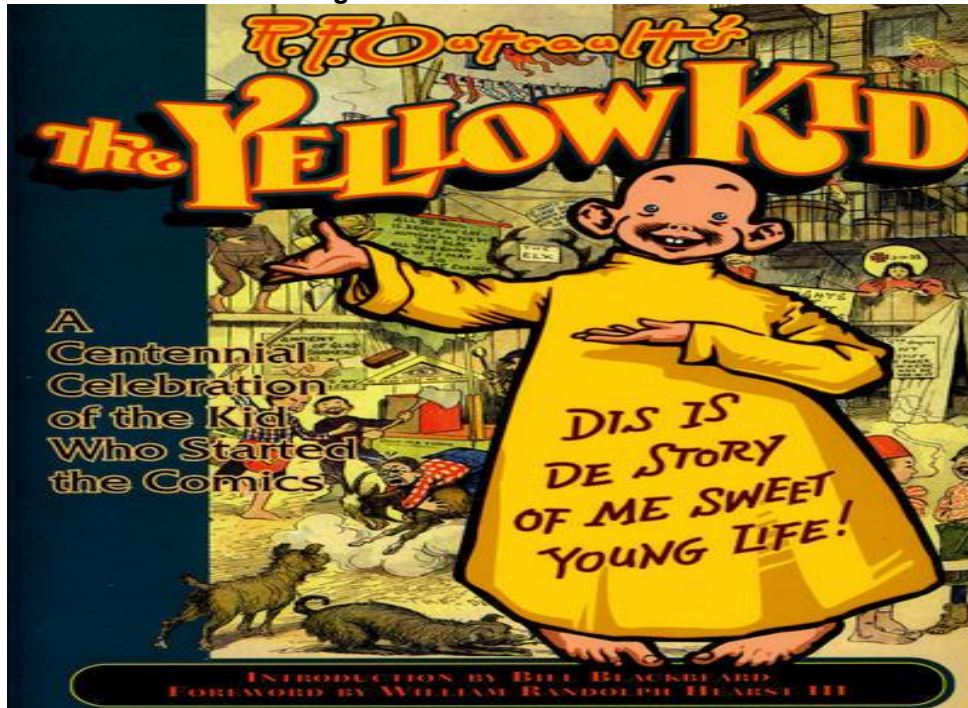
2.3 Rabiscando um breve resumo da história das histórias em quadrinhos

O nascimento da história em quadrinho ou HQ ocorreu na pré-história, quando os primeiros homens das cavernas desenhavam suas pinturas rupestres de seu dia a dia. Séculos mais tarde, apareceram os hieróglifos (caracteres utilizados pelos egípcios antigos), desenhados pelos egípcios que também tinham a finalidade transmitir imagens. Para a mesma autora, os estudiosos mais antigos utilizavam o balão numa tábua para expressar a ocorrência de um diálogo em aproximadamente 1370, na Roma antiga (ANSELMO, 1975).

Mccloud (1995), também argumenta que esse tipo de arte foi encontrado em tumbas dos antigos egípcios, em tapeçarias medievais e nas civilizações pré-colombianas mexicanas. De acordo com Santos (2001), as HQ representam uma maneira de comunicação que se originou no continente europeu durante o século XVIII a partir do grafismo. Depreende-se que as primeiras aparições das HQ ocorrem nos anos de 1930 do século XX, dispostas em coleções de obras curtas e aleatórias. Segundo o mesmo autor, entre 1940 e no início de 1960 a HQ não era direcionada para o público adulto. Nesse momento, a indústria entendia, normalmente, o perfil do leitor como de uma criança com 10 anos de idade e, ainda salienta que um adulto ler HQ era considerado como um sinal de pouca inteligência (EISNER, 1989).

Segundo Penteado (2007), a primeira aparição da HQ transcorreu no final do século XIX, exatamente nos anos de 1895, quando em Nova York, Estados Unidos, “O menino amarelo” foi publicado em uma tira, conforme Figura 1. Detalhe: o texto era transcrito nas roupas dos personagens e não existiam balões. Esta HQ pode ser considerada como um marco fundamental na trajetória de evolução das histórias em quadrinhos. Isto porque O Menino Amarelo (*The Yellow Boy*) tratava-se de uma publicação encadernada e editada de forma semanal. A autoria desta HQ é atribuída a Richard Fenton Outcault. Entretanto, Richard nunca chegou a assinar sua criação, tendo o seu nome vinculado a esta HQ somente anos depois (MOYA, 1986). Além de O Menino Amarelo, outras publicações foram registradas, mas sem muito alcance e sucesso junto ao público, como, por exemplo, *Topfer* de 1840 (OMENA, 2011).

Figura 1 – O menino amarelo



Fonte: Kitchen Sink Press, 1995 Series (1995).

Na opinião de Alves (2001), no Brasil, “As aventuras de Nhô Quim” ou “Impressões de uma viagem à corte”, de Ângelo Agostini, são nomeadas como a primeira HQ nacional, publicada em 30 de janeiro de 1869, na revista “Vida Fluminense”, Rio de Janeiro. Por causa disso, de acordo com o mesmo autor, o dia 30 de janeiro foi congregado como o dia do quadrinho nacional. Sobre esta obra, é oportuno considerar, consoante Cardoso (2013):

Pergunte aos brasileiros quais são os heróis populares de ficção nacional, e a resposta restringe-se ao índio Peri. Os mais idosos podem citar Pedro Malazartes e, os intelectuais, Macunaíma. Herói de aventura só entre os nostálgicos, Jerônimo, o herói do sertão. Nem sempre foi assim. Se a pesquisa fosse feita entre 1883 e 1916, ao lado do herói O Guarani, seria citado um outro: Zé Caipora. [...] Por falta de informação e divulgação, outros personagens não costumam ser citadas na literatura, entre elas *Nhô Quim* (1869) e *Zé Caipora* (1883), ambas de Ângelo Agostini. A ausência de *Zé Caipora* e seu criador devem ser corrigidas. [...] Alguma comparação visual entre o trabalho de Agostini e os demais levará qualquer especialista, isento ou mesmo leigo no assunto, a reconhecer essa necessidade. Porque, tanto o estilo como sua temática são de qualidades inovadoras (CARDOSO, 2013, p.19 – 20).

Na Figura 2, Nhô-Quim e Zé Caipora em destaque.

Figura 2 – As aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora



Fonte: Cardoso (2013).

Segundo Iannone e Iannone (1994) e Penteado (2007), a HQ brasileira “Tico Tico”, publicada nos anos de 1905, publicada no Rio de Janeiro também merece destaque. Pois, a partir disso ocorreu um número acentuado de publicações com personagens memoráveis que ocupam, até hoje, o imaginário de muitas crianças, jovens e até mesmo adultos.

Figura 3 – Tico-Tico



Fonte: Revista Tico Tico (1905-1957).

Tratando do mesmo assunto, Moya (1994) afirma que o “Tico Tico” marcou o início das publicações com textos comunicativos e curiosidades direcionadas, principalmente, as crianças. Para Iannone e Iannone (1994), no Tico-Tico, os personagens com maior

destaque era *Buster Brown* e *Tiger* de Richard Outcault, renomeados no Brasil como Chiquinho e Jagunço.

A produção da HQ como uma forma de comunicação em massa surgiu com o desenvolvimento da indústria tipográfica e o surgimento de poderosas redes midiáticas baseadas em uma consistente tradição iconográfica. As histórias gráficas, comportando os principais elementos da linguagem em quadrinhos, podem ser encontradas em vários lugares do planeta.

As HQ desfrutavam de espaços nas páginas dominicais dos jornais norte-americanos, eram prevalentemente cômicas com desenhos sátiros e personagens caricatos. Nesse sentido, para o mesmo autor, conseguiram mais espaços em publicações diárias abordando diversos temas (VERGUEIRO, 2004).

Para Nogueira (2017), o Brasil dispõe de tradição na produção de HQ. Esse tipo de material tem estado presente na história da comunicação desde o século XIX. Jornais, revistas e panfletos desfrutavam de caricaturas ou charges para atrair leitores, pois, as HQ com suas imagens facilitam o consumo de informações ao atingir um público que ainda não tinha acesso à escrita.

De acordo com Vergueiro (2004), no final da década de 1920, paralelamente as histórias de aventuras, emergiram certas tendências naturalistas ou mais próximas da realidade nos quadrinhos, como resultado mais leitores se aproximaram das HQ. Nesse mesmo período, nasceram no Brasil, publicações periódicas chamadas de *comic books* ou gibis, que consistiam em super-heróis que, imediatamente, cativaram o público mais jovem, amplificando consideravelmente, o consumo de quadrinhos e, conseqüentemente, as tornando cada vez mais populares.

Compartilhando de mesma opinião, Nogueira (2017) diz que os avanços ou retrocessos, por vezes acompanhados de contextos históricos nacionais e internacionais, as HQs, no transpassar do século XX, transformaram-se em uma mídia popular provocando a sua inserção gradativa em qualquer esfera ou contexto. Na opinião da mesma autora, a segunda guerra mundial contribuiu para o crescimento da popularidade com a participação fictícia de heróis na disputa bélica e no terminar da guerra histórica apareceram novos gêneros nas HQ, citam-se as histórias de terror e suspense.

Em consequência disso, o interesse cresceu mais ainda entre os jovens americanos, provocando uma preocupação generalizada sobre a influência que as HQ

impactavam no leitor infantil. No pós-guerra e início da Guerra Fria, diga-se de passagem, um período problemático para os quadrinhos, surgiu uma campanha alertando a população estadunidense das desvantagens que as HQ provocavam em seus leitores. Campanha, conforme o mesmo autor, liderada por Frederic Wertham, um psiquiatra de origem alemã, mas radicado nos Estados Unidos que expôs em artigos em jornais, revistas especializadas e entrevistas em rádios indicando malefícios dos quadrinhos e sua leitura (NOGUEIRA, 2017).

As opiniões de Wertham foram fundamentadas nos atendimentos em seu consultório de jovens que apresentavam problemas, de acordo com Vergueiro (2004). Por conseguinte, Chinen (2011) afirma que a campanha de Wertham provocou a queima de gibis em fogueiras e conseguiu criar uma comissão no senado americano para investigar os efeitos nocivos dos quadrinhos. Posteriormente, o psiquiatra publicou um livro chamado “Sedução do inocente” em 1954, no qual ratificava suas colocações.

As críticas não se restringiam somente aos Estados Unidos. Outros países também compartilhavam dos mesmos temores, França, Itália, Grã-Bretanha, Alemanha e Brasil criticavam, todavia, de um modo menos agressivo. Segundo o mesmo autor, para reduzir o descontentamento generalizado, determinados países europeus instituíram legislações restritivas aos quadrinhos estabelecendo critérios para suas publicações. Segundo o mesmo autor, no território brasileiro, os editores estruturaram um código próprio e empregaram nas revistas um selo parecido com o desenvolvido nos Estados Unidos, conhecido como “código de ética dos quadrinhos” (VERGUEIRO, 2004).

De acordo com Xavier (2018), a era de ouro dos quadrinhos ocorreu nos anos da década 1930, quando nasceram as histórias policiais, de ficção científica, de guerra de cavalaria, de faroeste e outros gêneros. Para mesma autora, vale destacara o aparecimento do Tarzan, de Harold Foster (baseado na obra de Edgar Rice Burroughs), *Flash Gordon*, de Alex Raymond, o *Superman* (1938), de Joe Shuster e Jerry Siegel, e o *Batman* (1939), de Bob Kane. Enquanto em território brasileiro, surgiram o Suplemento Infantil (1934), o Globo Juvenil e Mirim (1937).

Durante os anos de 1950, os quadrinhos adotam uma nova postura. Segundo Xavier (2018), questionamentos sobre a sociedade, fundamentados em concepções filosóficas e sócio psicológicas estavam presentes nos quadros. Para a mesma autora, nesse momento apareceram “*Peanuts*” (Turma do Charlie Brown), de Charles Schultz

inspirando as HQ da atualidade por causa da “*pop-art*”. Numa outra perspectiva, os anos de 1960, de acordo com a mesma autora, estavam questionando os valores tradicionais revolucionando os costumes e tratando de temas tabus, bem como o nascimento de heroínas. Em território brasileiro, Pererê de Ziraldo alcançava grande sucesso nacionalmente e mais ao Sul, na Argentina, Mafalda de Quino nasceu.

Para Rosa (2014), a Mônica de Maurício de Sousa emergiu na década de 70, depois, tornou-se a principal representação brasileira mundo afora. Na década de 80 e 90, grandes quadrinistas apareceram no mercado, no Brasil e no mundo devido ao aumento de popularidade. Segundo Xavier (2018), histórias reinventadas, mais profundas e pesadas agora assumiam o protagonismo dos quadrinhos como o Cavaleiro das Trevas de Frank Miller ou V de Vingança de Alan Moore. De acordo com a mesma autora, a começar dos anos de 1990, o quadrinhos agora frequentavam as livrarias, com produtos refinados direcionados para o público adulto. Diga-se de passagem, nesse período, os mangás ganharam o mundo impactando na hegemonia estadunidense.

A partir dos anos 2000, apesar de aparições de personagens de quadrinhos como o *Superman* ou o *Batman* em anos anteriores, as adaptações para sétima arte ganharam uma propulsão e uma nova roupagem por causa da tecnologia de computação gráfica. Inclusive, nos últimos anos, os principais sucessos de bilheterias são pertencentes aos personagens de quadrinhos como os Vingadores da Marvel ou a Liga da Justiça da *DC Comics*.

2.4 Rabiscando o conceito de história em quadrinho

Na opinião de Cagnin (1975), a HQ é qualificada como um sistema narrativo constituído de códigos gráficos: a imagem adquirida pelo desenho e a linguagem escrita dos balões e descrições. Para o mesmo autor, os sistemas envolvidos trabalham em uma relação de complementaridade no contexto da HQ, enquanto o sistema linguístico escrito dispõe de um poder de representação no espaço dos conceitos universais, por outro lado, o icônico almeja a representação dos objetos físicos, seus movimentos e sucessões.

Nas palavras de Caruso e Silveira (2009), a HQ apresenta-se como uma forma de arte em linguagem visual que transmitem mensagens através de símbolos e imagens provocando sentimentos. Na opinião de Guimarães (2005) são definidas como uma

expressão artística que pretende refletir um movimento por meio de registro de imagens estáticas.

As HQs apresentam-se como textos em uma modalidade de linguagem própria, conduzidos por duas características gráficas: o verbal e o não verbal, e uma complementaridade entre o código visual e o linguístico (SCARELLI, 2002). Depreende-se que a HQ como mídia se relaciona com diversas expressões artísticas de comunicação, produzindo um meio pelo qual o leitor pode se tornar parte da história, gerando sequências, sons e vozes através dos diálogos nos balões (PESSOA, 2006).

Pode-se considerar que os quadrinhos são um modo de comunicação mais instantâneo e internacional diante de outros modos modernos de contato no último século. Segundo o mesmo autor, mesmo quando o homem ousou pisar na lua, marcando a história da humanidade, um quadrinho já tinha retratado este acontecimento (MOYA, 1994).

Nos pensamentos de Eisner (1989), a HQ, a animação e o cinema são considerados artes visuais sequenciais, em outras palavras, uma sequência de quadros que contam uma história. Para o mesmo autor, a configuração geral de uma HQ é justamente refletir-se em uma sobreposição de palavras e imagens. Com isso, a leitura de uma HQ transforma-se em um ato de percepção estética e de empenho intelectual.

Na concepção de Alves (2001), a HQ é um meio de comunicação de massas em que a história é transmitida por meio de ilustrações desenhadas e texto inter-relacionado. Além disto, comunica e entretém, em companhia de outros meios de comunicação em massa, pode auxiliar na formação da criança. Segundo Linsigen (2007), a HQ é uma categoria de arte sequencial que comunica e educa, constituída de dois elementos gráficos: a imagem e a escrita, oriunda da literatura e do desenho. Para Modenesi et al. (2013), a HQ é uma forma específica de arte, apesar dos diversos modos de quadrinho. O quadrinho não dispõe de uma classificação apropriada. Para os mesmos autores, ela não é literatura, não é pintura ou desenho e sim uma integração de diversas expressões artísticas, conhecida em outras palavras como a nona arte.

Segundo Moya (1994) os quadrinhos são um conjunto e uma sequência. Desenho e texto se relacionam para formar um meio de comunicação. Sua principal estrutura narrativa é o próprio quadrinho, também conhecido como vinheta. Para Vergueiro (2010), no Ocidente, a sucessão de vinhetas é ordenada do alto para baixo e da esquerda para a

direita, por outro lado, no Oriente, especificamente em países asiáticos, ocorre ao contrário da direita para a esquerda, como nos mangás.

Nas palavras de Eisner (1989), o estudante ao compreender a visualidade das histórias em quadrinhos, não está somente exercitando uma soma de imagens. Na HQ, há uma continuidade em que o significado da imagem apenas se estrutura por meio de quem a precede. A ação crescente estrutura um elo entre as diferentes figuras e essa disponibilidade temporal e espacial das imagens é que ordena seu sentido.

Em harmonia com Eisner (1989), a conceituação de Quella-Guyot (1994) defende que a escrita introduzida no quadrinho tem a finalidade de apontar que a imagem não evidência, incorporando elementos temporais e espaciais ao contexto pretendido, conseguindo estruturar o vínculo lógico das vinhetas e quadros. A imagem fixa e sem palavras, por meio de seus traços e códigos ideogramáticos, objetiva ofertar dinamização a sequência de eventos da história, a quase visualização do som e a representação da vida psicológica dos personagens. As características mencionadas anteriormente, coligadas de forma coerente, transformam um texto e imagem, independentemente estáticos, em um sistema dinâmico e representativo da realidade, seja ela fiel, imaginária, real ou semi-real. Contudo, conforme Eguti (2001), na HQ esse contexto é resultado da dicotomia verbal e não verbal, isto é, os desenhos e as palavras são necessários para o entendimento da história. A seguir no Quadro 1, as características que distinguem as HQ.

Quadro 1 – Tipos de HQ

Tipo	Descrição
Gibis	Geralmente direcionadas ao público infanto-juvenil, com baixo preço e pouca durabilidade.
Álbuns ou Edições encadernadas	Publicados em edições únicas e especiais, geralmente mais caras e com maior durabilidade.
<i>Graphic novels</i> , maxi e minisséries	Parecidos com os álbuns e às edições encadernadas, no entanto, objetivam oferecer um tratamento diferenciado aos personagens com uma maior margem de publicações.
Fanzines	Produzidas por aficionados, colecionadores ou artistas amadores.
Quadrinhos em jornais	O berço das HQ, ainda são usadas até hoje pelos jornais impressos e digitais em todo o planeta.
Publicações diversificadas	Quadrinhos usados em publicidade, propaganda política, livros didáticos, vestibulares, entre outros.

Fonte: Vergueiro (2005).

Para melhor compreensão, nas Figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9 exemplos de gibis, álbuns, *graphic novels*, maxi e minisséries, fanzines, quadrinhos em jornais e publicações

diversificadas. Na Figura 4, a famosíssima “Turma da Mônica” de Mauricio de Souza com décadas de publicações em diversos meios de comunicação no Brasil e mundo afora.

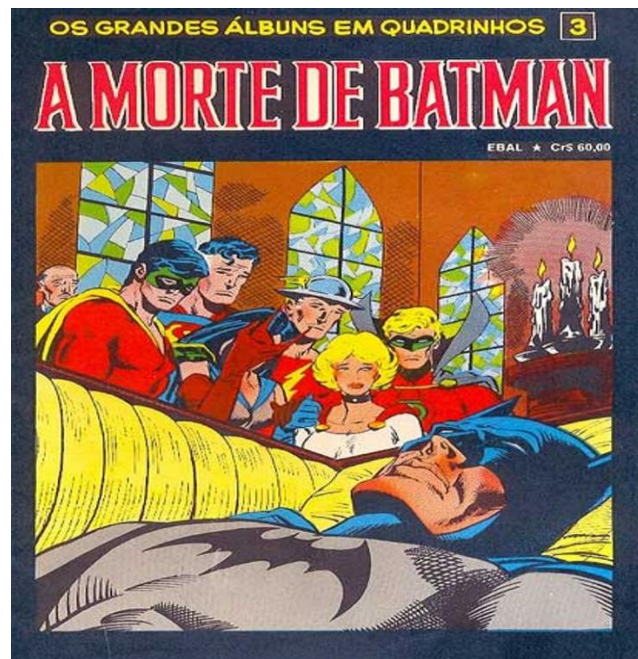
Figura 4 – Turma da Mônica



Fonte: Almanaque da Mônica (1987).

Na Figura 5 um álbum especial da morte de um dos personagens mais famosos do planeta, o *Batman*. Na Figura 6, uma minissérie em homenagem ao sucesso da série animada *X – Men* da Marvel exibida nos anos 90.

Figura 5 – A morte de Batman



Fonte: Os Grandes Álbuns em Quadrinhos (1980).

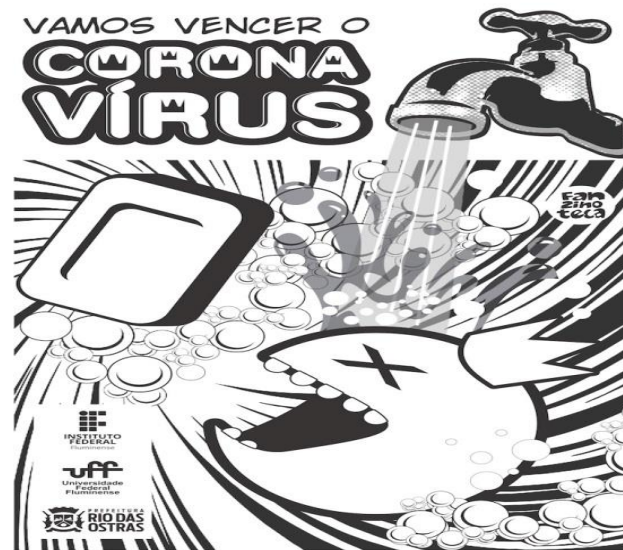
Figura 6 – X – Men Adventures 1 e 2



Fonte: X – Men Adventures 1 e 2 (1995).

Na Figura 7, uma publicação produzida no Instituto Federal Fluminense com o intuito de ensinar ao leitor como se proteger do Covid-19 (GAMA NETO, 2020).

Figura 7 – Vamos Vencer o Corona Vírus



Fonte: Alves e Souza (2020).

Na Figura 8, uma tirinha do Hagar, publicada no Jornal Folha de São Paulo.

Figura 8 – Hagar



Fonte: Browne (2011).

A seguir na Figura 9 uma tirinha publicada em um livro didático em língua portuguesa.

Figura 9 – Grump

4. A tira a seguir apresenta um exemplo de uso do Internetês:

GRUMP - Orlandelli

TIVE UMA IDEIA. VOU PEDIR AJUDA AO MEU SOBRINHO PARA ENTENDER O TAL ACORDO.

PRÁ ESSA MOLEGADA É MOLEZA. ESTÃO APRENDENDO AGORA. NÃO TEM OS VÍCIOS DA GENTE, QUE JÁ LISA AS ANTIGAS REGRAS FAZ TEMPO.

Olá, sobrinho. Beleza? Por acaso você está por dentro das regras do acordo ortográfico?

Falaassas Tuuuuuuu!! Blz??!!!! -) Axx q Naummm eh dificiuuu naummm!!!! Passa aki em Ksaaaaaaa Q nois aprendidh juntuuuu!!!!!! :P hshahubshahushuahushuah

MELHOR PENSAR EM OUTRA COISA.

Grump, Orlandelli.

a) Releia a mensagem escrita em internetês no terceiro quadrinho e localize nela exemplos de:

- informalidade;
- ortografia própria e uso de abreviações;
- substituição de acentuação gráfica;
- uso de sinais;

b) Pesquise o significado dos sinais usados na mensagem do sobrinho e responda: ele levou a sério a pergunta do tio?

c) Uma das marcas linguísticas do internetês é a ausência de pontuação ou um uso minimalista da pontuação. Por que, em sua opinião, o autor optou pelo contrário, pelo uso excessivo da pontuação? Justifique sua resposta.

d) Com base na sua experiência com as regras do internetês, traduza a mensagem que o sobrinho enviou para o tio.

Fonte: Tirinha de Grump. In: Hernandes e Martin (2010).

As HQ sofreram diversas transformações ao longo de sua existência, as seguintes simbologias são utilizadas nos quadrinhos conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Simbologias nas HQ

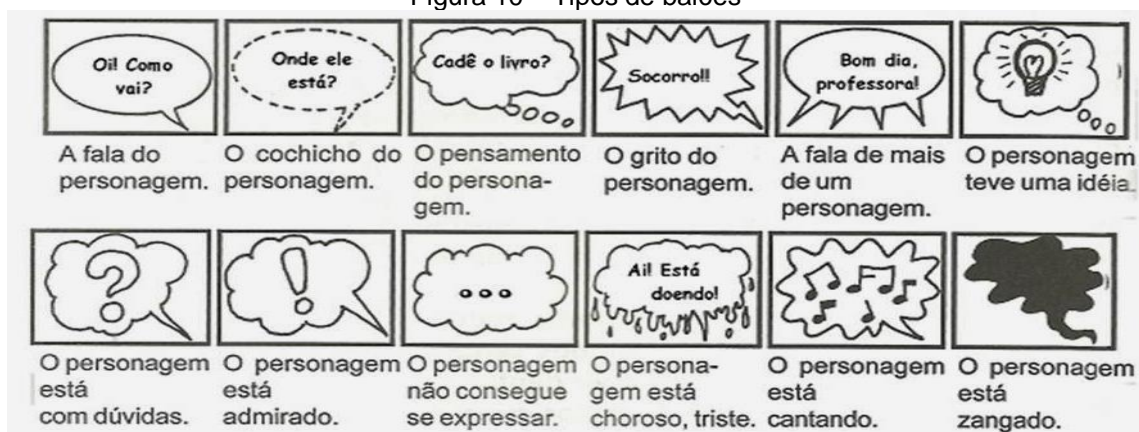
Tipo	Descrição
Quadro	Conhecido como quadro, requadro ou cercadura é o espaço onde acontecem as ações. É uma espécie de moldura utilizada normalmente no interior dos quadrinhos, ainda servem para aproximar o leitor com o enredo dinamizando as sequências.
Balão	O balão é constituído de dois componentes: o conteúdo e o continente. O primeiro representa a linguagem escrita ou imagem, o segundo é constituído de corpo e o rabicho. Normalmente, o balão é arredondado com uma cauda que aponta quem está falando. O texto narrativo está integrado a um balão quadrado. O balão além de expressar quem está falando, também expressa o humor do falante, isto é, expressa susto, grito, medo, amor ou frieza.
Metáforas visuais	Representa uma convenção gráfica que

	demonstra o estado psíquico dos personagens através de imagens de modo metafóricos. Uma fumacinha expressa quando um personagem encontra-se nervoso, quando um personagem corre rapidamente surgem diversos traços paralelos para evidenciar seu deslocamento. Essas metáforas visuais são utilizadas pelos quadrinistas para transmitir situações da história sem precisar usar um texto.
--	--

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Eisner (1989) e Acevedo (1990).

Estas simbologias em destaque no Quadro 2 remetem ao estudo de Rezende (2009), o qual menciona que os balões, os quadros e as metáforas visuais são elementos que fomentam a interação entre a história e os seus respectivos leitores. Isto acontece porque para que esta interface aconteça, faz-se necessário trabalhar as formas e imagens de maneira que o leitor se sinta convidado a conhecer a história que está sendo contada.

Figura 10 – Tipos de balões



Fonte: Nerds & Otome (2014).

No caso específico dos balões, estes apresentam uma tipificação que é congruente com o pensar, a ideia ou o dialogismo existente entre os personagens. A presença destes balões acompanhada de suas respectivas representações acaba expressando a voz de seus respectivos emissores de mensagem (CIRNE, 1977). Na Figura 10 pode-se perceber que o quadrinista dispõe de várias opções para construir sua narrativa e entrelaçar seus personagens da forma que lhe for conveniente. Os balões podem representar a fala, o pensamento, o grito, ou mesmo sua admiração, suas dúvidas ou quando está cantarolando.

A legenda nas HQ reflete a voz onisciente do narrador, seus objetivos mais comuns relacionam-se com a premissa da história e com a ligação entre um quadro e outro. De

acordo com o mesmo autor, outro destaque são as onomatopeias, signos convencionais que retratam um som através de caracteres alfabéticos. Elas mudam de um país para outro, obedecendo a seu idioma, são normalmente grafadas em caracteres grandes, próximo do local do que ocorre o som, independentemente dos balões (VERGUEIRO, 2006). Na Figura 11 uma metáfora visual publicada no jornal Folha de São Paulo.

Segundo Eguti (2001) a principal finalidade da HQ é a narração de acontecimentos, ao mesmo tempo em que busca reproduzir uma conversa natural quando os personagens relacionam-se frente a frente, expressando-se através de palavras, expressões faciais e/ou corporais. Para a mesma autora, toda obra dos quadrinhos é responsável pela transmissão do contexto e enunciado ao leitor.

Figura 11 – Metáfora visual



Fonte: Folha de São Paulo (2004)

A seguir no Quadro 3, elementos primordiais na estruturação de uma HQ.

Quadro 3 – Elementos de uma HQ

Tipo	Descrição
Argumento	A ideia do enredo resumida em início, meio e fim.
Escaleta	A ordenação das cenas de um modo que alicerce a HQ, obedecendo a uma ordem acompanhada de uma descrição ligeira. Roteiro: São todas as cenas em cenários, apresentação de personagens, diálogos, a narrativa e a finalização.
Traço	Definição do estilo a ser usado, como também a tonalidade de luz e cores, acompanhado da densidade.

Formato	Define a quantidade de páginas, cadenciando o ritmo da narrativa.
Distribuição do espaço gráfico/croquis	Determina o formato da HQ por meio de rabiscos da própria história, destinando o espaço para os diálogos e legendas.
Lápis	Usado pelo desenhista para evidenciar seu traço com maior precisão.
Arte	É a última etapa que envolve os traços das tintas até a hora de colorir as ilustrações.
<i>Lettering</i>	Edição de texto.
Capa	Principal mecanismo de sedução do leitor.
Contra capa	Apresenta créditos e textos adicionais.
Revisão geral de texto e imagem	Essencial para evitar erros na HQ.
Prova Gráfica	Hora de revisar de acordo com que foi pedido.

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Vergueiro (2005), Eisner (1989) e Acevedo (1990).

Infere-se que *cartum*, mangás e *charge* são diferentes e não é simples classificá-los. O *cartum* é bastante utilizado nas artes plásticas, representa um desenho humorístico, com ou sem parte verbal escrita que trata com alguma situação do cotidiano. E segundo o mesmo autor, esse desenho ainda é muito usado pela imprensa escrita (SILVA, 2004). Os Mangás são as HQ comerciais japonesas, dispõem de características reais com uma pitada mais exagerada. Diferenciam na leitura, seu início começa no final, ou seja, traz para frente, da direita para a esquerda, característica da escrita japonesa. Hoje, rivalizam notoriedade com as HQ americanas. Na Figura 12, o camundongo mais conhecido do planeta, Mickey.

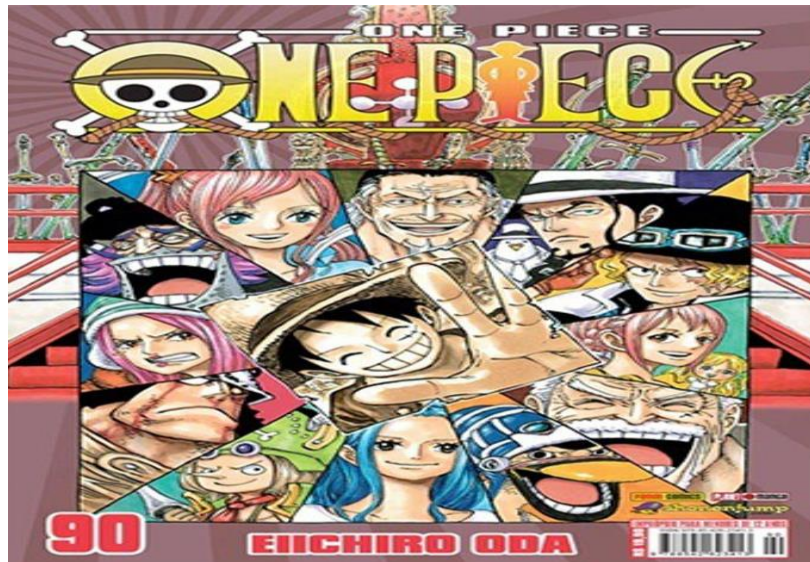
Figura 12 – Mickey



Fonte: Mickey (2013).

Na Figura 13, um dos mangás mais importantes para comercialização das HQ japonesas.

Figura 13 – One Piece



Fonte: One Piece (2013).

A charge representa um texto de humor que se relaciona especificamente com fatos do noticiário. As informações possuem requintes de ironia de uma informação

singular, se diverte com a realidade, bem como são ilustrações críticas de uma situação. Para compreender uma *charge* deve se atentar para sua temporalidade, seu contexto, por outro lado torna-se incompreensível.



Fonte: Latuff (2020).

Na Figura 14, um excelente exemplo de *charge*, visto que o Brasil apresenta índices altíssimos de infectados e letalidades. Mesmo assim, o presidente da república, corriqueiramente em suas entrevistas aos principais jornais do país defende o não cumprimento das medidas sanitárias de organizações internacionais e nacionais de saúde, juntamente de seus seguidores, ocasionando graves prejuízos ao Brasil.

A tira cômica, diária, jornal, de humor entre outras se caracteriza por uma série de vinhetas, publicadas, geralmente (por vezes diariamente ou semanalmente) em jornais, revistas e nas páginas da internet (*webcomics*). As tiras nasceram como formas de divertimento, pode ser uma obra exclusiva de um artista ou um resultado de sua parceria com um escrito, ou mesmo de uma equipe. Não é comumente criada no formato horizontal de somente uma tira, podendo ser num tamanho maior.

2.5 Rabiscando o ensino através das histórias em quadrinhos

De acordo com Moran (2006), compreende-se melhor quando conhecemos, experimentamos ou sentimos. No relacionar ou consolidando vínculos, elos entre o que estava desgarrado incluindo-o a um novo parâmetro, atribuindo-lhe significado, estabelecendo um novo sentido. Quando nos deparamos com novas dimensões de outras significações que nos escapavam por debaixo do nariz. Quando estruturamos conexões entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática, ao mesmo tempo em que se abastecem mutuamente. Quando equilibramos e incluímos os sentidos sensoriais. No prazer, já que amamos um conteúdo de uma mídia. Por fim, o jogo, o ambiente confortável, o estímulo positivo podem facilitar a aprendizagem.

As atividades lúdicas são exercícios de entretenimento arrolado a ação do ensino/aprendizagem. São técnicas para educação, extraordinárias, onde remete ao prazer, a diversão, juntamente com o ensino. A ludicidade tem a finalidade de promover ao estudante a reflexão e o raciocínio lógico. Os jogos motivam, cativam, atraem e estimulam o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Segundo Maluf (2008), os exercícios lúdicos são mecanismos pedagógicos essenciais (não apenas utilizado para o divertimento), indispensáveis para o processo de ensino/aprendizagem que oferece a coleta de informações em óticas e dimensões que percorrem o desenvolvimento do aprendente. O lúdico é uma estratégia, imprescindível, para ser aplicada no estímulo no refinamento do conhecimento e no desenvolvimento das aprendizagens desiguais.

A qualidade prazerosa do jogo oferece, por meio do senso comum, que a ludicidade pode ser percebida como uma atividade desleixada. Contudo, para Huizinga (2001), o desleixado, não resulta, necessariamente, que a brincadeira deixe de ser séria. O desafio lúdico delimita-se justamente em conseguir promover uma ocorrência que desperte o real interesse do brincante. O desafio, o prazer da brincadeira, está integrado na construção explícita de um problema que deve ser resolvido, cita-se em achar objetos escondidos (quando se deve achar o maior número possível de objetos para ganhar o jogo), precaver-se de situações imprevistas em um parâmetro definido, como é a leitura de uma história em quadrinho, ou ao mesmo tempo a história em quadrinho que estimule em seu contexto um desafio.

De acordo com Vygotsky (1989), os jogos instigam a curiosidade, a autoconfiança a iniciativa, e além disso refinam o desenvolvimento de habilidades linguísticas, mentais e de concentração, bem como, praticam relações sociais e trabalho em grupo. Segundo Cunha (2012), os jogos possibilitam os estudantes a solucionar suas dúvidas e angústias a respeito do conteúdo e oferecem ao docente analisar quais são os entraves enfrentados. No entanto, para o mesmo autor, faz-se necessário que os jogos didáticos representem um suporte depois da aula ser lecionada, no intuito de diagnosticar se o aluno compreendeu, realmente, sobre um conteúdo específico. Os jogos didáticos podem ser adequados não apenas para o ensino de Ciências, mas, para todas as disciplinas de uma maneira interdisciplinar e transdisciplinar, possibilitando um material de suporte aos docentes e aos discentes.

Devido a sua linguagem característica, as histórias reproduzidas através de sequências de imagens transformaram-se em uma das maneiras mais simples e ao mesmo tempo direta para transmissão de ideias, possibilitando incontáveis opções para o exercício da leitura. Contribuem, segundo Vergueiro (2004), para o desenvolvimento da competência da relação entre leitor e texto através de um processo de autodescoberta, no desafio da leitura, também lúdica, uma vez que promovem a imaginação para produção de histórias e a integração entre os estudantes.

Segundo Santos (2001), a linguagem das HQ quando usadas com maestria são aliados poderosos no ensino. A harmonia entre texto e ilustração facilita o entendimento dos conceitos que ficariam abstratos quando apenas são apresentados através das palavras. Na mesma linha de pensamento, Rota e Izquierdo (2003, tradução nossa) defendem que as HQ são também ferramentas excepcionais de ensino-aprendizagem quando os docentes das escolas de ensino regular dispõem de acesso limitado a um determinado material específico para o ensino de alguns temas.

Os PCN de Ciências Naturais (BRASIL, 1997) orientam a utilização de várias fontes de informação nas aulas de Ciências e de recursos, que deve simbolizar como principal preocupação por parte dos docentes, além do livro didático, outras fontes oportunizam textos informativos: enciclopédias, livros paradidáticos, artigos de jornais e revistas, folhetos de campanhas de saúde, de museus, textos da mídia informatizada, entre outros. Ainda de acordo com os PCNs de Ciências Naturais (BRASIL, 1997), é

primordial que o estudante consiga ter acesso a uma diversidade de textos informativos, pois cada um deles tem estrutura e objetivos próprios.

Segundo Schnetzler (2004), há um debate frenético e acalorado sobre a inclusão de novos recursos didáticos no ensino, visto que, eles se apresentam cada vez mais necessários para o aprendizado do estudante no espaço escolar. Nas palavras de Siqueira (2011), esse fato ocorre, principalmente, devido à disponibilidade da tecnologia e outros recursos, como jogos didáticos, músicas, filmes, HQ, entre outros. Provendo assistência aos educadores, transformando as aulas mais dinâmicas e interativas.

A finalidade, justamente, desta interatividade é despertar no estudante seu interesse científico e sua curiosidade sobre determinados assuntos, acompanhado do desejo de obter as respostas para seus questionamentos. Para esses recursos didáticos funcionarem, o docente deve explicitar sobre determinadas habilidades para empregá-las, dado que, se trata de experiências ainda não experimentadas que precisam ser planejadas, analisadas e selecionadas antes de sua aplicação.

Segundo Huizinga (2001), há diversas definições de jogos previamente estruturadas, inclusive pode depreender-se que o jogo também está representado na HQ. Para o mesmo autor, apresenta humor com sistemas linguísticos próprios e regras para leitura, ela joga com seus personagens, leitores e códigos. Para Quella-Guyot (1994), o aproveitamento dos ideogramas e da própria narrativa é usado repentinamente na HQ com a finalidade de um equilíbrio entre arte e ludicidade.

Quella-Guyot (1994) explana que a HQ dispõe de funções lúdicas e linguísticas que podem ser úteis para o processo de ensino/aprendizagem. Possibilita, também, ao leitor a utilizar um conjunto de processos cognitivos, dado que, a leitura dos códigos requer uma atenção complexa do próprio leitor, obedecendo ao número de normativas e convenções estruturadas para uma análise correta da própria.

A catarse (objeto construtor da atividade lúdica) deseja no jogador um desempenho livre das tensões cotidianas ou comumente aplicadas no dia a dia escolar, objetivando desta maneira, uma relação entre a atividade desenvolvida e o material que leu/brincou. Nesse sentido, o jogo/brinquedo usado ficará abrigado no subconsciente fazendo com que aconteça uma compreensão quase inconsciente do discente (RAMOS, 1990).

Em outros dizeres, da perspectiva do leitor/discente, a leitura de uma HQ transforma-se em um exercício relaxante, comportamento explicado pelo mecanismo

psicológico da catarse, ocorrendo o relaxamento das tensões do dia a dia em razão da prática de uma atividade lúdica. Nesse sentido, a HQ pode ser percebida como um mecanismo acessível, uma ferramenta que participa do cotidiano do aprendente, provocando um contato direto entre o discente e o material usado. Vale ressaltar, que a linguagem e a formatação oferecida pela HQ são expostas da forma mais acessível possível, apresentando dinamicidade na narrativa com sugestões de desafios e atividades cognitivas ao leitor.

Um dos processos cognitivos mais relevante em uma HQ é a imaginação. Sem a prática da imaginação, como seria provável completar os vazios entre os quadros ou se adequar, facilmente, a cortes abruptos de tempo e espaço. Da mesma maneira, estruturar vínculos acentuados com os personagens ao nível de nos reconhecer com eles, ou na dinâmica oferecida pela história. Neste sentido, segundo Kikuchi e Cazalvara (2009), a HQ defini em seu uso uma série de exercícios cognitivos que podem ser utilizadas no ensino e aprendizagem.

O diagnóstico e a interação dinâmica do aluno com a narrativa oferecida pela HQ poderia ser uma das estratégias primordiais deste instrumento (usar a HQ como um desencadeador de um conflito cognitivo). Por isso, a seleção intrínseca de um roteiro e uma contextualização ajustada do quadrinho possibilita a produção de um conflito cognitivo no leitor/aluno. Os cenários desafiadores e desequilibradores devem estar incluídos na própria narrativa. A HQ conseguiria exercer a finalidade de produzir a iniciativa no desejo da transformação conceitual.

Segundo Pereira e Santos (2009), os quadrinhos exigem do docente certa compreensão do assunto e da elaboração desta ferramenta de ensino como a escolha de um tema para a história; a produção de roteiro; as figuras que serão usadas, a quantidade de quadrinhos por folha e etc. Na opinião de Monteiro (2010), o docente deve dominar este instrumento para poder estruturar o trabalho e fornecer as informações aos estudantes de modo que se possa formalizar um trabalho sedutor para os próprios alunos.

Segundo Silva (2011), os quadrinhos foram incluídos como gênero de leitura necessário a educação com o apoio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Para Guimarães (2005), em muitos congressos e palestras, a utilização da HQ na escola é encarada como um facilitador do processo ensino/aprendizagem, ao mesmo tempo em

que são comuns os questionamentos de docentes da rede de ensino alegar que não estão preparados para usar a HQ como recurso didático junto a seus discentes.

De acordo com Vergueiro e Ramos (2009), a existência da HQ no espaço escolar, estimulada pelo governo federal, tem proporcionado novos desafios aos docentes e evidenciando uma necessidade de conhecer muito mais a linguagem e seus recursos. Segundo Kawamoto e Campos (2014), no território brasileiro, a HQ é utilizada na escola, principalmente, no ensino fundamental, por vezes como exercício literário em sala de aula.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997), o conjunto de conteúdos está estruturado internamente no processo de ensino/aprendizagem e desenvolvido através de ações em três eixos: produzir, apreciar e contextualizar. A disposição dos eixos de aprendizagem e sua exposição entre os tipos de temáticas das disciplinas distribuídas nos temas transversais configuram uma ordenação para que as escolas fundamentem seus currículos considerando o seu contexto educacional.

Ainda, conforme os PCN (BRASIL, 1997), as HQ devem estar incluídas nos conteúdos de temas transversais que abordem questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética), ordenadas em várias linguagens. A HQ promove diferentes contextos e criam informações relacionadas aos temas sociais. Na concepção de Iannone e Iannone (1994), a HQ instiga e incentiva o leitor a procurar outros tipos de leitura, dado que, juntamente dos livros são mecanismos saudáveis para estimular a imaginação e o raciocínio de jovens e crianças.

Segundo Vergueiro (2004), a única dificuldade para um melhor aproveitamento das HQ na sala de aula é a criatividade do docente e sua capacidade de melhor usá-las para alcançar seus objetivos de ensino. Para o mesmo autor, o docente deve ter familiaridade suficiente com o recurso, conhecendo as principais características da sua linguagem e os mecanismos que possuem para representação do imaginário. Diante disso, não se deve castigar o docente que não usa a HQ na sala de aula, por que, talvez, não se sinta seguro suficiente em trabalhar dessa forma.

Para realmente o docente usar os quadrinhos na sala de aula como recurso didático deverá conhecê-lo para assim empregá-lo com precisão e não apenas por distração ou diversão. Caso desconheça, pode fracassar em alcançar seus objetivos. De acordo com Caruso e Silveira (2009), a potencialidade que a HQ oferece de aproximar o

adolescente ou crianças está obrigando educadores de várias áreas de conhecimento a aproveitar muito mais esse recurso pedagógico.

Para Vergueiro (2004), o docente, adequando os quadrinhos ao seu planejamento (objetivos e conteúdos) é capaz de usar esse recurso, oportunizando novo estímulo ao estudante e, por conseguinte, transformando sua aula mais atraente, além de poder analisar com maior precisão a aprendizagem de seus alunos. Dispondo de recursos didáticos produzidos pelo professor, o estudante apreende mais conteúdos e conceitos de uma forma significativa e percebe que não há somente uma forma de transmissão de conhecimento.

Vergueiro (2010) argumenta que no Brasil, em certo período, conduzir HQ para sala de aula era considerado como inaceitável. O mesmo autor, afirma que a popularidade das HQ produziam desconfianças sobre os supostos impactos que poderiam ocorrer em seus leitores. Pais, responsáveis e os próprios professores também não aderiam as HQ devido à desconfiança das aventuras fantasiosas que podiam afastar crianças e jovens leitores da realidade.

Compartilhando de mesma opinião, Alves (2001) argumenta que a HQ foi alvo de muitas críticas e participar do espaço escolar era sinônimo de clandestinidade e punição. Bastos (2010) colabora afirmando que muitos educadores ignoram a utilização da HQ em sala de aula por conta da possibilidade de difundir ideais impróprios na ótica científica. Na opinião de Kamel e La Rocque (2006) erros conceituais não devem desqualificar a assistência dos quadrinhos no ensino de Ciências, mas fomentar práticas que estimulem a identificação e exposição de conceitos inadequados.

Na opinião de Ramos (2004), a princípio, o docente deve adequar as atividades a sua realidade de sala de aula, concomitante aprimorando-se e reinventando-se. As propostas usam as HQ como um mecanismo para gerar debates, argumentações e questionamentos em sala de aula sobre os conteúdos abordados. Diante disso, segundo o mesmo autor, o estudante deve analisar os desenhos, juntamente com os diálogos expostos. O autor ainda recomenda ao docente, a oferecer aos estudantes a produção de um texto, onde refletem o que entenderam. O estudo de Rama e Vergueiro (2004) oferece propostas de metodologias com uso da HQ em sala de aula com às práticas docentes, previamente planejadas, para lecionar conteúdos de maneira prazerosa e instigadora.

Nas palavras de Araújo, Costa e Costa (2008), a HQ provocou a atenção de diferentes profissionais, quando perceberam nela uma forma de comunicação propícia e relevante para várias áreas de conhecimento. Dispondo de potencial para ser utilizado como recurso didático pedagógico para a alfabetização e ao mesmo tempo como instrumento facilitador de aprendizagem como ensino de Ciências. A utilização de HQ como recurso para o ensino de Ciências colabora para a divulgação científica e o ensino de conteúdos conceituais de uma maneira bem-humorada.

Para Pizarro (2009), a HQ quebra a formalidade do uso exclusivo da lousa para o ensino/aprendizagem e ainda proporciona a reflexão sobre temáticas relacionadas a ciências em diversos níveis da educação básica, atraindo os saberes escolares aos interesses do estudando e ao mesmo tempo os estimulando a desenvolver e expressar suas competências. Ainda segundo Pizarro (2009), a HQ revestida como material de divulgação científica que apresenta situação-problema provoca a possibilidade de percebê-las além da diversão e reconhecendo-as como material capaz de gerar consciências.

Vilela (2004) defende o papel importantíssimo do docente ao incentivar a construção de HQ pelos próprios discentes contribuindo para o desenvolvimento de sua criatividade, paralelamente explorando conteúdos particulares da disciplina ou interessantes a sala de aula. Este recurso didático é uma maneira de difundir conceitos científicos, para reflexões sobre cidadania, ética, de forma extrovertida e lúdica.

De acordo com Alves (2001), a leitura de HQ é capaz de colaborar para o desenvolvimento do gosto pela leitura, visto que ao ler a HQ a criança e/ou jovem mergulha num exercício individual e não condicionada ao tempo que são características incomuns nas atividades dos alunos na escola. Alves (2001) pontua que a proximidade dos quadrinhos com a realidade do estudante, automaticamente, torna mais fácil à compreensão dos significados expostos na história. A HQ quando usada nesse contexto são capazes de produzir com o leitor, um diálogo científico por meio de situações que estimulam sua curiosidade natural em relação a concepções sobre natureza, cidadania e saúde.

De acordo com Maia et al. (2011), as propostas de inclusão de diferentes abordagens de ensino que seduzam a atenção do estudante, principalmente, no ensino de Ciências, estão sendo desenvolvidas em diferentes sistemas. Uma desta é o método

de ensino por HQ, para os mesmos autores, este instrumento ajuda no entendimento de diferentes conteúdos/conceitos da disciplina e também promove intertextualidade pela associação com outras disciplinas como a Língua Portuguesa ou Artes, por causa da construção de elementos como cenário, desenhos de personagens, animações e etc.

É apropriado mencionar que HQ pode oportunizar a interdisciplinaridade entre os mais diversos conteúdos curriculares, auxiliam na prática da leitura, música, teatro, ainda são essenciais para o processo de alfabetização. Os estudantes aprendem se divertindo, concomitantemente ficam mais receptivos aos conteúdos (CAVALCANTE et al. 2015).

Segundo Pizarro (2009), a HQ contribui para aprendizagem de conteúdos procedimentais mais amplos, com pertinência e inclusão em diferentes áreas curriculares. Neste sentido, privilegiar o ensino de conteúdos curriculares procedimentais, mediante ao uso de histórias em quadrinhos no ensino de Ciências favorece a amplitude das funções deste próprio recurso didático para outras áreas curriculares igualmente importantes.

Na área da saúde pública é bastante comum o uso de HQ como mecanismo de divulgação científica para grandes parcelas da população. Segundo Mendonça (2008), a produção de cartilhas com HQ para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) ou a dengue é extremamente indispensável devido ao seu potencial didático e de participação dos leitores, por causa de suas características específicas, são elas na opinião do autor: a) Apresentam ludicidade e leitura facilitada; b) Seus enredos apresentam acontecimentos em uma sequência de textos e imagens unidos; c) Dispõe de personagens que podem provocar identificação nos leitores, detalhe primordial para o sucesso de campanhas publicitárias.

Cabello, Rocque e Souza (2010) produziram uma HQ sobre hanseníase e a usaram como instrumento de educação e divulgação científica. Em suas conclusões, as autoras perceberam que o uso da HQ potencializa uma melhor compreensão dos conteúdos curriculares no processo de ensino/aprendizagem, bem como, alicerçar o docente na substituição ou como uma alternativa ao ensino mecanizado e tradicional. Segundo Rama e Vergueiro (2004), a utilização de HQ no ensino de Geografia, por exemplo, pode ser ambientada em vários países, evidenciando paisagens e culturas diversificadas, as transformando oportunas para o ensino da própria disciplina, visto que ofertam observações e correlações desses elementos, proporcionando a abertura de um

espaço de discussões sobre a representação do espaço, paisagem, escala, leitura de símbolos, visão vertical e oblíqua.

Nas palavras de Vilela (2004), as HQ podem ser usadas em várias formas ou através de diferentes enfoques, no caso do ensino de História para ilustrar ou oferecer uma concepção da vida social de comunidades pretéritas. Segundo o mesmo autor, são capazes de apresentar em suas narrativas, registros da época em que foram publicadas e também podem ser usadas como o início de debates de conceitos primordiais para a própria disciplina.

Zeni (2009), argumenta sobre a utilização de HQ e suas adequações no ensino de Literatura, isto é, uma obra que tem por objetivo representar outra obra já existente. Para o mesmo autor, o docente deve determinar quais aspectos priorizará na HQ, por conseguinte, municiar os estudantes com balões de fala vazios para que complete o diálogo como entenderem melhor. Em seguida, começa um debate com uma exposição espontânea dos estudantes analisando as razões que instigaram a produção do texto desenvolvido.

Posteriormente, devem ocorrer à comparação entre as obras dos alunos, a obra original e discutir sobre elas. Na opinião de Borges (2001), os quadrinhos podem ser empregados a alunos surdos. Embora, saliente que os professores e os intérpretes necessitem orientá-los na leitura e no esclarecimento de dúvidas, caso ocorra. Kamel (2006), analisa a capacidade das HQ da Turma da Mônica de Mauricio de Souza, percebendo que as publicações selecionadas contemplam 3 grupos temáticos que são trabalhados nas aulas de Ciências Naturais do ensino fundamental, fundamentado nos PCN: meio ambiente, ser humano e saúde; recursos tecnológicos e fontes de energia. Segundo a mesma autora, a HQ se apresenta como um precioso subsídio didático para integração, estruturação e complementação de conhecimentos científicos.

Kamel (2006) ressalta que a HQ pode ser usada para proporcionar e desenvolver competências cognitivas através do processo de conclusão e abstração, já que, frequentemente, uma forma simplória ou um traço é o bastante para desencadear uma conclusão. Viabiliza que o leitor transpasse o óbvio e construa novas hipóteses. Ademais, a ilustração relacionada ao texto configura-se como uma técnica excepcional para estimular o interesse e o entendimento das crianças e jovens.

De acordo com Mendonça (2002) em uma entrevista empreendida com estudantes do ensino fundamental de escolas públicas e privadas demonstram que a HQ é a preferência entre eles. O estudo de Mendonça (2002) revelou que o interesse e a motivação da HQ é fruto da dinâmica apresentada pela própria. Nesse sentido, segundo a mesma autora, a escola ainda padece de coragem para integrar a HQ ao conjunto de ferramentas de leitura disponíveis em seu espaço. Ademais, reconhecer e usar o recurso da quadrinização como instrumento pedagógico, reflete-se como uma verdadeira necessidade diante de um contexto que a imagem e a palavra se interligam muito mais para produção de significados em variados parâmetros comunicativos.

3 RABISCANDO A MIGRAÇÃO E A EDUCAÇÃO: UM POSSÍVEL CONFORTO NO HORIZONTE

Pode-se considerar que a educação é, senão a maior, uma das maiores soluções para que o homem tenha uma vida melhor, sendo livre para exercer o direito a cidadania (LOPES FILHO, 2021). No contexto hodierno, onde são visíveis a crise e o caos mundial enfrentado pelo planeta em diversos aspectos, sobretudo o ambiental, a educação serve como elo necessário para chamar a atenção dos problemas existentes ao seu redor. Isto é o que Araújo e Pedrosa (2014) e Montenegro et al. (2018) chamam de educação para a sustentabilidade.

No caso dos sujeitos que saem de seus países de origem para tentar a vida noutra localidade, a educação representa uma das, senão a principal viga mestra para a construção de um futuro mais digno e próspero. No Brasil, a Carta Magna (BRASIL, 1988) estabelece a educação como um direito básico, o qual deve ser garantido a qualquer cidadão, sem nenhuma distinção. Entretanto, na prática muitos refugiados de outros países se encontram em situação de vulnerabilidade social nas grandes metrópoles (GARCIA; VASCONCELOS; PINHEIRO, 2021).

Neste trecho da dissertação, a intenção é a de evidenciar um elo entre esta questão da importância que a educação possui para que os imigrantes possam melhorar de vida e ascender socialmente. Enfatiza-se que a ausência dos imigrantes venezuelanos, principalmente as crianças, faz com que uma situação se torne corriqueira no cotidiano manauara: crianças pedindo esmola nos sinais de trânsito a mando dos pais (GARCIA; VASCONCELOS; PINHEIRO, 2021). É neste sentido que o acesso à educação é significativo na vida destes sujeitos, posto que sem ela as chances de conquista de oportunidades e a criação das condições para uma vida melhor se tornam praticamente nulas.

3.1 Rabiscando o conceito migração, imigração emigração

Em muitos relatos documentados pela humanidade, do nomadismo ao sedentarismo, o caminhar, a busca pelo horizonte sempre estiveram presentes na jornada infindável do homem. Talvez um dos relatos mais conhecidos por uma boa parte da

humanidade seja a história de Moisés, descrita nas “escrituras sagradas”, a bíblia, no capítulo conhecidíssimo como o êxodo, quando o líder religioso conduziu sua população para além das fronteiras egípcias:

E disse o Senhor: Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores.

Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do perizeu, e do heveu, e do jebuseu.

E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel é vindo a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. (ÊXODO 3:7-9)

Apesar da história ter transcorrido a aproximadamente 3.000 A.C, o relato repetiu-se ao longo da idade antiga, média, moderna e por fim na contemporânea. E mesmo agora, inúmeras populações repetem novamente o fenômeno da migração, um ciclo doloroso, cada uma obedecendo as suas particularidades, principalmente geográficas, mas algumas palavras citadas na saga de Moisés merecem ser destacadas como “clamor”, “dores”, “livrá-lo” e “opressão”. As palavras mencionadas perduram e podem ser reconhecidas facilmente nas populações migrantes, afinal, a migração na maioria das vezes é fruto de uma busca por um lugar melhor, um lugar que satisfaça o desejo do migrante, uma terra sagrada aos seus olhos.

No ano de 2015, infelizmente, ocorreu um dos episódios mais tristes da imigração internacional. Uma criança síria, refugiada devido à guerra civil, morreu afogada em uma travessia perigosa e corriqueira quando seu bote virou em alto mar com seus familiares e compatriotas. A cena ainda se repete, muitos estrangeiros (principalmente africanos e asiáticos) próximos a continente europeu desafiam os mares, bem como, latino americanos para os Estados Unidos. No entanto, novos contornos urgem sobre a migração no século XXI que serão mencionados mais à frente.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2009, confeccionado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 195 milhões de pessoas, uma estimativa, residiam fora de seus países de origem, nesse momento, representava em torno de 3% da população mundial, vale ressaltar que cerca de 60% desses imigrantes moravam em países desenvolvidos, ricos e industrializados.

O que é migração, imigração e emigração? De acordo com Lopes (2009), migração é um processo voluntário de deslocamento de uma pessoa ou um grupo de pessoas num espaço geográfico, temporariamente ou permanentemente. Para a mesma autora, o

migrante é o próprio praticante da migração, quando transpassam as fronteiras, podem ser de entrada (imigração) ou saída (emigração) e normalmente são instigadas pelo desejo de melhores condições de vida.

Figura 15 – Afogamento de criança imigrante



Fonte: Nilufer Dermi (2015).

No entendimento de Sayad (1998), a migração, define-se como um fenômeno coletivo e individual que deve ser observado através da interação das ciências sociais com as contribuições de diversas disciplinas, como geografia, história, economia, demografia, psicologia, direito, política e antropologia. Para o mesmo autor, as migrações podem ser internas: quando acontecem dentro do mesmo país ou região, ou internacionais: quando pessoas imigram de um país para outro. Ainda segundo o mesmo autor, uma das principais caracterizações para os deslocamentos populacionais internacionais classifica-se pela razão do movimento, podendo ser:

1. Espontâneos: deslocamentos voluntários;
2. Forçados: incentivados devido a perseguições políticas, étnicas ou religiosas;
3. Tutelados ou controlados: países que controlam a entrada de pessoas;
4. Por interesses econômicos de países desenvolvidos: países economicamente prósperos que precisam de mão de obra de alta qualificação para determinados setores.

Patarra (2005), afirma que as novas modalidades migratórias requisitam, no contexto da mundialização, a necessidade de reanálise dos paradigmas para compreensão e o conhecimento das migrações internacionais, a forma de entendimento desses novos deslocamentos de migração é primordial, como a própria redefinição dos

tipos de migração. Em vez de utilizar o conceito de migrações contemporâneas, Ianni (2004) utiliza o conceito de transmigrações, que envolve a heterogeneidade da migração no século XX e XXI.

Ramos (2008) defende que a migração compreende ao rompimento espacial e temporal que provoca mudanças psicológicas, físicas, biológicas, sociais, culturais, familiares e políticas, resultando na adaptação do indivíduo e das famílias a uma determinada cultura. Língua, regras culturais diferentes de sua origem, nesse novo ambiente, por vezes hostil, institui um processo de alta complexidade com sequelas na saúde, educação, desenvolvimento e interação do migrante.

Apesar do pressuposto do desejo de melhoras na qualidade de vida, isto é, seu país de origem, a princípio, não fornece as condições ideais, segundo a sua perspectiva. Os impactos da mudança espacial são gigantescos na mudança e durante a mudança do imigrante. A migração, ao contrário do que a lógica nos pressupõe raciocinar, pode trazer mais perdas do que ganhos para o imigrante.

O imigrante carrega consigo suas referências, sua religião, seu idioma, seus costumes e, em algumas oportunidades, como o da população boliviana em São Paulo ou haitiana no Amazonas, características étnicas. Ele é, aparentemente, um sujeito diferente. Sayad (2010) apresenta uma outra forma de refletir sobre o migrante, ou melhor, o desafio de perceber o migrante, aquele que sai de seu local de origem, renunciando de uma certa forma sua cultura para se incluir numa outra totalmente diferente, geralmente com o desejo de conseguir trabalho, almejando conquistar uma melhor condição de vida a seus familiares que permanecem na terra natal.

Sayad (2010) explica que os dois conceitos são equivalentes: duas partes indissociáveis de uma realidade que pertence ao sujeito. De um lado ele é imigrante porque chegou a uma nova terra, do outro ele é emigrante, por ter abandonado o lugar que residia anteriormente. Na mesma linha de pensamento, a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2019), compreende como migração, o processo de transposição de uma fronteira internacional ou de um Estado. Para mesma instituição, entende-se como deslocamento populacional qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão, da constituição ou das razões e ainda, acrescenta, a migração de refugiados e migrantes econômicos.

Ainda segundo a OIM (2019), o migrante econômico são populações que deixam seu lugar de moradia, no desejo de buscar melhores condições de vida num país diferente daquele de origem. Essa nomenclatura se diferencia de “refugiado” que foge por perseguição ou por violência generalizada ou por violação massiva dos direitos humanos conforme a instituição. Numa outra vertente, a definição de imigrante, se aplica, também, aos indivíduos que se estabelecem fora de seu país de origem pela duração de um trabalho sazonal ou temporário e de acordo com a OIM (2019). Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas Para os Refugiados (ACNUR, 2020): “o Brasil sempre teve um papel pioneiro e de liderança na proteção internacional dos refugiados”. No Brasil, o artigo 43 da Lei n. 9.474, de 1997 (BRASIL, 1997), diz que:

[...] considera-se refugiada toda pessoa que, devido a fundados temores de perseguição em razão de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social específico ou opinião política não pode ou não quer regressar a ele; ou devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Partindo desse ponto de vista, o governo brasileiro, fundamentado na Lei 6.815, de 19 de agosto de 1980, garantida pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) mediante a Resolução Normativa n. 97, alterada pelas Resoluções Normativas n. 102/2013, 106/2013, 113/2014 e 117/2015, regulamentou a concessão de visto permanente aos haitianos e posteriormente, aproveitada para venezuelanos, por razões humanitárias, com tempo válido de cinco anos e possibilidade de prorrogação.

Com isso, a Constituição Federal se transformou em um instrumento de luta e defesa dos direitos sociais. A viabilidade da ruptura com a desigualdade e exclusão histórica dos sujeitos teve como pilar a dignidade da pessoa humana e a promoção do bem de todos, sem discriminação de origem, sexo, idade, raça, cor e ou quaisquer formas de preconceitos, conforme retificado em seu artigo 5º (BRASIL, 1988), cujo teor expressa a igualdade de todos perante a lei, não havendo acepção ou diferenciação entre brasileiros e estrangeiros que residem no Brasil.

A Convenção de Genebra, criada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas de 1950 (Resolução n. 429 V), assegura os status legais dos refugiados, estruturando instrumentos legais alusivos a eles e oferta normatizações de seus direitos em nível planetário, simultaneamente, organiza critérios fundamentais para o tratamento dessas populações, além disso, a Convenção de Genebra não impõe limites para que os

Estados possam desenvolver esse tratamento, mesmo determinando que sua aplicação deva ocorrer sem discriminação por raça, religião, sexo e país de origem (ACNUR, 2020). Aproveitando a oportunidade, salienta-se destacar que o Brasil, até os anos de 2017, não continha uma legislação direcionada para o atendimento desse novo contingente de estrangeiros, diga-se de passagem, um dos poucos países que não tinham um serviço de imigração.

O Brasil é um Estado, membro da OIM, a partir de 2004, quando promulgada a Resolução nº 1.105, de 30 de novembro de 2004, aprovando a Constituição da OIM, assegurando a sua integração a esta organização. Contudo, o governo brasileiro, apenas aderiu realmente à OIM em 2013, devido ao Decreto nº 8.101, de 6 de setembro de 2013. A participação do Brasil na OIM presume-se que o país defenda os pressupostos no estabelecidos pela organização, no que se refere ao tema migração. Sobre a migração, ocorre uma atualização com a Lei Nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Esta Lei ordena sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, legítima a sua entrada e estada no território brasileiro e estrutura princípios e diretrizes para as políticas públicas direcionadas para o emigrante, enfatizando as garantias estabelecidas aos migrantes e aos princípios que regem a política migratória brasileira, estabelecidos em seu Artigo 3º:

- I - Universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos;
- II - Repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação;
- III - Não criminalização da migração;
- IV - Não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional;
- V - Promoção de entrada regular e de regularização documental;
- VI - Acolhida humanitária;
- VII - Desenvolvimento econômico, turístico, social, cultural, esportivo, científico e tecnológico do Brasil;
- VIII - Garantia do direito à reunião familiar;
- IX - Igualdade de tratamento e de oportunidade ao migrante e a seus familiares;
- X - Inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas;
- XI - Acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social;
- XII - Promoção e difusão de direitos, liberdades, garantias e obrigações do migrante;
- XIII - Diálogo social na formulação, na execução e na avaliação de políticas migratórias e promoção da participação cidadã do migrante;
- XIV - Fortalecimento da integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, mediante constituição de espaços de cidadania e de livre circulação de pessoas;
- XV - Cooperação internacional com Estados de origem, de trânsito e de destino de movimentos migratórios, a fim de garantir efetiva proteção aos direitos humanos do migrante;

XVI - Integração e desenvolvimento das regiões de fronteira e articulação de políticas públicas regionais capazes de garantir efetividade aos direitos do residente fronteiriço;
XVII - Proteção integral e atenção ao superior interesse da criança e do adolescente migrante;
XVIII - Observância ao disposto em tratado; XIX - proteção ao brasileiro no exterior;
XX - Migração e desenvolvimento humano no local de origem, como direitos inalienáveis de todas as pessoas;
XXI - Promoção do reconhecimento acadêmico e do exercício profissional no Brasil, nos termos da lei; e XXII - repúdio a práticas de expulsão ou de deportação coletivas. (Lei nº. 13.445, 2017)

O CONARE foi criado pela Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, e pela Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados, de 28 de julho de 1951. A Lei nº 9.474, 23 publicada no Diário Oficial da União nº 139 – Seção I – páginas 15822-15824, de 23 de julho de 1997, define os mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951. Em seu Art. 5º e 6º, esta Lei detalha que o refugiado usufruirá de direitos e estará submetido aos deveres dos estrangeiros no Brasil, ao disposto nesta Lei, na Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 e no Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967, tendo a obrigação de respeitar as leis, regulamentos e providências destinados à manutenção da ordem pública. Aliás, o refugiado possuirá o direito, de acordo com os termos da Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951, a cédula de identidade comprobatória de sua condição jurídica, carteira de trabalho e documento de viagem.

O CONARE representa um órgão colegiado, ligado ao Ministério da Justiça, que se constitui de segmentos da área governamental, da sociedade civil e das Nações Unidas. É finalidade do CONARE diagnosticar e decidir sobre o pedido de reconhecimento da condição de refugiado. Qualquer pedido de refúgio contém um processo que é analisado se o requerente possui um fundado temor de perseguição por meio de uma entrevista pessoal com um oficial do governo brasileiro, responsável por avaliar a sua condição de refugiado.

Na maioria das vezes os fluxos migratórios são compreendidos como uma ameaça ou problema ao país receptor. Neste sentido, sua relevância é percebida em um crescimento no número de contribuições científicas publicadas neste século, como pode ser notado frequentemente em debates. Conforme afirma Cardoso (2002), fóruns como, por exemplo, a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento ocorrida no Cairo em 1994 e o Encontro Europeu da Organização Internacional do Trabalho em 200

são exemplos de eventos em que estas questões atinentes as imigrações internacionais foram discutidas.

Em noticiários no mundo todo se evidencia a dupla preocupação com os imigrantes. Nenhum país, Estado-Nação, praticamente está preparado para receber grandes contingentes populacionais. Nem mesmo, os países mais industrializados, com maiores índices de desenvolvimento humano (IDH). Queira ou não, há um custo. Empregar, alimentar, estabelecer moradias entre outros. Além disso, motivações discriminatórias raciais, culturais e religiosas problematizam mais ainda. Realmente um desafio para os governantes dos estados receptores.

Inclusive uma das principais propostas políticas de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, no período de 2017 a 2021 aplicadas foram o endurecimento do visto de permanência a imigrantes, construção e ampliação do muro na fronteira com o México, contratação de 5 mil agentes de fronteiras e 10 mil agentes aduanas e imigração, segundo Jaobsen (2017). Também recorrentemente o presidente estadunidense proferia discursos xenofóbicos em redes sociais e programas de televisão. Albuquerque Junior (2016, p. 9) debate sobre o entendimento de xenofobia:

A palavra xenofobia vem do grego, da articulação das palavras xénos [ξένος] (estranho, estrangeiro) e phobos [φόβος] (medo), significando, portanto, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro. Ela implica uma desconfiança e um preconceito em relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura a que pertence aquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar. A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólica, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa, se rejeita com maior ou menor intensidade.

No Brasil, a lei 9. 459 da CF de 1988, (BRASIL, 1988), discorre sobre o crime de xenofobia: "Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional." O fundamentalismo religioso, o nacionalismo cultural, as comunas territoriais são reflexos defensivos. Estes, por sua vez, refletem mecanismos de reação a três ameaças fundamentais, diagnosticadas em todas as sociedades, pelo menos, numa boa parte da humanidade neste contexto: à globalização, essa que abala a autonomia das instituições, organizações e sistemas de comunicação nos lugares onde vivem as pessoas, à construção de redes, bem como, a flexibilidade que transforma as fronteiras, singularizam

as relações sociais de produção e promovem instabilidade estrutural do trabalho, do espaço e tempo. Consequentemente, o planeta, quando se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais tem a finalidade de torná-lo menor, para controlá-lo novamente (CASTELLS, 2000).

A problemática da migração traz em seu bojo não somente as tensões entre os países envolvidos, mas também as práticas de xenofobia dirigidas aos imigrantes (VILLARROEL, 2021). Neste ponto, é preciso refletir sobre os direitos que a Carta Magna (BRASIL, 1988) garante aos refugiados, posto que o cumprimento deles representa os fatores condicionantes para uma vida melhor e mais digna para os imigrantes em seus respectivos países de destino.

3.2 Rabiscando a imigração venezuelana

Nesse início do século XXI, a realidade de uma parte do continente europeu passou a ser realidade também da América Latina. Informações provenientes da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL), publicados no Panorama Social de América Latina 2004, revelam que a maioria da população migrante presente na região advém da própria América Latina (58,7%), totalizando 2.700.000 pessoas. Ainda com mesmo autor, isso classifica-se como uma novidade, já que em 1990, o percentual era de 48,8% e, em 1980, de 36,9% (MARINUCCI, 2005)

Uma das razões percebidas para o crescimento da emigração intrarregional são: à semelhança cultural, bem como as raízes históricas e a complementaridade dos mercados laborais subjacentes aos intercâmbios migratórios, acrescenta-se ainda, as dificuldades das correntes imigratórias ultramar. Na mesma linha de raciocínio, Garcia (2016, tradução nossa) disse que nos anos de 2010, 62,8% dos imigrantes residentes nos países da América Latina e do Caribe eram da mesma região. Fundamentado em números oficiais, o autor indicou que a migração internacional e intrarregional cresceu 17% ao ano para os países da América Latina e do Caribe entre 2011 e 2013. Ainda de acordo com Garcia (2016), a migração intrarregional segue três parâmetros: migração de fronteira ou deslocamentos temporários de pequena distância, migração étnica por populações indígenas e migração dirigida pela cidade, incluindo trabalhadores rurais e urbanos.

Segundo Baeninger (2012), presumivelmente a fragilidade das fronteiras que compõem os países da América Latina, num cenário de relação econômica regional, vem provocando o crescimento das novas modalidades de migração da população do tipo fronteira ou entre países limítrofes, com os movimentos transfronteiriços.

Para Patarra (2005), de uma maneira geral, a princípio, os fluxos migratórios direcionados para o Brasil ou a própria América Latina eram na sua maioria de imigrantes europeus. Dessa forma, o ápice da migração europeia para o Brasil aconteceu nas duas últimas décadas do século XIX, entre os anos de 1877 e 1903, quando adentraram em território brasileiro, aproximadamente 2 milhões de imigrantes, com a prevalência de italianos. Segundo Oliveira (2012), nesse lapso, 40 milhões de pessoas, apontam as estimativas, tenham migrado da Europa para o Brasil. Concomitantemente, depreende-se que as mudanças ocorridas durante o século XIX fizeram com que este fenômeno resultasse na forma da mobilidade do capital e da população em diferentes partes do espaço mundial.

Uma das motivações para a escolha do Brasil frente a outras oportunidades, segundo Bassanezi (1999) é que nas primeiras décadas do século XX, um projeto de colonização agrícola, construído pelo governo brasileiro com a finalidade de promover o povoamento da terra, seduziu um contingente significativo de europeus para o Sul e o Sudeste do Brasil. Levy (1974) afirma que o crescimento estrondoso da produção cafeeira, aliada à falta de um contingente satisfatório de trabalhadores no Brasil, provocou a abertura do Brasil para a migração, visto que, nesta lacuna temporal, a Europa se via em voltas com o crescimento da nascente industrialização, seduzindo uma parte considerável da população para as cidades suprimindo a mão-de-obra no espaço rural.

Na mesma linha de raciocínio, Nunan (2016) diz que no final do século XIX e início do século XX, o Brasil intensificou sua política imigratória, recebendo imigrantes portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses. Consolidando o compromisso com a imagem de um país com imensos territórios disponíveis, com recursos abundantes à espera de mão-de-obra capaz de explorar os recursos generosos proporcionados pela terra.

Até 1876 adentraram no Brasil, 350.117 imigrantes, dos quais 45,7% eram portugueses, 12,9% alemães e italianos, espanhóis, aproximadamente 6% e 35,7% eram de outras nacionalidades. No passar dos anos de 1915 a 1918, percebeu-se uma redução

no número de emigrantes no Brasil, quando a média anual passou a ser de 27 mil pessoas. Dessa maneira, os portugueses voltam a ser o maior montante de estrangeiros, acrescenta-se também a entrada de imigrantes que pertencem a outras nacionalidades (LEVY, 1974).

Carneiro (2003) também colabora afirmando que historicamente, o Brasil se instituiu como um lugar de imigrantes, fruto da colonização, da escravidão e, posteriormente, com o fim da escravidão, de imigrações desejadas, ocorridas durante o século XX para suprir a falta de mão de obra especializada nas plantações de café, principalmente, no estado de São Paulo. Para a mesma autora, nesse momento, eram privilegiadas as migrações de europeus. Contudo, a começar dos anos de 1930, um conjunto de políticas privativas foram regulamentadas, dificultando a entrada de imigrantes e refugiados em território nacional.

Segundo Carneiro (2003), o governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, ficou demarcado como rigoroso e restritivo aos imigrantes, percebidos como indesejáveis. Conseqüentemente, a imigração passou a ser regulada através da aprovação da emenda conhecida como a “Lei de Cotas”. Aliás, a constituição de julho de 1934 ordenou restrições à entrada de imigrantes, estimando, ao ano para cada nacionalidade, um valor máximo de 2% dos respectivos membros já fixados no país que houvessem imigrado nas últimas cinco décadas. Ademais, segundo a mesma autora, ficou ainda restrita a concentração de imigrantes em qualquer parte do território. Essas medidas revelaram uma política de branqueamento ou policultura.

Novos tempos, novas faces da imigração, de acordo com o Relatório de Gestão do Exercício de 2016 da Polícia Federal, publicado em 2017: No ano de 2016, o Departamento de Migrações e a Secretaria Nacional de Justiça empreenderam um conjunto de iniciativas no desejo de proporcionar os direitos e a integração de migrantes e refugiados no Brasil. No que concerne à promoção de serviços, foram realizados repasses financeiros no âmbito dos convênios para a introdução de dois centros de referência e acolhida a migrantes e refugiados (CRAI's), um no município de Porto Alegre/RS e outro em Florianópolis/SC. Também foi lançado edital de chamamento público para que organizações da sociedade civil apresentem projetos que promovam a integração de migrantes e refugiados. Ao mesmo tempo que foram realizados repasses

de recursos para organizações da sociedade civil promoveram cursos de português para migrantes e refugiados.

Em novembro do mesmo ano, por intermédio do Despacho nº 1.921/2016 GAB/SNJ, foi prorrogado, por seis meses, o prazo para que os cidadãos haitianos beneficiários de permanência em território brasileiro por motivos humanitários. Apresentem-se à autoridade competente para a realização de seus registros, para efeitos de regularizando de suas situações migratórias no País. O relatório também acentuou que em relação a ações únicas para assegurar os direitos e integração de refugiados. Vale ressaltar, as seguintes iniciativas do CONARE, em 2016:

a) Disponibilidade de turmas para migrantes e refugiados no curso Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) Língua Portuguesa e Cultura Brasileira para Estrangeiros, em associação com o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e Instituto Federal de Brasília (IFB);

b) Lançamento, em abril do mesmo ano, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE Nacional e SEBRAE-SP, o projeto Refugiado Empreendedor, ofertando cursos gratuitos de empreendedorismo a refugiados;

c) Estabelecimento, junto à Universidade de Oknawa, Canadá, da Iniciativa Conjunta para Fortalecer o Patrocínio Privado de Refugiados;

d) Desburocratização das solicitações de autorização de viagens, mediado pela aprovação da Resolução Normativa 23, de 30 de setembro de 2016, a qual estrutura procedimentos de solicitação de passaporte e viagem ao exterior para pessoas refugiados e solicitantes de refúgio. Haja vista que o Brasil (até em 2017) não continha uma legislação específica para o atendimento dessa nova demanda de estrangeiros, nesse caso, os haitianos, tanto que era um dos poucos países que não possuíam um serviço de imigração, visto que, era de competência da Polícia Federal grande parte do processamento dos pedidos de residência e de refúgio.

Nos últimos anos, venezuelanos estão solicitando, massivamente, refúgio ao Brasil, com o objetivo de fugir da crise em que se encontra a Venezuela. O CONARE, nos anos de 2016 e 2017, registrou um aumento de 1.036% no número de pedidos de refúgio de venezuelanos para o território brasileiro. Esses pedidos de refúgio são avaliados por este mesmo órgão que está associado ao Ministério da Justiça, diga-se de passagem, esses

pedidos demoram anos às vezes para serem analisados, por conseguinte, muitos venezuelanos, encontram-se ilegalmente no país (BRASIL, 2017).

O primeiro país sul-americano a sentir o impacto da crise venezuelana foi a Colômbia. De acordo com o estudo confeccionado pelo Ministério das Relações Exteriores da Colômbia em 2017, o fluxo migratório de venezuelanos para a Colômbia aumentou 110% em 2017. A média diária de chegada de venezuelanos na Colômbia utilizando o Cartão de Mobilidade Fronteiriça (CMF), que facilita a passagem pela fronteira, foi de aproximadamente 37 mil pessoas. Fundamentado no mesmo estudo, no final de 2017, pressupõe que 550 mil venezuelanos estavam em território colombiano.

De acordo com os dados fornecidos pela Polícia Federal, em 2017 foram registrados 22.247 pedidos de refúgio por venezuelanos, um recorde de solicitações nos últimos anos. Nem todos os venezuelanos são considerados refugiados porque o refúgio é concedido àqueles que sofrem perseguições políticas, étnicas e religiosas. Mas, muitos já pedem esse visto, porque ao conseguir apenas o documento de solicitação, já podem emitir documentos e trabalhar legalmente no Brasil. Ainda segundo a Polícia Federal, os estrangeiros agora também pedem a chamada residência temporária que foi permitida com a nova Lei de Migração e passou a ser gratuita a partir de agosto de 2017. Neste mesmo ano foram registrados mais de 8.000 pedidos dessa nova modalidade (BRASIL, 2017).

Uma das razões para essa imigração em massa dos venezuelanos para o Brasil é por conta da proximidade de suas fronteiras, especificamente entre as cidades de Pacaraima (no estado brasileiro de Roraima) e Santa Elena de Uairén (estado venezuelano de Bolívar). Além disso, vale ressaltar que o aumento desse movimento migratório tem provocado muitos conflitos em boa parte da região norte do Brasil, uma vez que os imigrantes se concentram nas principais cidades desta região.

De acordo com Oliveira (2019), os fluxos imigratórios foram intensificados no ainda no governo de Hugo Chávez (1999-2013) quando os deslocamentos partiram da classe média, com as mudanças principalmente para os Estados Unidos e à Espanha. Posteriormente, os mais pobres passaram a seguir o mesmo destino. Esse processo se eleva a partir de 2010, por conta do aumento do custo de vida, relacionado à queda no preço do petróleo, o que desestabilizou a economia.

A queda do preço do petróleo prejudicou a economia do Venezuela, que recebe 96% de suas divisas da exportação do produto. As importações foram reduzidas vertiginosamente, ocasionando a escassez de vários bens manufaturados. Segundo as estimativas, a economia retrocedeu 11,3%. O país também tem a inflação mais alta do mundo, que o Fundo Monetário Internacional (FMI) tinha previsto em 1.660% para 2017. De acordo com a ONG (Organização Não Governamental) Observatório Venezuelano de Violência (OVV), aproximadamente 28 mil mortes violentas ocorreram no país em 2016 — 91,8 a cada 100 mil habitantes, taxa dez vezes maior do que a média mundial. Paralelamente, multiplicam-se as denúncias de violações dos direitos humanos por parte do Estado, como execuções e invasões ilegais.

A nação venezuelana nos últimos anos, tem experimentado um aumento vertiginoso da pobreza com efeitos diretos sobre as suas qualidades de vida. Para o mesmo autor, conforme levantamentos de dados sobre as condições de vida dos venezuelanos, divulgados em fevereiro 2018, 6 em cada 10 venezuelanos perderam aproximadamente 11 Kg em 2017 por causa da fome. O autor diz que, sobre a renda, as famílias em situações de pobreza extrema pularam de 23,6% em 2014 para 61,2% em 2017, em termos do nível total de pobreza, houve uma distinção de 48,4% de população pobre em 2014 para 87% em 2017 (DEL VECCHIO; ALMEIDA, 2018).

O índice apresentado reflete as condições econômicas inflacionárias da Venezuela. Ainda, se somam as instabilidades políticas que o país transpassa resultando em uma crise econômica com consequências gigantescas e extremas sobre a população, no desabastecimento dos supermercados (falta de alimentos, itens de higiene pessoal, medicamentos, entre outros) e o desequilíbrio no fornecimento de serviços básicos.

Segundo Santos e Vasconcelos (2016), a crise venezuelana tem ocupado os espaços disponibilizados dos noticiários no mundo todo. Movimentos em oposição ao governo de Nicolás Maduro cresceram no país. Em consequência disso, muitos habitantes dentre eles, indígenas, deixaram o país durante a turbulência. A crise político-econômica criou uma extrema pobreza na Venezuela, dado que o país importa produtos básicos. Além disso, as dificuldades vividas pelo povo amplificaram a criminalidade.

Rota da fome, assim é conhecida, segundo Costa e Brandão (2018), o principal trajeto de migração de venezuelanos para o Brasil. Percorre o território venezuelano pela Rota 174, rodovia venezuelana que conecta Caracas a Pacaraima. Em território brasileiro,

a Rota 174 transforma-se em BR 174, com destino à Boa Vista e posteriormente à Manaus, capital do estado do Amazonas: cinco a dez dias de caminhada para ir de Pacaraima a Boa Vista é o tempo estimado da maioria dos venezuelanos que desafiam o trajeto, outro detalhe mencionado é a ausência de locais para dormir ou descansar durante o trajeto, isto é, os imigrantes ficam ao relento por todo tempo durante a caminhada. A Figura nº 16 apresenta o caminho de Pacaraima (RR) a Boa Vista (RR).

Figura 16 – Rota da fome (Fluxo migratório de venezuelanos em Roraima)



Fonte: Costa e Brandão (2018).

Por conta do preço dos taxis compartilhados, um preço entre R\$ 50 e R\$ 60 (taxis regularizados, de cooperativa, que funcionam no esquema de lotação, embarcando até quatro pessoas). Muitos venezuelanos se abrigam em abrigos superlotados da cidade de Pacaraima ou mesmo em situação de rua, até conseguir a quantia necessária. De acordo com Mendonça (2018), Sr. Asano, membro do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CDNH), que colaborou em uma missão para avaliar a situação da acolhida dos imigrantes venezuelanos em Roraima, Pará e Amazonas, aponta que na maioria dos casos, por não terem recursos para bancar as passagens ou taxis, alguns imigrantes vencem a pé o caminho de mais de 200 quilômetros que separa Pacaraima (município roraimense), na fronteira, e Boa Vista, capital do estado de Roraima.

As diferenças são reavivadas nesse contexto, dessa forma, ocorre o reavivamento das diferenças, sobrescrevendo a análise das tensões contemporâneas, como as questionadas por Touraine (1997), quando reflete: se de fato, poderemos viver juntos? Nessa perspectiva Sayad (1998) diz que os brasileiros ao perceberem a presença dos imigrantes dividindo o mesmo espaço, a mesma escola, os mesmos postos de saúde e as mesmas ruas, exigindo direitos e transpondo a servidão como, apenas mão de obra num setor que os próprios brasileiros estariam poucos dispostos a ocuparem, por conseguinte, causará problemas como a seguinte indagação: “estão roubando nossos trabalhos” ou mesmo “eu, brasileiro, deveria ter prioridade nos postos de saúde e hospitais”.

Candau (1997) salienta o reconhecimento da diversidade de identidades culturais de classe, raça, gênero, etnia e nacionalidade que precisam ser elencadas, uma vez que são indispensáveis à estruturação de uma sociedade democrática, crítica e participativa. Tendo em vista que o Brasil é visto como um país multicultural e plurilíngue, já que, tem a presença de línguas alóctones (escolas bilíngues), autóctones (indígenas), estrangeiras (migrantes) e de fronteira (predominantemente o espanhol).

Famílias com crianças com menos de 10 anos, percorrem essa distância caminhando durante dias em uma estrada perigosa, vale ressaltar que em determinados trechos não há acostamento. O táxi-lotação cobra em torno de 50 reais, diga-se de passagem, que é um valor altíssimo para quem não tem condições nem de se alimentar (MENDONÇA, 2018).

Os imigrantes são procedentes de 24 regiões venezuelanas – a maioria de Bolívar, Monagás e Caracas – e apresentam pouquíssimo conhecimento do português. Existe a

necessidade latente de políticas públicas direcionadas para estas populações, com o aumento e a melhoria na qualidade do atendimento nas áreas de saúde, educação e assistência social, além da capacitação dos profissionais em lugares estratégicos do território brasileiro. Religião, idioma, costumes e, em determinados casos, características étnicas. Ele é, em muitas perspectivas, um sujeito diferente (SIMÕES et al., 2017).

A chegada em massa de venezuelanos ao município de Manaus fez com que o prefeito criasse um abrigo para acomodar os imigrantes, principalmente da etnia *Warao*. O abrigo criado de forma emergencial fica localizado próximo a rodoviária da cidade, localizado no bairro Chapada, zona Centro-Sul. O abrigo deve receber os imigrantes temporariamente e rotativamente, enquanto eles lutam para se legalizar por meio da carta de refúgio. No entanto, apesar dos esforços da prefeitura, o abrigo não é suficiente para atender a demanda.

Dentre as inúmeras barreiras encontradas pelos os venezuelanos, o idioma, sem dúvidas, ainda é o pior delas, um elemento essencial, em qualquer lugar do planeta, visto que, isso interfere em conquistar vagas no mercado de trabalho. Mesmo o venezuelano possuindo diploma de ensino superior, muitos apenas conseguem trabalho em serviços como construção civil, domésticos, ou mesmo em pontos na cidade, como nos semáforos vendendo diversos produtos. É geralmente no trabalho que ocorre com maior facilidade a inclusão social do imigrante de acordo com Cotinguiba e Cotinguiba (2014) no caso dos haitianos, por exemplo.

Segundo Maher (2007), o multiculturalismo que define a nova ordem mundial, a heterogeneidade crescente das sociedades em razão do crescimento das migrações e das interações interétnicas e interculturais não possibilita mais ignorar para o fato de que as culturas não são monolíticas e estáticas, por esse motivo, não há como trabalhar com noções de identidades culturais estagnadas.

Na visão de Maher (2007), partindo dessa premissa, o esforço para entender as manifestações e os efeitos de diferenças culturais em sala de aula é necessário clarificar, inicialmente, que alunos e professores não são autômatos, não agem, devidamente ou constantemente, baseado em convenções interacionais de sua cultura. Ainda com a mesma autora, outrossim, a cultura não é apenas imaginada, mas também experimentada, seus significados são incessantemente analisados e moldados pela atividade humana.

Um país multicultural e plurilíngue, assim é reconhecido o Brasil, uma vez que possui línguas alóctones (escolas bilíngues), autóctones (indígenas), estrangeiras (migrantes) e de fronteira (majoritariamente espanhol). O reconhecimento da multiculturalidade faz com que se perceba a pluralidade de identidades culturais históricas e sociais nas mais diversas localidades de nosso território. Enaltece-se a relevância de reconhecimento do fracionamento de identidades culturais de classe, raça, gênero, etnia e nacionalidade que precisam ser levadas em respeito, haja vista que são primordiais à construção de uma sociedade democrática, crítica e participativa (CANDAU, 1997).

No caso específico dos venezuelanos em Manaus, Ribeiro (2021) explica que nem sempre os olhares destinados a estas pessoas é de solidariedade, posto que infelizmente não são poucas as ocasiões em que estes imigrantes são tratados com preconceito, indiferença e em alguns casos xenofobia. O Brasil representa para estes sujeitos uma oportunidade de recomeçar suas vidas. Todavia, nem todos os cidadãos, em especial os manauaras compreendem com clareza os motivos que levaram estas pessoas a saírem de seu país de origem para tentar reconstruir suas vidas noutra localidade.

Para Lichterbeck (2021), em termos populacionais os venezuelanos em Manaus já representam algo em torno de 20 mil pessoas, montante este que já supera o total estimado de haitianos, o qual é de aproximadamente 5 mil pessoas. Ainda consoante a reportagem de autoria de Lichterbeck (2021), mesmo com as dificuldades de comunicação, boa parte dos venezuelanos busca no comércio informal uma forma de garantirem seu sustento, seja vendendo café, água, frutas e em alguns casos até o próprio corpo para poder sobreviver.

Todavia, este montante considerável de mais de 20 mil pessoas demonstra que ainda que sejam feitos investimentos, o Brasil ainda demonstra algumas lacunas no que tange ao atendimento aos refugiados, mesmo sendo integrante de diversos tratados concernentes a esta questão imigratória (TANIGUCHI; PAIVA, 2019). Em Manaus, além das ações do poder público, a Igreja Católica, dentre elas a Pastoral dos Migrantes tem ajudado na medida do possível os venezuelanos, seja com distribuição de comida ou questões mais burocráticas (LICHTERBECK, 2021).

De maneira geral, a chegada em masse de imigrantes venezuelanos impacta todas as áreas básicas necessárias para o funcionamento pleno de uma sociedade: saúde,

segurança, moradia e educação, tema este cuja abordagem necessita ser mais aprofundada.

3.3 Rabiscando sobre a educação de imigrantes

Crianças estrangeiras ocupando carteiras nas escolas públicas brasileiras não é novidade, no século XIX, já estavam por aqui, quando os imigrantes europeus chegaram e trouxeram consigo as expectativas e os desejos de estudar em um novo país. Educar as crianças estrangeiras nessa época, ocorreu através das reivindicações das famílias pela criação e manutenção de escolas públicas, para assegurar a aprendizagem da língua nacional. Contudo, quando não era possível sustentar as escolas públicas, os próprios imigrantes se orquestravam para promover educação para seus filhos. Neste sentido, a educação continua fundamentada nos costumes de seu povo, assim, não perdendo a herança cultural transferida das gerações mais antigas para as mais novas. Como exemplo, cita-se as colônias alemãs e italianas que foram constituídas na Região Sul do Brasil.

Segundo Wiederkehr (2013) uma comunidade teuto-brasileira (descendentes de alemães nascidos no Brasil), fundada no século XIX, merece destaque, a colônia de Blumenau em Santa Catarina. Com o objetivo de resguardar a herança alemã cristalizada em seu povo para o sul do Brasil. A cidade de Blumenau, localizada no Vale do Itajaí, Santa Catarina, se consolidou através das políticas imigratórias do século XIX. Os imigrantes alemães e seus descendentes, ou teuto-brasileiros, estabeleceram a comunidade blumenauense, caracterizada pela língua alemã e manifestações culturais próprias, garantindo a educação formal diferenciada para seus filhos através da criação da escola alemã.

Esta característica é evidenciada por Wiederkehr (2013), no transcorrer do período de colonização brasileira e foi impulsionada pelo Governo Imperial do Brasil o nascimento de escolas pelos próprios imigrantes, o que ocorreu em razão do fato do Brasil ter um território extenso e do governo precisar colonizar as terras. Essa maneira de educação para os filhos de imigrantes exposto pela mesma autora, revela que a inclusão em um novo território se torna menos danosa para as crianças por conta da homogeneidade cultural, quando todos os alunos compartilham da mesma origem. Nesse tipo de

educação, são transmitidos para as gerações vindouras os traços de sua cultura nativa, além da língua materna. Para mesma autora, essa modalidade de educação para os imigrantes apresenta-se mais como maneira de preservar a cultura materna do que a inserção na nova terra, dado que a finalidade prioritária é a manutenção da cultura original da família, e a escola alemã era a instituição mais importante para essa empreitada. Resumidamente, a concepção educativa dessa época era a de alfabetizar o aluno, primeiramente na língua materna, ou seja, o alemão, para, depois, introduzir o ensino da língua portuguesa.

Outro exemplo a ser mencionado e que merece também o mesmo destaque, segundo Pagani (2012), é a imigração italiana no Brasil. Para o mesmo autor, ao desembarcar num país praticamente desconhecido, os imigrantes deparavam-se com barreiras de inclusão nessa nova sociedade com ambiente natural diferenciado. Para reduzir as dificuldades encontradas, os imigrantes eram conduzidos a estabelecer entre eles, uma relação de ajuda mútua e solidariedade que resultou na fundação de associações que tinham como finalidade solucionar os problemas mais emergentes e que, na maioria dos casos, não tinham resolução ou garantia das autoridades brasileiras regionais, nacionais ou dos próprios empregadores. Dentre as atividades da comunidade italiana, estava a instituição de escolas étnicas, que tinham como objetivo principal a manutenção da cultura italiana nos seus descendentes.

Para Pagani (2012), essas escolas obedeciam a mesma programação curricular das escolas italianas, da mesma maneira que eram patrocinadas pelo governo italiano localizadas na cidade do Rio de Janeiro ou no estado. Restringiam-se ao ensino das primeiras letras, embora a estruturação da escola ser baseada nos modelos italianos, elas divergiam do modelo materno devido a obrigação de inserir o programa de educação brasileiro, em outras palavras, uma escola mista que integrava a cultura materna com a cultura brasileira. Outro mecanismo, além da construção de escolas para seus filhos, para preservação da língua materna e da cultura são a religião, as festas, as tradições, os costumes e a música.

Diante da grande imigração ocorrendo no Brasil, neste momento, como a sociedade e o Estado podem lidar com a educação desses novos imigrantes no sistema de ensino regular, a citar os bolivianos, haitianos e venezuelanos, visto que não existe “ainda” construção de uma colônia como a dos povos europeus dos séculos passados?

Os obstáculos enfrentados pelas crianças, ou mesmo os adultos é a sua inserção abrupta na cultura brasileira em prejuízo da sua, também não há escolas voltadas para preservação da cultura, como percebido anteriormente nos casos das escolas étnicas alemã e italiana. Em relação ao caso dos venezuelanos, a presença de suas crianças nas escolas brasileiras ainda faz parte, timidamente, da bibliografia acadêmica, são poucos as pesquisas que abordam sobre o assunto.

Em um estudo mais aprofundada sobre os alunos imigrantes, bolivianos ou filhos de bolivianos, Oliveira (2013) aborda a perceptível preocupação das crianças de se “sentirem” brasileiros. Constatação bastante peculiar, já que, por diversas vezes nos discursos dos alunos bolivianos por seus pares e professores, eles insistem em alegar que são brasileiros, debatendo que são apenas “filhos de bolivianos”. Essa preocupação de não se identificar com o grupo de origem é bastante comum. Sempre, ao se relacionar com esses alunos essa questão emergia, a reação dos alunos bolivianos era a mesma: a expressão facial tensa, fechada exprimindo preocupação, desviando o olhar, isto é, questionar sua nacionalidade era o mesmo que feri-lo profundamente.

Nas escolas regulares, as crianças imigrantes se esforçam para aprender uma nova língua, ao mesmo tempo em que tentam acompanhar os conteúdos programáticos regulares. Paralelamente, são inibidos a utilizarem sua língua de origem na escola. Aliás, elas sofrem *bullying* dos colegas brasileiros, como expõe Oliveira (2012). No decorrer de sua pesquisa, ela analisou através da observação do comportamento das crianças nos diversos espaços da escola e diferentes momentos de horário escolar, atitudes de intolerância étnica por parte de alunos brasileiros. No mesmo trabalho, Oliveira (2012) verifica também, por meio dos discursos de professores e gestores da escola sobre o desempenho escolar dos alunos e alunas bolivianos é bem significativo na maioria dos casos. São constantemente qualificados como excelentes alunos, respeitosos, disciplinados, ou seja, são valorizados pelos agentes escolares.

O que ocorre em linhas gerais é um processo de aculturação. Segundo Monteiro Neto (2012), a aculturação acontece a nível coletivo e integra transformação cultural promovida pela interação com outras culturas. As transformações oriundas do processo de aculturação podem ser representadas fisicamente, geograficamente, biologicamente, politicamente, economicamente, culturalmente, socialmente e, no final, psicologicamente em nível individual.

De acordo com Berry (1997), a aculturação impõe influência nas culturas em contato e produz, em sutileza, transformações na população e individualmente nas pessoas. Fundamentado no mesmo autor, os parâmetros de aculturação sugeridos são a separação, marginalização, assimilação e integração. Na assimilação, o indivíduo em vias de aculturação não pretende exprimir ou assegurar sua identidade, buscando interações com a cultura do país em que está incluída. Para Monteiro Neto (2012), na outra mão, tem-se a segregação, na qual há a valorização da cultura da sociedade de origem do indivíduo e, concomitantemente a atração de evitar as interações e relações com a nova cultura de convivência.

Ainda segundo Monteiro Neto (2012), por ora na integração, percebe-se o desejo de sustentação de ambas as culturas, preservando em certo nível de integridade cultural da origem, ao mesmo tempo em que acontece a participação na cultura em convivência. Quando existe pouca atração ou possibilidade de manutenção cultural, acontece à marginalização, os indivíduos ficam apartados ao tato, tanto com a cultura de origem quanto com a sociedade receptora, normalmente em virtude de discriminação ou exclusão.

Em outras palavras, o impacto de uma cultura diferente da cultura de sua família, e o caso de não achar apoio e incentivo no propósito de preservação das suas raízes, causa no encontro com o outro, um choque cultural incalculável no imigrante, acima de tudo, nas crianças que estão em processo de escolarização e necessitam sentir-se integradas a um novo território, paralelamente, habituando-se com costumes diferentes do seu povo, dentre eles uma nova língua.

De acordo com Gadotti e Romão (2003), não se trata de restringir o acesso à cultura geral estruturada, que se configura em um instrumento primordial de luta para as minorias, em outras palavras, significa, não assassinar a cultura primária do estudante. Refere-se a integrar uma concepção do ensino-aprendizagem que se fundamenta em valores e crenças democráticas e busca consolidar o pluralismo cultural num mundo cada vez mais interdependente.

Segundo Baumann (2005, tradução nossa), os imigrantes, diante desse cenário, da vivência em outros países, vivem ali ao lado, sem serem convidados. Nesse sentido, segundo o mesmo autor, os estrangeiros aparentam estar amedrontados, distantes, desconhecidos e incompreensíveis. Comportam-se timidamente, insuficientemente, com

pouca voz. A convivência nos espaços públicos é ínfima, as fronteiras são palpáveis. Destruir essa lógica, trocando à dinâmica e promovendo o reconhecimento, é um dos desafios. Entretanto, cabe questionar, como compartilhar essa experiência, se não se vivencia esse espaço?

Uma experiência que transcenda uma convivência lado a lado, numa real transformação das diferenças para vida coletiva, como questiona Touraine (1998), a escola pública é um dos poucos espaços compartilhados, é nela que os obstáculos devem ser derrubados. Para Ianni (2004), os descendentes dos imigrantes sofrem com tensões, crises e conflitos, bem como, significados, vivências e horizontes, que implicam, aumentam e multiplicam as experiências de transculturação, pluralidade e relatividade.

Barreto (2011) defende que os estudantes estrangeiros e brasileiros precisam produzir mecanismos de integração, despindo-se de sentimentos de timidez e preconceito, desejando maior proximidade, aos professores, coordenadores e diretores, cabe, na função de gestores escolares, estar alertas a este novo panorama de diversidade étnica na sala de aula e promover estratégias para proporcionar essa integração.

De acordo com Bittencourt (1997), para a equidade absorver os estrangeiros, ela deve ser flexível, respeitando os saberes já adquiridos pelos alunos estrangeiros e sua prática social inicial. Ademais, de acordo com a mesma autora, a complexidade do processo de ensino e aprendizagem de uma Língua Estrangeira, nesse caso a Língua Portuguesa, torna-se bastante considerável, pois, quando se estuda uma nova língua, não compreende somente uma nova técnica (palavras, sons, regras), mas se aprende também a perceber o mundo de uma outra forma.

Alicerçado nesta perspectiva, a escola constitui de qualidades potencializadoras para que a troca de valores entre os indivíduos se amplifique, já que além dos conhecimentos teóricos da cultura ocidental não indígena, são repartidos conhecimentos da própria experiência entre grupos diferentes, da língua materna, arte e costumes, como questões de hábitos alimentares e demais características culturais presentes nos grupos que estão realmente interagindo entre si.

Segundo Gadotti e Romão (2003), a educação nesse contexto multicultural, é uma educação de compreensão mútua, contra a exclusão por motivos de raça, sexo, cultura ou outras formas de discriminação. Segundo Magalhães e Schilling (2012), é

imprescindível aprimorar o debate a respeito das migrações internacionais no Brasil e do direito à educação dos migrantes, o que motiva essa problemática a permanecer invisível socialmente.

Os currículos escolares, caracterizados ainda como monoculturais, ou seja, ignora a existência de outras culturas. Em vias de regras, existe uma preponderância de classes privilegiadas, das quais culturas e valores são exaltados em detrimento das camadas com pouca representatividade em termos culturais. Diante disso, numa sala de aula caracterizada pela heterogeneidade, pela diversidade cultural e linguística, sem levar em conta a inclusão desses indivíduos de caminhos culturais tão diferentes.

A inclusão, destacada aqui, refere-se a compreensão de que os elementos culturais variados devem fazer parte da produção de conhecimento, ou melhor: o indivíduo completo, constituído de sua experiência, é inserido no grupo, podendo verdadeiramente acrescentar, interagir e se sentindo parte da aprendizagem. Para Garcia (2016, tradução nossa), apesar da proximidade fronteiriça, histórica, cultural e linguística entre os países latino-americanos, a inserção dos imigrantes intrarregionais permanece complicada, a maioria continua ilegalmente e submetida à discriminação e xenofobia.

Por conseguinte, segundo Magalhães e Schilling (2012), os estudos mostram que o processo de escolarização do imigrante no Brasil requisita atividades educativas fundamentadas na ética e na educação intercultural. Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2016), no século XXI, sob a premissa dos direitos humanos e o respeito a diversidade cultural, aspira-se a convivência harmoniosa entre as nações. Assim, a cidadania global alude partilhar de uma comunidade amplificada com uma humanidade comum, reforçando a interdependência, a conexão política, social, cultural e econômica do local ao mundial.

Nesse contexto, para a Unesco (2016), integra-se a educação para cidadania global, compreendendo as políticas educacionais, aprendizagem, ensino e currículos que possibilitem transformar e desenvolver valores, conhecimentos, atitudes e habilidades, inescusáveis para que os estudantes sejam conduzidos a cooperar para um planeta mais pacífico, justo e inclusivo. Na sua Observação Geral nº. 13 sobre o Direito à Educação, o Comitê de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (DESC) das Nações Unidas defendeu, nos anos de 1999, critérios para o cumprimento dos direitos educativos, por

exemplo, realiza-se educação quando há disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade e adaptabilidade.

Disponibilidade, no entendimento que disponha de instituições e programas de ensino em quantidade suficiente; acessibilidade, sem barreiras econômicas, válidas ou discriminatórias; aceitabilidade, garantindo padrões mínimos de qualidade; e adaptabilidade em relação à flexibilidade capaz de suprir às necessidades dos estudantes, nos mais variáveis cenários sociais e culturais. Essa proposta, conhecida internacionalmente como o modelo dos “4 As” (por sua sigla em inglês: *available, accessible, acceptable, adaptable*).

A Organização das Nações Unidas (ONU, 1990), na Convenção Internacional sobre a Proteção de Todos os Trabalhadores Migrantes e Seus Familiares afirma, em seu artigo 30, diz que o filho de um trabalhador migrante tem o direito fundamental de acesso à educação em condições de igualdade de tratamento com os nacionais do Estado receptor. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 é sem sombra de dúvidas, um marco para a educação escolar, ao declarar que a educação básica como direito subjetivo e exigível por qualquer pessoa nos sistemas de justiça.

Nos anos de 1990, é regulamentado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que, no seu artigo 53, assegura “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Todavia, o Estatuto do Estrangeiro (Lei 6.815/80) gera problemas de diversas ordens para o cumprimento dos direitos dessas populações. Pois, a lei afirma que as escolas só podem realizar a matrícula, em qualquer instância de ensino, dos estrangeiros devidamente registrados. Ao entrar em um novo território, a criança imigrante, bem como qualquer outro imigrante, se não souber o idioma desta nova localidade necessita, imediatamente, aprendê-la para poder dialogar com essa nova sociedade.

Os primeiros meses são bem mais difíceis, dado que o idioma, a cultura e o sistema do novo país são diferentes de seu país de origem, ou seja, ingressar em uma nova sociedade exige tempo. O impacto causado por essa nova realidade faz com que o imigrante, nesse caso, as crianças, se fechem para esse cenário. O que é natural, todavia, tem um aspecto negativo para a inclusão, principalmente quando se precisa aprender um novo idioma.

Na mesma perspectiva, Sayad (1998) afirma que o menor de idade, acompanhado por seus pais, responsáveis ou outros membros da família, predominantemente, quando entra em território estrangeiro partindo de um desejo que não é dele, mas, um desejo, sobretudo de seus responsáveis que carregam seus filhos na esperança de encontrar um lugar com melhores condições, ou em outras palavras, almejando uma melhor educação.

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) em seu Artigo 205 estabelece o seguinte: “A educação, [...], será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. De acordo com Cotinguiba e Cotinguiba (2014) o problema não está na falta de instituições, mas de uma política ou normativa orientadora dos agentes escolares.

No caso específico dos venezuelanos uma dificuldade recorrente está relacionada com a questão da documentação dos estudantes. No afã de deixarem o mais rápido possível o seu país de origem, alguns refugiados acabaram deixando para trás documentações importantes, cuja falta inviabiliza o processo de matrícula na rede pública de educação (GARCIA; VASCONCELOS; PINHEIRO, 2021).

Diante deste quadro descrito, compreende-se que a educação na vida dos imigrantes venezuelanos representa a saída mais viável para o alcance de uma vida melhor. Sem isso, estes sujeitos não possuem outras alternativas que não sejam a de vender água mineral nos sinais de trânsito ou outras atividades informais que até geram alguma renda, mas não em quantidade suficiente para uma vida mais digna (SANTOS; MEZA, 2021).

O fenômeno da imigração traz em seu bojo de discussão a existência de tensões nas relações entre os países envolvidos, bem como os seguintes assuntos: a) rusgas quanto a soberania nacional do país que acolhe os imigrantes; b) desconfiança com relação a índole dos imigrantes; c) problemas burocráticos no país de destino dos refugiados, e; d) rejeições e preconceitos contra os imigrantes (VILLAROEL, 2021). Neste trabalho, buscou-se fazer uma correlação entre a problemática dos venezuelanos em Manaus e o direito a educação, o qual além de estar previsto na Carta Magna, é um direito universal (BRASIL, 1988; GARCIA; VASCONCELOS; PINHEIRO, 2021). Com vistas a gerar uma proposta de material didático que auxilie os educadores com relação a

necessidade de preservação dos igarapés de Manaus, criou-se uma história em quadrinhos, cujos procedimentos metodológicos estão descritos na seção seguinte.

4 RABISCANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

Para rabiscar os caminhos metodológicos, optou-se pela fenomenologia consoante os estudos de Merleau-Ponty (1996). O mundo está em construção, cada espaço escolar, cada aluno tem seu mundo, mesmo que estejam compartilhando do mesmo teto, no mesmo bairro ou comunidade. No entanto, cada um apresenta singularidade, especificidades no seu perceber, isto é, a partir de suas vivências, em seu mundo, do que viveu, do que aprendeu, num processo de existência ontológica, para posteriormente compreender o mundo das ciências:

[...] o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentindo e seu alcance, precisamos, primeiramente, despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão. (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 3).

A fenomenologia é o estudo dos fenômenos. Compreende-se por fenômenos, fundamentado em Peixoto (2003), todas as coisas materiais que concebemos e palpamos; as coisas naturais investigadas pelas Ciências da Natureza (Biologia, Química, Física entre outras); as coisas ideais, aquilo que é investigado pela Matemática (figuras geométricas, números, conceitos como identidade entre outras), e as coisas geradas pela cultura, pela ação e prática humanas (valores morais, artes, crenças, técnicas, instituições sociais e políticas).

Não existe uma identidade entre fenômeno e o ser, o fenômeno é a “consciência de”, ou noutras palavras, a vivência fenomenológica de todo ser, por isso “significações e essências”. Cabe ao docente explorar a infinidade na variedade de significados e saberes inculcados nos alunos, respeitando suas particularidades para construção de suas identidades através do diálogo. Docente e discente, juntos, numa jornada de descoberta e reflexão, construirão estratégias para transformação do saber empírico no científico.

Para Merleau-Ponty (1996, p. 13) “[...] não precisa se perguntar como percebemos, verdadeiramente, o mundo, torna-se necessário dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos”. Neste sentido, Bachelard (1996) pondera com relação ao tratamento daquilo que vemos e percebemos, posto que os conceitos preestabelecidos sobre o que é ciência devem ser constantemente repensados, já que segundo o autor o encontro entre

ciência e espírito promove tanto o rejuvenescer deste espírito com também o aceite da transformação constante entre futuro e passado na explicação dos fenômenos.

A metodologia nesta pesquisa estará fundamentada na abordagem de natureza qualitativa. Depreende-se que abordagem qualitativa é aquela que atribui o ambiente natural como fonte direta de dados e investigação, da mesma maneira que os dados são descritos e não apenas quantificados para entender o objeto de estudo. Nesse caminho, existe uma preocupação do investigador com o decorrer do processo produzido em uma pesquisa, do que propriamente com o resultado ou produto conquistado. Os dados obtidos não objetivam a confirmação de hipóteses estruturadas previamente, contudo, uma construção gradativa a começar da análise dos dados (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

O estudo também pode ser considerado como sendo bibliográfico. Gil (2019) esclarece que este tipo de pesquisa se dá mediante consulta a material que anteriormente já discorreu sobre as temáticas estudadas. Neste sentido, livros, artigos, dissertações e teses são materiais vistos como pertinentes para a realização dos constructos textuais que fazem parte da estrutura da presente dissertação.

É acertado dizer também que a pesquisa é do tipo exploratória. Gil (2019) clarifica que este tipo de pesquisa é pertinente nos casos em que se faz necessário gerar mais conhecimentos a respeito de um problema ou fenômeno ainda pouco estudado. Dado o caráter recente da imigração de venezuelanos aliada com a escassez de literatura sobre esta temática no campo educacional, torna-se oportuno por meio dos resultados do presente estudo encorajar a realização de mais pesquisas voltadas para este cerne científico.

Severino (2014) relata que a adoção de métodos representa uma condição *sine qua non* para o alcance do êxito nos estudos científicos. Dentro deste contexto, a criação da HQ associada ao presente estudo contou com a execução de uma série de etapas que são descritas nos subtópicos a seguir.

4.1 Sobre a HQ: rabiscando as ideias e passos de construção

Diante das mais variadas possibilidades de trabalhar o conteúdo escolhido, decidiu-se (devido à habilidade do pesquisador) utilizar histórias em quadrinhos ou HQ, popularmente conhecidas como uma alternativa de recurso didático-pedagógico. Além da

expertise do autor da presente dissertação em saber desenhar, buscou-se, por meio do recurso da história em quadrinhos criar um material didático que dialogasse com os alunos sobre um tema relevante para a nossa sociedade: a preservação dos igarapés. No momento em que a agenda global, sobretudo os objetivos da Agenda 2030 inspiram debates sobre um modo mais sustentável de vida, observou-se a pertinência do uso da história em quadrinhos. Leite (2018) esclarece que a construção de materiais educativos abarca aspectos que devem ser levados em conta pelos seus criadores, como, por exemplo, o dialogismo do texto com os leitores e os seus aspectos estéticos.

Segundo Vergueiro (2004), a HQ pode estar representada em quatro grupos pedagógicos principais: a) categoria ilustrativa, quando o principal objetivo reside na representação da forma gráfica de um fenômeno previamente estudado, possuindo essencialmente uma função catártica; b) categoria explicativa, que dispõe como principal característica a explicação integral de um fenômeno físico, evidenciando-a na forma de quadrinho. c) categoria motivadora, a qual tem como finalidade, incluir no roteiro da HQ, o próprio fenômeno físico, sem uma explicação antecipada. Nessa pesquisa preferiu-se a categoria explicativa.

4.2 Rabiscando o planejamento e a construção dos personagens da HQ

A escolha do conteúdo para construção do recurso didático-pedagógico emergiu da convergência entre as Ciências Geográficas e o ensino de Ciências. A água e sua importância ambiental está elencada tanto na Geografia quanto nas Ciências do 6º e 7º ano da proposta curricular do ensino fundamental 6º ao 9º da SEDUC-AM, conforme o Quadro 4 abaixo.

Quadro 4 - Proposta curricular do ensino fundamental 6º ao 9º da SEDUC-AM – Assunto Água em Geografia e Ciências

GEOGRAFIA - 6º E 7º ANO			
CONTEÚDO	CONCEITOS	PROCEDIMENTOS	ATITUDES
Problemas ambientais no urbano.	Compreender que a água é um recurso natural vital.	Desenvolver atividades que enfatizem a importância da água para o mundo.	Reconhecer-se enquanto parte integrante da vida no planeta.
CIÊNCIAS – 6º E 7º ANO			
CONTEÚDO	CONCEITOS	PROCEDIMENTOS	ATITUDES
A importância da água para os seres vivos.	Reconhecer a importância da água para o homem.	Conhecer a utilidade da água enquanto um bem precioso para a vida, no planeta.	Valorizar a água enquanto fonte de vida, evitando o desperdício e a contaminação, para o bem da humanidade.

Fonte: Proposta curricular do ensino fundamental 6º ao 9º SEDUC-AM (2020).

Durante a escolha do conteúdo percebeu-se nos livros didáticos de Geografia e ensino de Ciências disponibilizados pela SEDUC-AM virtualmente para os estudantes do 6º e 7º ano, a ausência de conteúdos direcionados para a preservação dos igarapés. Foram propostas como características fundamentais para a construção dos personagens da história em quadrinhos estereótipos da população amazonense. Nesse sentido, há dois personagens, Lara, uma menina de aproximadamente 10 a 13 anos, idade habitual do Ensino Fundamental II das escolas amazonenses e sua Vó Naiara (Apêndices A e B, respectivamente).

A opção inicial pela construção destas duas personagens teve como enfoque gerar o diálogo entre eles no decurso do enredo da HQ. O nome Lara não foi escolhido de forma aleatória, posto que ele remete a uma das muitas lendas que permeiam o folclore amazônico (CASEMIRO, 2012). Nos traços da adolescente, como se pode observar no Apêndice A, optou-se por retratar uma menina cujos traços físicos remete ao de uma jovem indígena. Já na personificação em forma de desenhos da Vó Naiara (Apêndice B), a intenção foi trazer à baila da HQ uma pessoa mais experiente e que ao longo da história contribuísse com suas falas a respeito da relevância de se preservar os igarapés na cidade de Manaus.

No decurso da construção da HQ, houve a necessidade da criação de mais um personagem. Assim, surgiu Pablo, um jovem venezuelano de 12 anos, o qual no desenvolvimento da história é amigo de Lara. A presença de Pablo na HQ visa tanto retratar, não de maneira pejorativa ou ofensiva, mas sim didática, a presença cada vez maior de venezuelanos na sociedade manauara. A Carta Magna (BRASIL, 1998) é bem clara ao se referir a isonomia de tratamento entre brasileiros e estrangeiros que moram em território brasileiro. Assim, a opção pela inclusão deste terceiro personagem visou a contextualização desta interface entre Brasil e Venezuela, a qual se tornou uma das marcas da sociedade manauara nos últimos anos.

4.3 Rabiscando a construção da temática da HQ

Para construção das ilustrações, neste primeiro momento, utilizou-se folha de papel, cor branca, tamanho A4 e lápis grafite 4B. Sobre a roteirização, estruturou-se no diálogo entre os personagens sobre a existência, o estado dos igarapés e o processo de urbanização da cidade de Manaus e seus impactos nos igarapés. A capa (anexo A) reflete o presente e o passado, como eram os igarapés e como são hoje no município de Manaus. À esquerda temos a lembrança dos igarapés na perspectiva da avó e à direita temos o igarapé poluído na perspectiva de Lara.

Na primeira página da história em quadrinho, temos nos três primeiros quadros a referência de localização para o leitor, diferentes paisagens do município de Manaus e a apresentação da protagonista. Na segunda página, ocorre a apresentação da segunda protagonista, a avó de Lara. Na terceira página, a protagonista corre em direção a avó para lhe contar às novidades que aprendeu sobre os igarapés. Na quarta página temos a localização do Brasil no mundo e a visualização da Amazônia brasileira.

Na quinta página, a apresentação da bacia hidrográfica do Amazonas. Na sexta página, temos o mapa hidrográfico do município de Manaus. Na sétima página, temos as imagens dos igarapés límpidos, antes do avanço da urbanização. Na oitava página, temos a transformação dos igarapés em avenidas. Na nona página, os resultados nos igarapés da urbanização inconsequente. Na décima página, discussão sobre o assoreamento dos igarapés e na última página, a mudança de atitude para defender os igarapés.

Para superar os obstáculos linguísticos, ocorreu à produção, na décima segunda página, a tradução dos quadros. À esquerda na língua pátria brasileira e a direita na língua do estudante escolhido para pesquisa.

Quadro 5 - Descrição do roteiro em duas línguas (português e espanhol)

Língua portuguesa		Língua estrangeira	
Pág. 01 – Quadro 01	América do Sul – Brasil	Pág. 01 – Tabla 01	América del Sur - Brasil
Pag. 01 – Quadro 02	Amazonas – Manaus	Pág. 01 – Tabla 02	Amazonas - Manaos
Pag. 01 – Quadro 03	Terra dos rios.	Pág. 01 – Tabla 03	Tierra dos los ríos.
Pag. 01 – Quadro 04	Ou melhor, igarapés.	Pág. 01 – Tabla 04	O mejor, igarapés. Es como son conocidas las quebradas o canales en la Amazonía brasileña
Pag. 01 – Quadro 04	Eu sou Iara.	Pág. 01 – Tabla 04	Soy Yara.
Pag. 01 – Quadro 05	Vou contar tudo para minha avó.	Pág. 01 – Tabla 05	Le voy contarle todo a mi abuela.
Pag. 02 – Quadro 01	Bom dia vó! Tenho novidades.	Pág. 02 – Tabla 01	¡Buenos días, abuelita! Tengo noticias.
Pag. 03 – Quadro 01	Eu aprendi com a minha professora que algumas ruas de Manaus foram igarapés.	Pág. 03 – Tabla 01	Aprendí de mi profesora que algunas calles de Manaos ya fueron igarapés.
Pag. 03 – Quadro 02	Vó: Bom dia Iara. Iara: Estava com saudades.	Pág. 03 – Tabla 02	Abuela: Hola Yara, buenos días Yara: Te extraño abuelita.
Pag. 03 – Quadro 03	A professora nos ensinou tantas coisas	Pág. 03 – Tabla 03	Mi profe nos ha enseñado muchas cosas.
Pag. 03 – Quadro 04	Tudo que ela disse é verdade.	Pág. 03 – Tabla 04	Todo lo que nos ha dicho es verdad.
Pag. 04 – Quadro 01	Esse livro pode ajudar mais você. Vamos olhar esse mapa do mundo.	Pág. 04 – Tabla 01	Sin duda este libro te puede ayudar más. Mira este mapa del mundo.
Pag. 04 – Quadro 02	O Brasil fica localizado na América do Sul.	Pág. 04 – Tabla 02	Brasil está ubicado en Sudamérica.
Pag. 04 – Quadro 03	Vó: E a Amazônia brasileira fica situada na parte norte do país. Iara: Uau Vó! Como a senhora sabe de tudo isso	Pág. 04 – Tabla 03	Abuela: Es la Amazonía brasileña se encuentra en la parte norte del país. Yara: ¡Wao abuelita! ¿Cómo sabes todo esto?
Pag. 05 – Quadro 01	Eu fui professora por muito tempo. Estima-se que 97,5% da água exis	Pág. 05 – Tabla 01	Fui profesora por un largo tiempo. Se estima que el 97,5% del agua en el mun
Pag. 05 – Quadro 01	tente no mundo é salgada. Dos 2,5% da água doce, a maior parte (69%) é difícil acesso, visto que, está concentrada nas geleiras, 30% são águas	Pág. 05 – Tabla 01	do es salada. Del 2,5% del agua dulce, la mayoría (69%) es casi inaccesible, ya que se encuentra en glaciares, el 30% son aguas subterráneas y el 1% están en los ríos. Y

	subterrâneas e 1% nos rios. E nós possuímos uma das maiores reservas de água doce do mundo, a bacia hidrográfica do Amazonas.		tenemos una de las mayores reservas de agua dulce del mundo, la cuenca hidrográfica del Amazonas.
Pag. 06 – Quadro 01	Yara: por que vovó? Avó: E Manaus fica localizada nessa bacia. O município está repleto de cursos d'águas. Conhecidos regionalmente como igarapés. Igarapé vem do tupi, uma língua indígena. Muitos deles foram assoreados para dar lugar a ruas, bairros, centros comerciais e outros.	Pág. 06 – Tabla 01	Yara: ¿Por qué igarapé abuela? Abuela: Es que Manaus se encuentra en esta cuenca. El municipio está lleno de vías fluviales. Conocido regionalmente como igarapés. La palabra Igarapé proviene del Tupi, un idioma indígena. Muchos de ellos hecharon piso para dar paso a las calles, barrios, centros comerciales y otros.
Pag. 07 – Quadro 01	Os igarapés serviam como balneários para população nos finais de semana, as águas eram limpas.	Pág. 07 – Tabla 01	En el pasado los igarapés se utilizaban como baños para la población en los fines de semana, por supuesto sus aguas se veían limpias.
Pag. 08 – Quadro 01	Mas isso, não prejudicou o meio ambiente vó?	Pág. 08 – Tabla 01	¿Pero eso no hizo daño al medio ambiente, abuelita?
Pag. 08 – Quadro 02	A av. Eduardo Ribeiro é um exemplo para dar lugar a modernidade daquela época, o igarapé foi soterrado e transformado no que podemos ver hoje.	Pág. 08 – Tabla 02	La zona de la Avenida Eduardo Ribeiro es un ejemplo para dar paso a la modernidad del periodo, el Igarapé fue enterrado y transformado en lo que se puede ver hoy.
Pag. 09 – Quadro 01	A cidade cresceu. Com isso, as populações foram ocupando as margens dos igarapés. Logo, eles foram se tornando cada vez mais poluídos e impróprios para o lazer essas populações são afetadas, principalmente, no verão amazônico, quando as chuvas são frequentes.	Pág. 08 – Tabla 01	La ciudad creció muchísimo. Sin embargo, la gente fue ocupando los márgenes de los igarapés. Luego se contaminaron y por ahora están inadecuados para el ocio de la gente, afectando a todos, principalmente, en el verano amazónico, cuando las lluvias son seguidas.
Pag. 09 – Quadro 02	Que triste vó, agora para tomar banho de igarapé temos que ir para fora da cidade. E também é muito triste ver essas pessoas no período de cheia.	Pág. 09 – Tabla 02	Qué triste abuelita, hoy quien quiera bañarse tiene que salir para más allá de la ciudad. Y también es muy triste ver la gente cuando llena la cuenca del río.
Pag. 10 – Quadro 01	E os igarapés continuam sendo soterrados e poluídos né vovó?	Pág. 10 – Tabla 01	¿Y los igarapés siguen siendo enterrados y contaminados, abuelita?

	Parece que pouco tem sido feito para mudar alguma coisa.		Se parece que muy poco ha sido hecho y casi ningún cambio.
Pag. 10 – Quadro 02	Infelizmente é a verdade. Mas, vocês jovens ainda podem mudar isso. O que queres? Chegar na minha idade e praticamente contar a mesma história para seus netos.	Pág. 10 – Tabla 02	Desafortunadamente esa es la verdad. Pero ustedes, muchachos, aún lo pueden cambiar. ¿Qué desean? Llegar a mi edad y decir lo mismo a sus nietos cuando sean abuelos
Pag. 11 – Quadro 01	Deixa isso comigo! Eu vou chamar meus amigos e proteger os nossos igarapés.	Pág. 11 – Tabla 01	¡Déjame! Voy a llamar mis panas y iremos proteger nuestros igarapés.
Pag. 11 – Quadro 02	Não jogue lixo	Pág. 11 – Tabla 02	No tire basura

Fonte: Próprio autor (2021).

Vale ressaltar que o esboço da história em quadrinho passou por aprimoramentos (traços, coloração e digitalização) realizados por um ilustrador profissional. Isto se fez necessário não somente para deixar a HQ mais atraente para seus potenciais leitores como também dar vida aos personagens e aos ambientes retratados neste material. Com isso, buscou-se cumprir o que é visto em Leite (2018) e Kaplún (2003), autores que mencionam a importância dos materiais educativos no que tange ao seu dialogismo com o leitor, bem como os seus aspectos conceituais (facilidade de entendimento dos conteúdos transmitidos); aspectos pedagógicos (o que está sendo ensinado no material educativo), e comunicacionais (a forma como este material dialoga com o leitor, numa perspectiva de interface constante).

Assim, a construção da HQ em destaque nesta dissertação contou com o cumprimento destas etapas para poder ensinar sobre a significância da preservação dos igarapés manauaras numa perspectiva de ensinar aos estudantes a necessidade de adoção de uma postura mais responsável com o meio ambiente, posto que a vida das gerações futuras depende diretamente desta decisão (DEMPSEY et al., 2011; ELKINGTON, 2001). No Quadro 6 é apresentado o Quadro Lógico-Metodológico referente aos passos de pesquisa percorridos para a formulação da HQ.

Quadro 6 - Quadro Lógico-Metodológico

Objetivo Específico	Meta	Atividades
Descrever a história em quadrinho como recurso pedagógico;	Mapear bibliograficamente teses, dissertações, monografias e artigos sobre a temática.	Pesquisa bibliográfica em bibliotecas virtuais, livros, conferências, seminários, revistas e etc.
Discorrer sobre a educação de imigrantes venezuelanos no Brasil e Amazonas;	Mapear bibliograficamente teses, dissertações, monografias, artigos e relatórios sobre a temática.	Pesquisa bibliográfica em bibliotecas virtuais, livros, conferências, jornais, seminários, revistas e etc.
Produzir uma história em quadrinhos direcionada para a necessidade de preservação dos igarapés na cidade de Manaus.	Mapear bibliograficamente teses, dissertações, monografias, artigos e relatórios sobre a temática.	Pesquisa bibliográfica em bibliotecas virtuais, conferências, livros, blogs, jornais, seminários, revistas e etc; Construção do Roteiro e dos personagens.

Fonte: Próprio autor (2021).

A ideia da temática trazida na HQ foi estimular um diálogo entre Lara e sua vó, o qual ao ser desenvolvido acaba tendo como cerne de debate a poluição dos igarapés. Na sequência da conversa entre a figura da neta e sua avó, a intenção foi fazer com que os leitores, em especial os alunos, pudessem compreender o porquê jogar lixo nos igarapés é tão prejudicial para a natureza. Além do acúmulo de dejetos que entremeiam estes pequenos cursos de água na cidade de Manaus, no período de chuvas os alagamentos costumam ser constantes. Além dos prejuízos materiais, a população que mora em palafitas fica exposta a uma série de doenças, como, por exemplo, a leptospirose. Não à toa, a literatura científica já aponta registros que tratam da problemática e das ações pertinentes a revitalização dos igarapés de Manaus, associando este tema com a questão da educação ambiental (AZEVEDO, 2006; RABELLO; RODRIGUES, 2013; MENDONÇA, 2020).

Além disso, ao longo da conversa que conduz o andamento da HQ, outras temáticas são abordadas, como, por exemplo a bacia hidrográfica do Amazonas e o caos ambiental gerado pela urbanização desenfreada (BYBEE, 1991; CASSIANO, 2013). Numa perspectiva didática, a cada quadrinho apresentado o professor pode ir abordando os temas apresentados na HQ com seus alunos de maneira dialógica, buscando saber primeiramente quais seriam os conhecimentos prévios deles sobre cada assunto. A

correlação do debate dos temas com a realidade vivenciada pelos alunos torna o ensino mais contextualizado, gerando assim uma aprendizagem significativa (AUSUBEL, 2003; D'AMBROSIO, 2009).

4.4 Como ensinar com HQ na sala de aula

Segundo Santos Neto e Silva (2011), o uso das HQ no âmbito educacional tem o potencial de instigar crianças e jovens a adquirir o hábito da leitura, bem como, pode ser aproveitado no ensino de línguas estrangeiras. Aliás, pode ser utilizado como mecanismo de reflexão, pesquisa e de desenvolvimento de discussões sobre diversos temas envolvendo a Geografia, Ciências e outras. Na mesma linha, Mendonça (2008) defende que a HQ dispõe de potencial didático e de envolvimento dos leitores em razão de algumas características: a) demonstram natureza lúdica; b) suas histórias apresentam fatos numa sequência em que texto e imagens se aliam para atrair o leitor e; c) possuem personagens que podem produzir identificação nos leitores, fato primordial para o sucesso das campanhas propagandísticas.

É necessário esclarecer que a utilização das histórias em quadrinhos como recurso didático não pode ser feita de forma improvisada ou sem critérios bem definidos, posto que este tipo de atitude pode fazer com que os resultados alcançados não sejam os esperados. É por esta razão que Vergueiro e Ramos (2009) ponderam com relação a necessidade de os docentes conhecerem a linguagem e a forma como as histórias podem dialogar com os alunos e com as temáticas debatidas em sala de aula. Isto significa dizer que o uso das HQ em processos de ensino e aprendizagem deve fazer o devido sentido tanto para o professor como também para os alunos, de modo que o ensino seja contextualizado e congruente com o cotidiano de vida dos estudantes (D'AMBROSIO, 2009).

As HQ se mostram diferenciadas se comparadas com os livros e apostilas que tradicionalmente compõem o material didático nas escolas, sobretudo as que atuam na educação básica. Ao invés dos conceitos escritos de uma maneira mais formal, por vezes até carregada de linguagem excessivamente técnica, as histórias em quadrinhos trazem em sua estrutura personagens que estabelecem diálogos em determinados contextos, o que chama a atenção dos estudantes. O que desperta a curiosidade dos alunos é o

colorido das imagens associado com o enredo de cada história. Esta questão visual é destacada em Maciel (2013) e Bartholo Junior (2013), os quais destacam o papel da imagem nos processos de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea.

No caso específico da HQ preparada para a presente dissertação, o professor pode tanto estimular a prática da leitura nos alunos, com cada estudante lendo um quadrinho da história ou ainda optar por ir lendo o enredo e ir fazendo pausas para discutir os temas retratados em cada trecho do material educativo. Conforme já fora dito anteriormente, apesar da poluição dos igarapés ser o mote central da sinopse da HQ, outros temas igualmente importantes e interessantes aos estudantes também são trazidos no decurso da história.

O que se busca por meio da idealização deste material é trazer um recurso que possa auxiliar os professores a abordarem esta questão da poluição de igarapés na cidade de Manaus, estimulando nos alunos um despertar de consciência e adoção de práticas voltadas para a sustentabilidade (FEIL; SCHREIBER, 2017). É oportuno esclarecer que a abordagem da sustentabilidade neste sentido não se limita ao equilíbrio entre as dimensões econômicas, sociais e ambientais, conforme sugerido por Dempsey et al. (2011). Este despertar para uma atitude mais diligente quanto a natureza representa o compromisso de cada cidadão em construir um mundo menos poluído, mais sustentável e, por conseguinte, melhor de se viver (ARAÚJO; PEDROSA, 2014).

Além disso, o ensino tendo a HQ como instrumento de apoio pode fomentar discussões oportunas entre o professor e os alunos. Diante deste contexto, inquietações e reflexões podem ser feitas a partir das seguintes perguntas:

- a) Por que os igarapés de Manaus são tão poluídos?
- b) Por que mesmo nos dias atuais com o acesso à informação pela internet, ainda tem pessoas que despejam seu lixo no meio do igarapé?
- c) Além das ações referentes à coleta de toneladas de lixo destes igarapés, o que o poder público pode fazer para melhorar esta situação?
- d) O que nós, enquanto cidadãos, podemos fazer para tornar os igarapés de Manaus menos sujos?

Assim, a HQ produzida e evidenciada no presente estudo pode não somente servir como suporte para as práticas pedagógicas e professorais como também estimular o debate a respeito de temáticas que influenciam diretamente na qualidade de vida dos

alunos (ARAÚJO; PEDROSA, 2014). Isto pode estimular uma postura mais engajada dos estudantes com relação as causas ambientais, posto que diante de décadas de descaso, o que se vê nos dias atuais é o caos resultante do descaso com o meio ambiente (BYBEE, 1991).

4.5 Rabiscando o processo de avaliação da HQ

Na ótica de Prodanov e Freitas (2013), as hipóteses são respostas transitórias para determinadas questões de pesquisa. Por conta do momento pandêmico gerado pela doença altamente letal conhecida como Covid-19 (GAMA NETO, 2020), a HQ associada a este estudo não passou por processos de validação. Num cenário em que não houvesse pandemia, este processo consistiria no cumprimento de determinados passos dentro de uma sequência lógica de trabalho.

A versão da HQ criada para o presente estudo pode ser vista como um protótipo. No entender de Silva (2019), os protótipos funcionam como versões ainda não concluídas, mas cuja configuração é a mais próxima possível de um produto final. Com a finalização do protótipo, o passo seguinte seria a realização de testes junto a um público-alvo. Realizados os testes, o passo seguinte seria a análise dos resultados, os quais seriam originados da opinião dos respondentes do estudo. Estas opiniões iriam gerar dados que apontariam os pontos da HQ que porventura precisariam ser reforçados. Feitos os ajustes e mediante a aprovação dos respondentes, o produto poderia ser apresentado ao seu público de interesse (FERREIRA, 2021; NASCIMENTO-E-SILVA, 2020; SILVA et al., 2019; SOUZA, 2020).

Diante dos reveses e complicações gerados pela pandemia do novo Coronavírus (GAMA NETO, 2020), a validação aqui proposta é apresentada no campo das hipóteses (PRODANOV; FREITAS, 2013). Destarte, a realização do teste se daria diante o convite formal feito para pelo menos 10 docentes atuantes na educação básica. Diante da concordância destes potenciais respondentes, a HQ na sua versão de prototipagem seria enviada a eles juntamente com um questionário, cuja finalidade seria a da coleta das opiniões dos partícipes sobre a HQ. Para o preenchimento deste questionário, seria dado um prazo de 10 dias corridos aos respondentes.

Dentre as possíveis temáticas que iriam compor o questionário, destacam-se: a) compreensão da história trazida na HQ; b) recomendação do material para outros professores; c) possibilidade de utilização em sala de aula; d) patamar de satisfação com o tamanho das letras, diagramação e coloração das páginas, e; e) sugestões de melhoria no material a eles apresentado. Estas são perguntas que refletem tanto o nível de adequação da HQ para uso em sala de aula como também sobre a qualidade do material educativo. O questionário contemplaria tanto questões de múltipla escolha como também questões discursivas e espaços para comentários.

Isto é o que Leite (2018) fala sobre validação coletiva, onde as opiniões dos participantes agregam valor ao item construído, tornando-o mais congruente com os seus propósitos. Por sua vez, Silva (2019) esclarece que é durante a fase de testes que são descobertos os itens do material educacional que precisam ser refinados, evitando assim a incidência de falhas em seu uso junto ao seu público-alvo.

Recebido o *feedback* dos professores colaboradores do estudo, o passo seguinte seria a catalogação das respostas coletadas. Isto seria necessário para entender os pontos da HQ que foram bem avaliados e aqueles que ainda carecem de replanejamento (NASCIMENTO-E-SILVA et al., 2013; SILVA, 2019). De posse dos ajustes realizados, o material seria reenviado aos participantes da validação. Diante da aprovação dos partícipes, a HQ seria considerada apta para os fins que justificaram sua elaboração.

4.6 Rabiscando a organização e análise dos dados da avaliação da HQ

A organização dos dados coletados junto aos participantes seria feita com base nas respostas coletadas e em planilha eletrônica. Os itens que porventura recebessem comentários sugerindo melhorias seriam retrabalhados. Para efeito de exemplificação, ao criar um curso voltado para coordenadores de cursos de graduações alinhado com as normativas de qualidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), Silva (2019) viu que um dos itens que carecia de reforço era a capa dos *e-books* criados para serem o material didático desta formação, a qual foi reformulada conforme a opinião dos respondentes de seu estudo.

A análise das respostas poderia ser feita com base nos princípios de Bardin (2011), os quais são muito utilizados nas pesquisas sociais. Por meio da análise de conteúdo, a

intenção seria a de ir além das aparências, buscando a essência da fala dos sujeitos participantes da pesquisa (BORGES, 2019). Quanto a redação destes itens na dissertação, esta seria feita à luz do marco teórico, por meio do diálogo dos aspectos descobertos nas respostas e as temáticas trabalhadas ao longo do estudo.

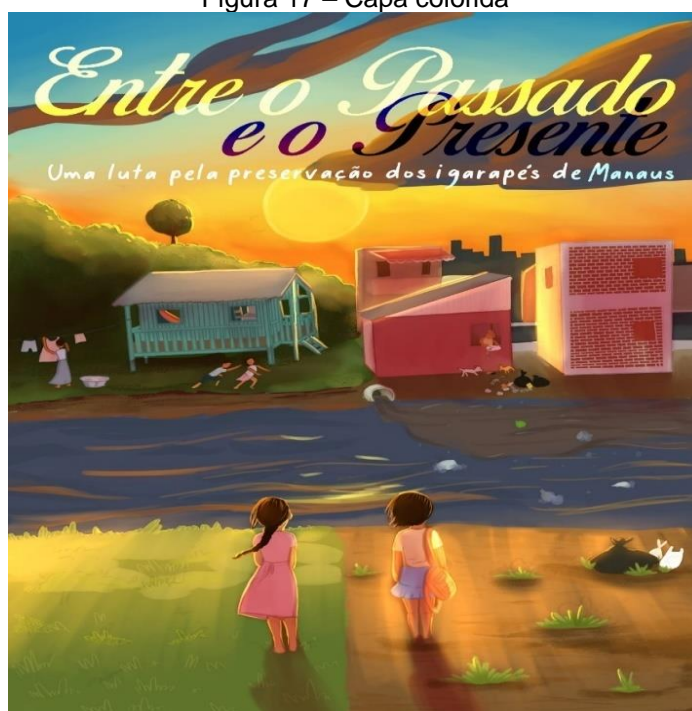
Feitas estas explanações a respeito do processo de concepção e operacionalização da proposta pedagógica destacada nesta dissertação, convém detalhar a história em quadrinhos preparada para disseminar a significância da preservação dos igarapés na cidade de Manaus para alunos venezuelanos.

5 RABISCANDO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: UMA LUTA PELA PRESERVAÇÃO DOS IGARAPÉS DE MANAUS

A HQ dispõe de um próprio sistema de formação semiótica, bem como, diversos elementos que provocam o desenvolvimento da atividade de cognitiva de seus leitores. A escolha do enredo juntamente com uma imersão contextualizada ajustada na HQ, permitirá ao docente utilizar uma alternativa para produzir um conflito cognitivo no discente. A situação desafiadora estará inclusa na própria história. Dessa forma, a HQ conseguirá promover uma mudança conceitual.

Diante disso, o objetivo é a elaboração uma história em quadrinho como recurso pedagógico para auxiliar no ensino aprendizagem de estudantes imigrantes venezuelanos sobre a importância da preservação dos igarapés de Manaus. A capa da HQ em grafite está localizada no Apêndice C. Já a capa colorida está em destaque na Figura 17 conforme a seguir.

Figura 17 – Capa colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

A história construída, intitulada “Entre o passado e o presente: uma luta pela preservação dos igarapés de Manaus” trata sobre a importância da preservação dos igarapés e a inclusão de alunos estrangeiros venezuelanos em escolas brasileiras. O debate sobre o tema ocorre entre o diálogo de três personagens. A primeira se chama

lara, brasileira, amazonense, pele morena, cabelos lisos e negros, possui 12 anos de idade, estudante de escola pública amazonense, 6º ano do ensino fundamental.

O segundo personagem chama-se Pablo, venezuelano, pele parda, cabelos lisos e negros, 12 anos, estudante da escola pública amazonense, 6º ano do ensino fundamental. Pablo fala apenas a língua espanhola, ainda precisa aprender a língua portuguesa. E por fim, a Vó de lara, Dona Naiara, 55 anos, professora de ensino regular aposentada, pele morena, cabelos lisos e negros. A discussão sobre a importância da preservação dos igarapés de Manaus inicia-se na capa propriamente dita. Nos rabiscos à grafite, na Figura 19, a esquerda está a Vó Naiara com o igarapé limpo e a direita, lara está diante de um igarapé poluído com objetos flutuando a superfície. A ideia é demonstrar uma passagem de tempo como o título da história sugere.

No que se refere a imagem retratada nesta capa, o professor atuante no ensino de Ciências pode convidar os alunos a fazerem uma reflexão a respeito dos motivos que corroboraram para que os igarapés de Manaus se encontrem em estado de poluição (FREITAS et al., 2022). Esta é uma temática que se mostra diretamente vinculada com a questão da sustentabilidade, posto que é um assunto que influencia diretamente ou indiretamente na qualidade de vida dos alunos (ARAÚJO; PEDROSA, 2014; LIMA, 2020). Neste primeiro momento, é de bom grado que o docente busque primeiramente identificar quais os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema em debate com vistas a promoção da aprendizagem significativa (AUSUBEL, 2003).

Na Figura 17, referente a capa colorida, os traços foram modificados, a esquerda temos a avó Naiara, criança, enquanto a direita temos a lara diante de um igarapé, crianças se divertindo e moradias. A Esquerda a imagem possui casas palafitas (construções de madeira erguidas sobre uma certa altura devido a cheia dos próprios igarapés). Na direita, casas de alvenaria. Também a direita o igarapé está visivelmente repleto de objetos. O que se subentende que ele está poluído, por outro lado, não há objetos, o que se subentende que está límpido. Nesse sentido, a capa, mais uma vez, reforça uma passagem de tempo, a poluição dos igarapés com o passar do tempo. Na sequência da HQ, a página 01 correspondente a sua versão grafite está situada no Apêndice D desta dissertação.

Na primeira página a grafite, a história apresenta em ordem decrescente a cidade de Manaus, primeiro América do Sul, o continente que estamos situados, depois Brasil.

No primeiro quadro, há crianças praticando futebol na rua, uma imagem típica brasileira com um conjunto habitacional ao fundo com os dizeres: “América do Sul – Brasil”. A intenção com esta sequência de imagens foi partir de um cenário mais global, retratando a América do Sul, continente no qual Brasil e Venezuela estão situados, para um cenário mais regional, evidenciando uma peculiaridade na cidade de Manaus: os igarapés.

No segundo quadro, Manaus e o seu principal cartão postal, o teatro Amazonas com os dizeres:

“Manaus – Amazonas”.

No terceiro quadro, um igarapé entrecortando ruas e moradias com os dizeres:

“Terra dos rios”. Posteriormente Iara aparece e se apresenta para iniciar o debate.

Iara diz:

“Ou melhor, igarapés!”

“Eu sou a Iara!”

“Vou contar tudo que eu aprendi para minha avó!”.

Abaixo o diálogo em destaque na Figura 18, em versão colorida.

Figura 18– Página 01 versão colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

Na página colorida, as mesmas ideias com algumas mudanças. No primeiro quadro, o condomínio foi substituído por uma floresta ao fundo. O teatro Amazonas permanece da mesma forma, apenas com o ângulo diferente. No quadro seguinte, o igarapé de águas escuras. Etimologicamente, o termo igarapé é oriundo da língua tupi e quer dizer “caminho de canoa”, ou noutros dizeres, um pequeno rio ou ribeiro de águas por onde passam as canoas (FORTES et al., 2015). Na prática, o crescimento exponencial e horizontal pelo qual a cidade de Manaus passou nas últimas décadas fez com que novos bairros fossem estabelecidos por meio de “invasões”. Um dos efeitos nocivos para o meio ambiente neste contexto é a poluição dos igarapés por conta do lixo que é despejado pela população, ato este que torna imprópria a água destes pequenos rios para consumo (FROTA, 2013).

No que tange as possíveis discussões atinentes a esta imagem na seara da sala de aula, um tema cujo destaque é oportuno diz respeito ao crescimento desordenado pelo qual a cidade de Manaus passou nas últimas décadas. Pode-se dizer que um dos motivos que corroboraram para esta expansão desenfreada da população foi o êxito do modelo Zona Franca de Manaus – ZFM. Uma das consequências disso foi a elevação da poluição dos igarapés, o que, por sua vez, é uma situação oriunda da descaracterização das paisagens naturais da cidade (SOUZA FILHO; ALVES; NEVES, 2021).

A figura a grafite (vide Apêndice E) aparece inalterada, no entanto na figura colorida aparece mais um personagem, Pablo, venezuelano e colega de turma de Lara. O diálogo é praticamente o mesmo. Pablo apenas acompanha Lara até a casa de sua avó. Neste diapasão, as possíveis discussões que o professor pode fomentar junto aos seus alunos diz respeito a elevação do percentual de imigrantes venezuelanos ocorrida nos últimos anos na cidade de Manaus. Esta é uma situação que pode ser debatida não somente do ponto de vista do intercâmbio cultural, mas também pela necessidade de políticas públicas que possam assegurar a estes imigrantes mais cidadania e qualidade de vida (VILLARROEL, 2021).

Na sequência da HQ, a versão grafite da página 02 está situada no Apêndice E. Na Figura 19, a página 02 da HQ colorida.

Figura 19 – Página 02 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

Na terceira página a grafite da HQ, lara corre pelos corredores da casa de sua avó com uma mochila em seus braços dizendo: “Eu aprendi com a minha professora que algumas ruas de Manaus foram igarapés”.

Sua vó responde: “Bom dia lara”.

lara responde: “Estava com saudades”.

“A professora nos ensinou tantas coisas”.

A avó diz: “Tudo que ela disse é verdade”.

Na página 03 em versão colorida, promoveu-se a inclusão de Pablo e apenas mais algumas modificações. No segundo quadro, à esquerda a avó, Naiara pede para que lara apresente Pablo adequadamente com os dizeres: “lara, apresente seu novo amigo, por favor”.

lara responde: “O Pablo é venezuelano é meu novo amigo”.

No último quadro, a avó Naiara diz: “Que legal crianças! Tudo que ela disse é verdade!”.

A intenção com este quadro foi demonstrar a integração resultante entre Brasil e Venezuela, a qual é resultante do movimento de imigração em massa ocorrido hodiernamente. O cenário cotidiano de Manaus nos últimos anos tem sido marcado pela presença de venezuelanos, os quais por falta de moradia e emprego pedem doações aos

transeuntes ou ainda buscam ajuda segurando uma placa com os dizeres “Sou venezuelano. Preciso trabalhar” (SILVA; PULIDO; MENEZES, 2021).

A representação da Figura 03 ainda na versão grafite está localizada no Apêndice F. Na Figura 20 a versão colorida da página 03 da HQ.

Figura 20 – Página 03 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

Inserir na história um aluno venezuelano possui a intenção de contextualizar a necessidade de inclusão destas pessoas em nosso meio, sendo a educação um eixo estruturante para o seu desenvolvimento, progresso e cidadania (LOPES FILHO, 2021). Com isso, destaca-se aquilo que Zabala (1998) diz que é a principal função social da escola: a formação de cidadãos. Esta é uma questão que pode ser debatida pelos professores junto aos seus respectivos alunados tendo como ponto de partida o prisma social. Isto porque a Carta Magna (BRASIL, 1988) assegura uma série de direitos a qualquer cidadão, independentemente da sua nacionalidade. Acontece que nem sempre estes direitos são cumpridos na prática, o que acaba levando os imigrantes a enfrentarem uma série de dificuldades que tornam muito mais complexas as vivências destes indivíduos num país estrangeiro.

Assim, pode-se discutir com os estudantes o porquê que isto ocorre, bem como a qualidade das políticas públicas destinadas a estes imigrantes. Estas discussões são bem-vindas e auxiliam os alunos a não somente se colocarem no lugar do outro gerando empatia como também o despertar de um senso crítico a respeito da leitura de mundo destes discentes (FREIRE, 1996).

A página 04 da HQ versão a grafite está localizada no Apêndice G. Já a versão desta mesma parte da história em quadrinhos colorida está abaixo em destaque na Figura 21.

Figura 21 – Página 04 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

Na quarta página a grafite (Apêndice G), no primeiro quadro, Dona Naiara abre um livro e diz:

“Esse livro pode ajudar mais vocês. Vamos olhar esse mapa do mundo”.

Posteriormente, no segundo quadro, Dona Naiara explica onde o Brasil fica localizado dizendo: “O Brasil fica localizado na América do Sul”.

No último quadro da página, Dona Naiara continua: “E a Amazônia brasileira fica situada na parte Norte do país.”

Pablo e lara se surpreendem com Dona Naiara por causa de sua sabedoria a respeito do tema dizendo ao mesmo tempo, primeiro lara:

“Uau! Como à senhora sabe de tudo isso.”

Pablo: “¡Uau! ¿Cómo sabes todo esto”.

Na quinta página a grafite, Dona lara continua com sua explicação e respondendo as crianças dizendo: “Hahahahahaha! Eu fui professora por muito tempo! Voltando, Estima-se que 97,5% da água existente no mundo é salgada. Dos 2,5% da água doce, a maior parte (69%) é de difícil acesso, visto que, está concentrada nas geleiras, 30% são águas subterrâneas e 1% nos rios. E nós possuímos uma das maiores reservas de água doce do mundo, a bacia hidrográfica do Amazonas como podem visualizar neste mapa como a bacia é grandiosa.”

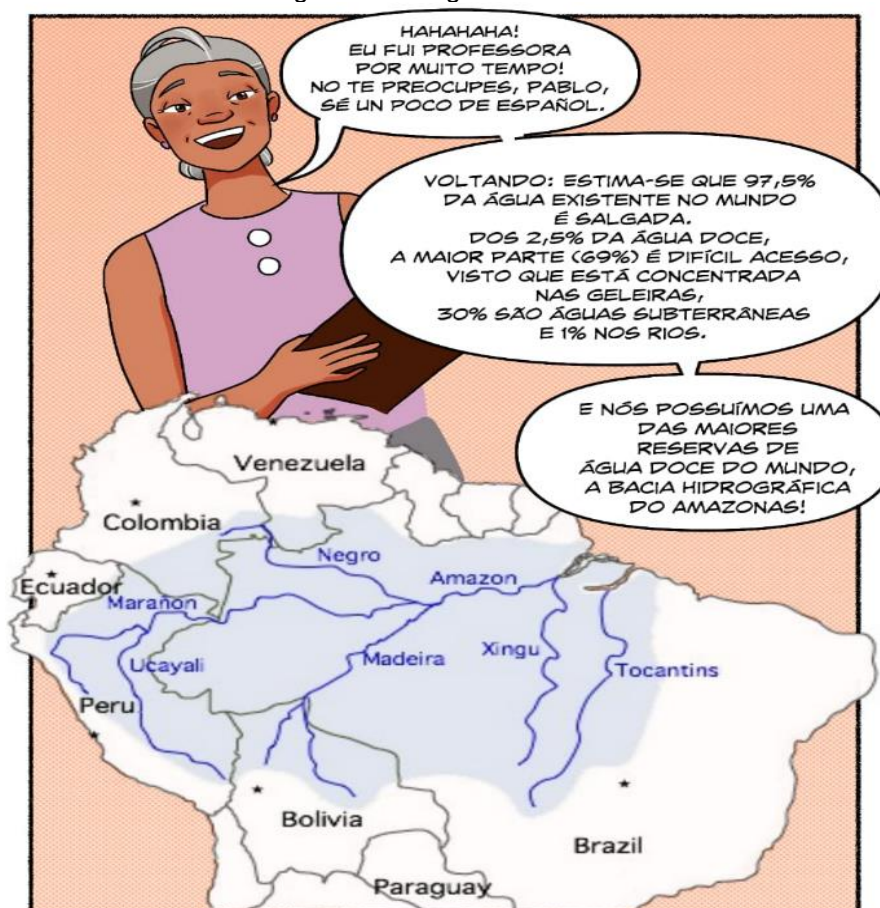
Estas informações trazidas pela Vó Naiara são relevantes e podem ser discutidas não somente do ponto de vista geográfico, mas também ambiental e pela ótica do desenvolvimento sustentável. Isto porque enquanto no Amazonas há abundância de água, em outros locais do mundo este recurso é escasso, gerando impactos na qualidade de vida da população. Além disso, pode-se abordar também a questão do consumo consciente de água e demais itens necessários a vida humana, como, por exemplo, energia elétrica (SILVEIRA, 2018). A página 05 na sua versão grafite está representada no Apêndice H. Já a versão colorida encontra-se abaixo em destaque na Figura 22.

Na página colorida, mais uma vez o acréscimo de Pablo, bem como uma alteração na fala de Dona Naiara:

“Hahahahahaha! Eu fui professora por muito tempo! No te preocupes, Pablo, sé un poco de español. Voltando, Estima-se que 97,5% da água existente no mundo é salgada. Dos 2,5% da água doce, a maior parte (69%) é de difícil acesso, visto que, está concentrada nas geleiras, 30% são águas subterrâneas e 1% nos rios. E nós possuímos uma das maiores reservas de água doce do mundo, a bacia hidrográfica do Amazonas como podem visualizar neste mapa como a bacia é grandiosa.”

A intenção com este diálogo foi demonstrar a necessidade que os docentes que atuam nas redes de ensino Manaus têm em aprimorar sua interação com alunos venezuelanos. Na interpretação de Garcia, Vasconcelos e Pinheiro (2021), o forte fluxo migratório dos cidadãos da Venezuela para o Brasil, em especial a cidade de Manaus associado com a recomendação da Carta Magna (BRASIL, 1988) em ofertar educação a todos, sem exceção, fez com que os professores que lidam com educandos venezuelanos se vissem diante do desafio da reinvenção de suas práticas pedagógicas. Na Figura 22, a página 05 da HQ em versão colorida.

Figura 22 – Página 05 colorida

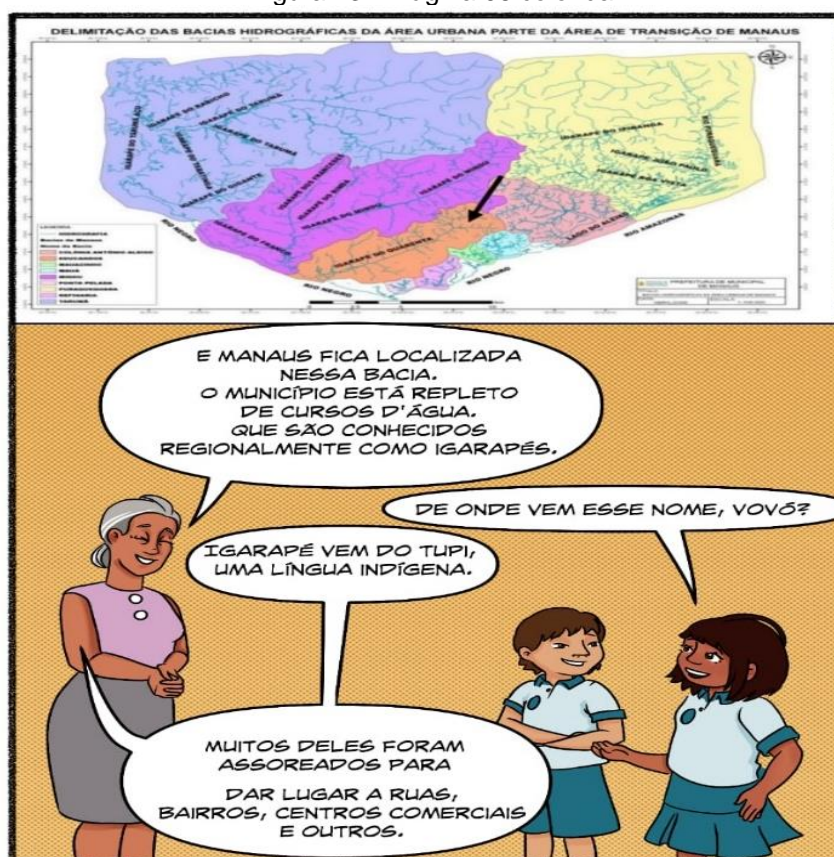


Fonte: Próprio Autor (2021).

No que se refere as possíveis abordagens referentes a esta figura junto ao alunado, pode-se aventar dois prismas de discussão. O primeiro deles diz respeito a bacia hidrográfica amazônica (NICOLODI; ZAMBONI; BARROSO, 2009). Isto abarcaria não somente as principais características dos rios, mas também os impactos ambientais

gerados pela construção de estações hidrelétricas nas regiões que abrangem as localidades que integram esta bacia (FEARNSIDE, 2015). Este é um tema muito pertinente para discussão e trazê-lo a baila é oportuno, posto que consoante Araújo e Pedrosa (2014), as temática que influenciam na qualidade de vida dos estudantes não podem se restringir no que tange a sua discussão somente ao campo científico, devendo, portanto, também serem discutidos junto ao alunado. Na sexta página a grafite, a discussão continua verticalizando, no momento sobre microbacias. A página 06 da HQ no formato a grafite corresponde ao Apêndice I. Dona Naiara explica sobre as microbacias que banham o município de Manaus. Ao fundo a microbacia do igarapé do Educandos. lara pergunta por que os rios situados em Manaus são chamados de igarapés na Figura 23, página 06 da HQ colorida.

Figura 23 – Página 06 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

Por que igarapé vovó?

Dona Naiara responde: “E Manaus fica localizada nessa bacia. O município está repleto de cursos d’águas. Conhecidos regionalmente como igarapés. Igarapé vem do tupi, uma língua indígena. Muitos deles foram assoreados para dar lugar a ruas, bairros, centros comerciais e outros.”

A fala da personagem Dona Naiara corresponde ao que fora visto em Fortes et al. (2015) e Frota (2013) e adiciona a isto o fato de que muitos igarapés na cidade de Manaus passaram por um processo denominado assoreamento. Para Almeida e Guarda (2017), o assoreamento diz respeito a um processo onde sedimentos, como, por exemplo, o solo e a areia, materiais estes que são resultantes de erosão são levados até os cursos de água.

No que se refere as discussões atinentes não somente a esta, mas também as demais páginas da HQ, uma forma viável de se estabelecer o dialogismo dos conteúdos com os alunos seria o estímulo a leitura seguida de uma reflexão. Assim, cada discente ficaria responsável por ler uma página da história em quadrinhos aqui destacada e os demais colegas participariam indicando soluções aos problemas discutidos sob a supervisão e mediação do professor (BERBEL, 2012). Esta discussão é oportuna porque representa uma forma de estimular o raciocínio dos estudantes, numa perspectiva de aprendizagem concatenada com as suas respectivas realidades (D’AMBROSIO, 2009).

Outra discussão pertinente, mas desta vez específica com o que é demonstrado na Figura 23 diz respeito a oportunidade que os docentes tem de trabalharem em conjunto com seus alunos noções de educação ambiental. Depreende-se que a falta deste conhecimento específico corrobora para que exista hodiernamente no planeta o que a literatura nomeia como crise ambiental (BYBEE, 1991; LIMA, 2020). Uma das consequências deste cenário desfavorável ao meio ambiente no contexto regional é a poluição dos igarapés.

Além dos problemas afetos ao mau cheiro exalado pelas águas poluídas há também o problema das alagações, as quais se mostram mais frequentes nas épocas de cheia dos rios. Este é um fenômeno que ocorre no chamado inverno amazônico, mais precisamente entre os meses de novembro e maio de cada ano (SILVA, 2022). Com isso, os cidadãos que moram nas palafitas além de estarem morando em situação deveras precária também estão sujeitos a uma série de doenças, sendo a leptospirose uma das mais comuns (JESUS et al., 2012).

Na sexta página colorida, agora com a presença de Pablo e a modificação da microbacia do Educandos para microbacias que banham o município de Manaus. As falas não se alteram.

Na sétima página a grafite, Dona Naiara explica como os igarapés eram límpidos e geralmente utilizados para lazer da população manauara aos finais de semana. Ao fundo, no primeiro e no segundo quadro, igarapés que serviam de balneários no passado, conforme visto no Apêndice J.

Dona Naiara: “Os igarapés serviam como balneários para população nos finais de semana, as águas eram limpas”. O uso do verbo servir no passado indica que a falta de zelo da população com o meio ambiente fez com que estes igarapés se tornassem impróprios tanto para o lazer como também para consumo no que se refere as suas águas. Na página colorida (Figura 24) a inclusão de um novo quadro, agora são três. No entanto, sem nenhuma modificação abrupta no cenário ou na fala da personagem.

Figura 24 – Página 07 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

A exemplo do que fora proposto como discussão na Figura 23, as discussões que podem ser estimuladas a partir desta imagem se mostram congruentes com as da Figura

22. No caso específico desta imagem onde Vó Naiara demonstra o cenário anterior ao da degradação ambiental dos igarapés de Manaus, pode-se aventar como debate a questão referente a ação predatória humana, a qual causa grandes impactos no equilíbrio ambiental (LIMA, 2020). No caso da Figura 24, antes do processo de poluição as águas eram límpidas, mas infelizmente este panorama não durou por muito tempo, posto que atualmente os igarapés de Manaus encontram-se poluídos.

Na oitava página a grafite, no primeiro quadro, o igarapé antes de ser assoreado que irá se transformar na Avenida Eduardo Ribeiro localizada no Centro Comercial de Manaus. No segundo quadro, Lara questiona sua avó sobre a destruição do igarapé. Este diálogo é retratado a grafite no Apêndice K. Já a versão colorida está em destaque na Figura 25.

Figura 25 – Página 08 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

Lara questiona sua vó Naiara dizendo:

“Mas isso, não prejudicou o meio ambiente vó?”

Dona Naiara responde:

“A av. Eduardo Ribeiro é um exemplo para dar lugar à modernidade daquela época, o igarapé foi assoreado e transformado no que podemos ver hoje.”

No último quadro a Av. Eduardo Ribeiro em tempos recentes com a inexistência do igarapé. Na oitava página colorida, a retirada de Lara, o acréscimo de Pablo e também de sua fala no diálogo com a Dona Naiara dizendo: “pero ¿eso no ha dañado el medio ambiente?” Na nona página a grafite, Dona Naiara explica no primeiro quadro que o assoreamento de determinados igarapés ocorre devido ao aumento populacional e a necessidade de moradias dizendo: “A cidade cresceu. Com isso, as populações foram ocupando as margens dos igarapés. Logo, eles foram se tornando cada vez mais poluídos e impróprios para o lazer. Essas populações são afetadas, principalmente, no verão amazônico, quando as chuvas são frequentes.” Este diálogo é evidenciado no Apêndice L. Por sua vez, a versão colorida desta cena encontra-se em destaque na Figura 26.

Figura 26 – Página 09 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

No quadro seguinte uma imagem de crianças navegando em geladeiras num igarapé repleto de poluição. No terceiro quadro Lara reflete sobre os problemas da poluição dos igarapés: “Que triste vó, agora para tomar banho de igarapé temos que ir para fora da cidade. E também é muito triste ver essas pessoas no período de cheia.” Estes diálogos trazidos nesta página da HQ podem ser explorados em sala de aula para despertar nos alunos uma consciência ambiental necessária ao exercício da cidadania (LOPES FILHO, 2021). O estímulo aos cuidados com o meio ambiente representa um relevante eixo sustentáculo para que os alunos consigam perceber o quanto são importantes para que o planeta seja preservado numa perspectiva conexa com a ideia de sustentabilidade (LIMA, 2020). Isto pode fazer com que os alunos sintam-se cômicos do seu potencial de contribuição com a natureza.

Isto remete ao estudo de Araújo e Pedrosa (2014), o qual relata que as temáticas ambientais precisam ser trazidas para a sala de aula, não somente do ponto de vista didático, mas também da própria formação do cidadão, posto que é o próprio homem quem depreda a natureza, prejudicando assim o equilíbrio da vida na Terra. Pode-se dizer que o crescimento ausente de um planejamento adequado fez com que a poluição dos igarapés se tornasse um dos efeitos mais devastadores para a natureza no contexto do espaço urbano de Manaus. Este crescimento sem qualquer planejamento fez com que famílias inteiras construíssem suas casas ao lado dos igarapés de Manaus. Estas moradias, na maioria das vezes são de madeira e recebem o nome de palafitas (PEREIRA; SILVA; BARROS, 2011). Na capital manauara, um exemplo emblemático deste fenômeno é o chamado Igarapé do 40 (FROTA, 2013).

Esta sequência de falas sobre a poluição dos igarapés buscou demonstrar os reveses gerados para a natureza resultantes do crescimento urbano sem um planejamento adequado. Frota (2013) explica que as ocupações ocorridas nas áreas próximas aos igarapés geraram os seguintes resultados: a) água dos igarapés imprópria para consumo por conta do lixo jogado pela população; b) degradação ambiental, pois comumente as áreas verdes próximas aos igarapés são destruídas; c) por conta desta degradação ambiental, mudanças climáticas ocorrem, com tendência a gerar mais calor, e; d) as palafitas são construídas sob o risco constante de desabamento.

Enfatiza-se que os igarapés existentes na área urbana de Manaus recebem uma quantidade significativa de lixo, isto fora o esgoto doméstico lançado nestas águas. Este é

um hábito que não é exclusivo dos manauaras, posto que em outros locais do Brasil o péssimo hábito de jogar resíduos nos rios ainda é muito visto. Tal situação demonstra não somente a falta de consciência ambiental da população como também o estado deficitário do sistema de tratamento de esgoto na maioria das cidades brasileiras (MACHADO, 2012).

Na página colorida, a modificação restringe-se a Pablo no primeiro quadro e no segundo quadro, a substituição de crianças por agentes de limpeza em um igarapé poluído. A página 10 da HQ na versão grafite está em evidência no Apêndice M. Já a versão em cores está destacada na Figura 27.

Figura 27 – Página 10 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

Na décima página a grafite, Lara pergunta a sua vó que os igarapés continuam a desaparecer dizendo: “E os igarapés continuam sendo assoreados e poluídos né vovó? Pouco tem sido feito para mudar alguma coisa”.

Dona Naiara rebate Lara comentando: “Infelizmente é a verdade. Mas, vocês jovens ainda podem mudar isso. O que queres? Chegar na minha idade e praticamente contar a

mesma história para seus netos.” Na página colorida, os três personagens estão inclusos, em vez de quatro quadros, agora são três, Pablo participa dizendo: “¡Verdadera lara, podemos hacer algo!”. A versão a grafite desta cena está situada no Apêndice N, enquanto que a versão colorida está em destaque na Figura 28, a versão colorida desta cena.

Figura 28 – Página 11 colorida



Fonte: Próprio Autor (2021).

A utilização da expressão “fazer algo” não é colocada nesta HQ de forma descontextualizada. A intenção com isto é despertar nos alunos uma consciência ambiental comprometida com a preservação dos igarapés. Enfatiza-se que por meio disto uma postura mais responsável e zelosa com o meio ambiente é possível de ser construída. Assim, além de tomarem conhecimento do problema ambiental a eles apresentado, os estudantes podem se mobilizar com vistas a minorar os efeitos causados pela poluição dos igarapés na cidade de Manaus.

Esta cena inspira a realização de uma atividade junto ao alunado. Pode-se solicitar aos alunos que tirem fotos de igarapés poluídos e levem para a escola com vistas a debater os problemas oriundos do descarte incorreto de lixo nos igarapés. Os maiores

prejudicados com esta situação são os próprios moradores, posto que em épocas de cheia dos rios se eleva a probabilidade de alagações e com elas a proliferação de doenças, como, por exemplo, a leptospirose (JESUS et al. 2012).

Na décima primeira página a grafite (Apêndice N), Iara diz apoiada em uma placa de não jogue lixo com a ponte Rio Negro ao fundo “Deixa isso comigo! Eu vou chamar meus amigos e proteger os nossos igarapés”. Na página colorida, a presença de Dona Naiara e Pablo. Uma mudança na fala de Iara: “Deixa com a gente, vovó! Eu, o Pablo e os nossos amigos vamos trabalhar bastante e mudar essa realidade!”.

Por fim uma mensagem direcionada ao leitor emitida pelos três personagens:

“Vamos todos! Vamos salvar os nossos igarapés!”

Nesta última parte da história em quadrinhos, o objetivo principal foi chamar a atenção de que é preciso despertar no alunado este sentido de preservação não somente dos igarapés, mas também, e principalmente do meio ambiente em geral. Isto é algo necessário para fazer com que os educandos, sejam eles brasileiros ou venezuelanos, internalizem o que comumente é mencionado nos estudos pertinentes a questão da sustentabilidade (ELKINGTON, 2001): é preciso utilizar racionalmente os recursos disponíveis no presente com vistas a garantir o seu usufruto pelas gerações futuras (DEMPSEY et al., 2011).

O problema da poluição nos igarapés releva que mesmo em pleno século XXI, onde se vivencia a chamada sociedade do conhecimento (KRYEZIÚ, 2019), ainda é possível ver pessoas que moram próximas aos igarapés jogando os seus detritos de maneira inadequada. Isto acaba se revertendo contra os próprios moradores destas localidades, posto que é justamente o excesso de lixo nos igarapés que fazem com que em determinadas ocasiões aconteçam as alagações (RIBEIRO; COSTA, 2012).

O poder público, mais especificamente a Prefeitura de Manaus publica regularmente em seus canais comunicacionais o resultado de suas ações de limpeza de igarapés. A Figura 29 retrata um grupo de trabalhadores realizando um mutirão de limpeza no igarapé do bairro São Jorge, onde foram retiradas mais de 20 toneladas de lixo (PREFEITURA DE MANAUS, 2021). Apesar de esta ser uma ação positiva no que se refere a retirada de uma quantidade tão expressiva de lixo, ainda assim ela se mostra insuficiente sem que haja uma educação ambiental assertiva junto aos moradores que possuem residências próximas aos igarapés. Esta quantidade significativa de resíduos

descartados de forma inadequada é sinal de que mesmo com a facilidade de acesso a informação por conta da existência da internet, o zelo e o cuidado com o meio ambiente quanto a esta questão parecem situações distantes de serem alcançadas.

Figura 29 – Limpeza de igarapé no bairro São Jorge em Manaus



Fonte: Próprio Autor (2021).

No caso específico de Manaus, pode-se inferir que a responsabilidade pela preservação dos igarapés é de todos. Por mais que sejam empregados esforços advindos da esfera pública para diminuir o impacto ambiental resultante do descarte incorreto de resíduos, a população precisa também fazer sua parte. É neste sentido que a história em quadrinhos atrelada a presente dissertação foi elaborada com o intuito de plantar na mente dos alunos, em especial os de origem venezuelana, a magnitude da preservação dos igarapés na cidade de Manaus. Não havendo o despertar desta consciência diligente do ponto de vista ambiental, estas ações exemplificadas na Figura 43 serão paliativas, sem gerar o resultado esperado.

Mais do que um processo de educação, o que se espera com a difusão desta HQ aos professores de Manaus que lidam em seu cotidiano com alunos venezuelanos é uma aculturação (MONTEIRO NETO, 2012). A partir da informação de que é preciso agir no presente para evitar o fim dos igarapés no porvir, espera-se que isto estimule e produza nos estudantes uma postura mais responsável, acompanhada de ações ecologicamente

corretas. Com isso, o ensino de Ciências com a utilização desta HQ pode ser realizado sob a égide dos princípios do desenvolvimento sustentável (ELKINGTON, 2001).

Além disso, é conveniente destacar o aspecto multidisciplinar que a HQ apresentada pode gerar outros materiais educativos com os seguintes enfoques:

- Biológico: relativo aos efeitos da degradação humana na natureza;
- Químico: diz respeito as alterações que a poluição causa nas águas dos igarapés;
- Geográfico: relacionado ao processo desordenado de ocupação territorial em áreas de risco;
- Matemático/Estatístico: utilizado para descrever dados relacionados as condições de vida da população que mora próximo aos igarapés;
- Social/Histórico: relacionado ao antes e depois do processo massivo de poluição dos igarapés e os problemas sociais decorrentes do crescimento desordenado da cidade de Manaus.

Desta maneira, a história em quadrinhos apresentada nesta dissertação não somente visa contribuir com o ensino de alunos venezuelanos como também servir de inspiração e fonte para que outros materiais sejam desenvolvidos e utilizados no âmbito escolar. Independente do enfoque a ser utilizado, é oportuno destacar a necessidade do desenvolvimento de estratégias e recursos pedagógicos que tornem para os alunos venezuelanos o ensino de Ciências menos enfadonho e mais prazeroso, contribuindo assim com o progresso e aprendizado na trajetória formativa destes estudantes.

RABISCOS CONCLUSIVOS

O presente estudo trouxe à baila não somente o destaque para as histórias em quadrinhos como recurso a ser utilizado no ensino de Ciências, mas também abordou sobre a situação dos imigrantes venezuelanos que atualmente estão integrados a sociedade amazonense. A intenção em discorrer sobre esta temática surgiu das próprias vivências do pesquisador com este público específico em sua carreira docente. Diante das dificuldades de comunicação do professor com estes alunos, surgiu a possibilidade de se criar uma história em quadrinhos que tivesse como cerne temático algo que infelizmente ainda é muito comum na cidade de Manaus: a poluição dos igarapés.

No diálogo estabelecido entre ensino de Ciências e história em quadrinhos, o estudo demonstrou que esta interface é necessária para que se tire das disciplinas relacionadas a Ciências o estigma de disciplinas do eixo comum, as quais são ensinadas sob a égide das práticas tradicionais: o professor ensina, os alunos apenas ouvem e depois tentam reproduzir por meio de exercícios o que supostamente aprenderam. Neste contexto, a utilização de histórias em quadrinhos pode fomentar não somente o debate, mas também a leitura, a articulação verbal, a discussão de ideias e a participação dos estudantes em seu itinerário de aprendizagem.

O que se buscou demonstrar neste estudo foi a possibilidade de uso das histórias em quadrinhos para o ensino de Ciências e demais disciplinas transdisciplinares. Isto representa um relevante recurso pedagógico, o qual não é oneroso do ponto de vista financeiro e se bem utilizado pode fazer com que os alunos consigam melhores resultados no que tange a aprendizagem dos conteúdos que lhe são disseminados. Com isso, pode-se fomentar o debate sobre situações e cenários que são do conhecimento dos alunos, levando-os a um processo de discussão seguido de uma reflexão a respeito destes problemas e situações adversas cujo debate é oportuno.

O trabalho desenvolvido aqui com a HQ que tem na poluição dos igarapés o seu cerne temático representa uma possibilidade pedagógica junto aos professores de Ciências e demais disciplinas conexas. No caso específico do trabalho aqui apresentado, o que se buscou evidenciar foi a questão da necessidade de preservação do meio ambiente diante de um contexto amazônico. É conveniente explicar que outras realidades podem ser exploradas com vistas a estimular o raciocínio dos estudantes em sua

trajetória formativa. Esta é uma forma de fazer com que estes estudantes não somente aprendam sobre a relevância de se preservar o meio ambiente, mas também possam assumir uma postura diligente no que se refere as causas sustentáveis.

A própria dinâmica da sociedade do conhecimento, com as informações sendo compartilhadas cada vez mais rápido, faz com que os jovens dos tempos hodiernos se sintam mais atraídos por imagens do que por textos longos, cansativos e rebuscados em sua redação. Todavia, o estudo também ponderou que este uso da história em quadrinhos pelos professores em sala de aula não pode ser feito de qualquer forma, pois corre-se o risco de não gerar os resultados de aprendizagem esperados. O ideal é que esta agregação das HQ nas práticas professorais seja feita de forma contextualizada, visando assim a aprendizagem dos alunos sendo promovida de forma assertiva.

No que tange a interface entre migração e educação, o estudo demonstrou que embora a Carta Magna assegure a todos (brasileiros e estrangeiros que residem no Brasil) o direito a educação, este nem sempre é cumprido em sua plenitude. Dentre as razões que corroboram para este fenômeno, estão a falta de documentação original do aluno em seu país de origem, o que dificulta a sua matrícula na rede básica de ensino. Todavia, sem educação os imigrantes não possuem perspectivas de crescimento e de melhoria de vida, tendo como opção mendigar nos semáforos com placas do tipo “Sou venezuelano e preciso de alimento” ou “Preciso trabalhar”. Isto fora os casos em que as crianças são estimuladas pelos pais a pedirem dinheiro nos sinais de trânsito.

No que se refere aos caminhos da pesquisa, por conta do panorama pandêmico gerado pela Covid-19, a validação da HQ produzida e associada a esta dissertação não se tornou possível na prática. Todavia, os passos de construção do material educativo narrados no estudo demonstram que houve uma preocupação em contextualizar da forma mais adequada possível a problemática da poluição dos igarapés de Manaus, inclusive contando com um personagem venezuelano: Pablo, menino de 12 anos que junto com Iara e Vó Naiara protagonizam a história retratada em quadrinhos e em destaque no presente estudo.

Conforme demonstrado no decurso da dissertação, a utilização da HQ por parte dos professores em sala de aula pode estimular o debate sobre temas como sustentabilidade, poluição dos rios, fomento a cidadania, saúde, educação ambiental, desenvolvimento sustentável, dentre outros. Num contexto pandêmico, onde a maioria

dos professores teve de ressignificar a sua forma de ensinar conteúdos, uma HQ que traga um assunto significativo e que impacta a qualidade de vida da população se mostra deveras oportuna para o ensino de Ciências.

A partir desta HQ, bem como deste estudo aqui apresentado, espera-se que outras pesquisas sejam realizadas, gerando soluções para o ensino de Química, Biologia, Geografia e tantas outras disciplinas que são relevantes para o itinerário formativo dos estudantes, sobretudo aqueles matriculados na rede pública de ensino. Assuntos como o processo de fotossíntese, o ciclo da chuva, a favelização urbana, os sistemas que integram o corpo humano e demais temáticas podem ser abordadas de maneira menos formal e mais interativa e dinâmica por meio das HQ em sala de aula.

Com relação aos venezuelanos em Manaus, esta é uma temática relativamente recente, mas que deve ser focalizada sob os mais diversos olhares, sejam eles da Educação, do Direito, do Serviço Social, da Administração Pública e demais campos do saber. Ainda que existam legislações, documentos e instruções normativas que reiterem o direito que é pertinente a estes cidadãos, nota-se que na prática ainda há muito o que se fazer para que de fato estes imigrantes se sintam acolhidos. No campo da educação, a questão da comunicação ainda é um óbice muito presente, posto que nem todos os professores atuantes na rede básica de ensino são proficientes em Espanhol. Este é mais um motivo que justifica a utilização da HQ aqui apresentada, uma vez que a união Brasil – Venezuela é evidenciada pela amizade entre Lara e Pablo, colegas de sala de aula.

Ao entremear a questão da imigração dos venezuelanos a este estudo, buscou-se trazer para o campo do debate as dificuldades e incertezas vividas por estes sujeitos na capital manauara. Ainda que o acolhimento a estas pessoas ainda não seja o ideal, elas vislumbram no Brasil oportunidades e melhorias que ao serem materializadas irão trazer mais dignidade para suas vidas. No que se refere a educação, diante do volumoso número de alunos venezuelanos na rede estadual básica de ensino, torna-se pertinente desde já se pensar em estratégias que facilitem a comunicação entre o docente e estes estudantes. Projetos de formação continuada voltados ao domínio do idioma Espanhol e demais frentes de trabalho podem ser aventadas para diminuir esta distância comunicacional que ainda existe entre docentes e o alunado venezuelano.

O presente estudo buscou, por meio da criação de uma HQ, abordar uma temática relevante no campo ambiental, tanto para manauaras como também para venezuelanos.

Neste sentido, a utilização de histórias em quadrinhos não somente no ensino de Ciências como também noutras disciplinas se mostra como um caminho profícuo para a ministração de conteúdos. Para trabalhos futuros, sugere-se uma pesquisa sobre materiais visuais de ensino destinados para alunos autistas na perspectiva da linguagem imagética.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, J. **Como fazer Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.
- AGOSTINI, A. **Tico-Tico**. Rio de Janeiro: Malho, 1905. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/tico-tico-o-n-1/ti173100/24467>>. Acesso em 15 de abril de 2021.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.
- ALMANAQUE DA MÔNICA. São Paulo: Editora Globo, n. 01, junho. 1987
- ALMEIDA, M.A.D.; GUARDA, V.L.M. Assoreamento na bacia do rio Maracujá. **Além dos muros da Universidade**, v.2, n.2, p.96 – 102, 2017.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). **O ACNUR no Brasil**. Acnur Brasil. 2020. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/>>. Acesso em 27 de março de 2020
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). **Convenção relativa ao estatuto dos refugiados**. Acnur Brasil. 2020. <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em 27 de março de 2020
- ALVES, J. M. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.21, n. 3, 2001.
- ALVES, H; SOUZA, A. **Vamos vencer o corona vírus**. Rio de Janeiro: Rio das Ostras, jun., 2020.
- AMAZONAS. **Proposta Curricular para o Ensino Fundamental II**. Manaus: Seduc – Secretara de Estado de Educação e Qualidade de Ensino, 2020.
- ANDRADE, T. S. S. **A importância da divulgação científica em processos formativos de professores no ensino tecnológico**. Dissertação (Mestrado em Ensino Tecnológico). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2016.
- ANSELMO, Z. A. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- ARAÚJO, M.F.F.; PEDROSA, M.A. Ensinar ciências na perspectiva da sustentabilidade: barreiras e dificuldades reveladas por professores de biologia em formação. **Educar em Revista**, n.52, p. 305 – 318, 2014.
- ARAÚJO, G. C.; COSTA, M. A.; COSTA, E. B. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico. **A Margem – Estudos**, v.1, n. 2, p. 26-36, 2008.

AUSUBEL, D.P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Editora Plátano, 2003.

AZEVEDO, R.V. Revitalização dos igarapés: para quem? *In*: CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO. **Anais...** Manaus, 15 a 18 de novembro de 2006.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAENINGER, R. (Org.). **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; UNFPA, 2012.

BAPTISTA, G. C. S. Importância da demarcação de saberes no ensino de Ciências para sociedades tradicionais. **Ciência & Educação**, v. 16, n. 3, p. 679-694, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETO, M. S. **Um Estudo sobre a Inclusão Educacional de Imigrantes Bolivianos na Rede Pública de Ensino na Cidade de São Paulo à luz das Diferenças Idiomáticas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português/Espanhol) - Centro Universitário UNISEB, São Paulo, 2011

BARTHOLO JUNIOR, R. Desatando a imaginação: breves notas sobre ética e crítica no mundo contemporâneo. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, v.22, n.39, p. 139, 2013.

BASSANEZI, M. S. C. B. Família e imigração internacional no Brasil do passado. **Estudos de História**, v. 6, n. 2, p. 289-315, 1999.

BASTOS, F. **Ensino de ciências e matemática III**: contribuições da pesquisa acadêmica a partir de múltiplas perspectivas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BAUMAN, Z. **Confianza y temor en la ciudad**: vivir con extranjeros. Barcelona: Arcadia, 2005.

BECKER, B. A Amazônia na Estrutura Espacial do Brasil, **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, 1974, p. 3-33.

BERBEL, N.A.N. **A teoria da problematização com o Arco de Magueres**: uma abordagem histórico-epistemológica. Londrina: EDUEL, 2012.

BERRY, J. W. Immigration, acculturation, and adaptation. **Applied Psychology: an International Review**, v. 46, n. 1, p. 5-68, 1997.

BITTENCOURT, T. Contribuições da Linguística ao ensino de português língua estrangeira. *In*: JUDICE, Norimar (Org.). **Ensino de português para estrangeiros**. Ciclo de Palestras. Niterói, EDUFF, 1997.

BOAVENTURA, S. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina , 2009.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, L. R. Quadrinhos: literatura gráfico-visual. **Revista Agaquê**, v. 3, n. 2, p. 13, 2001.

BORGES, N.S.S.C. **Avaliação institucional interna na Educação Profissional Técnica de Nível Médio: instrumento de melhoria do ensino**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2019.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Trad. Sergio Miceli. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

BRASIL. **Lei n. 6. 815, de 19 de agosto de 1980**. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. Brasília: Senado Federal, 1980.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 1990.

BRASIL. **Lei n. 9. 459, de 13 de maio de 1997**. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Brasília: Senado Federal, 1997.

BRASIL. **Lei n. 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Brasília: Senado Federal, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais (5º a 8º séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Resolução nº 1.105, de 30 de novembro de 2004**. Aprova a Constituição da Organização Internacional para as Migrações – OIM e o ingresso da República Federativa do Brasil na OIM. Brasília: Senado Federal, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Decreto nº 102, de 23 de setembro de 2013.** Altera o art. 2º da Resolução Normativa nº 97, de janeiro de 2012. Brasília: Conselho Nacional de Imigração, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Decreto nº 106, de 24 de outubro de 2013.** Prorroga a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012. Brasília: Conselho Nacional de Imigração, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução normativa nº 113, de 9 de dezembro de 2014.** Prorroga a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012. Brasília: Conselho Nacional de Imigração, 2014.

BRASIL. **Decreto n. 8. 101, de 06 de setembro de 2013.** Promulga a Resolução nº 1.105, de 30 de novembro de 2004, que aprova a Constituição da Organização Internacional para as Migrações - OIM e o ingresso da República Federativa do Brasil na OIM. Brasília: Senado Federal, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução normativa nº 117, de 8 de abril de 2015.** Brasília: Conselho Nacional de Imigração, 2015.

BRASIL. **Resolução Normativa nº 23, de 30 de setembro de 2016.** Estabelece procedimentos de solicitação para pessoas refugiados e solicitantes de refúgio. Brasília: Senado Federal, 2016.

BRASIL. **Lei n. 13. 445 de 24 de maio de 2017. Institui a Lei da Migração.** Brasília: Senado Federal, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasil: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 1, de 13 de novembro de 2020.** Dispõe sobre o direito de matrícula de crianças e adolescentes migrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio no sistema público de ensino brasileiro. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Refúgio em números.** Disponível em <http://www.justica.gov.br/news/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf>. Acesso em 12 de março de 2020.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Comunicado do Grupo de Lima.** Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/18898-75-comunicado-do-grupo-de-lima-3>>. Acesso em 06 de agosto de 2020.

BREI, V. A.; VIEIRA, V. A.; MATOS, C. A. Meta-análise em Marketing. **Revista Brasileira de Marketing.** v. 13, n.2, p.84-97, 2014.

BROWNE, D. Hagar. **Folha de S. Paulo,** 13 agosto. 2011.

BYBEE, R. Planet Earth in crisis: how should Science Educators respond? **The American Biology Teacher**, v.53, n.3, p. 136 – 153, 1991.

CABELLO, K. S. A.; ROCQUE, L. L. A.; SOUSA, I. C. F. Uma história em quadrinhos para o ensino e divulgação da hanseníase. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 9, n. 1, p. 225-241, 2010.

CACHAPUZ, A.; PRAIA, J.; JORGE, M. Da educação em ciência à orientações para o ensino das ciências: um repensar epistemológico. **Ciência e Educação**. v. 10, n. 3, 2004, p. 363 – 381.

CAGNIN, A. L. **Os Quadrinhos**. São Paulo: Editora Ática, 1975.

CAMPANARIO, J. M.; MOYA, A. Como Ensinar Ciências? Principais Tendências e Propostas. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 179-192, 1999.

CANDAU, V. M. F. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In: CANDAU, V. M. F. (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CASEMIRO, S.R. **A lenda da lara: nacionalismo literário e folclore**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CARDOSO, A. E. **As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869 – 1883**. Brasília: Senado Federal, 2013.

CARDOSO, A. F. Migrações internacionais, os blocos regionais e a mobilidade mundial. **São Paulo em perspectiva**, v. 16, n. 2, p. 112-124, 2002.

CARNEIRO, M. L. T. A imagem do imigrante indesejável. **Seminários nº 3 – Imigração, Repressão e Segurança Nacional**, São Paulo, n. 3, p. 23-44, 2003.

CARUSO, F.; SILVEIRA, C. Quadrinhos para a cidadania. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 16, n. 1, p. 217-236, jan-mar, 2009.

CARVALHO, A. M. P. et al. **Ciências no Ensino Fundamental - O Conhecimento Físico**. São Paulo: Editora Scipione, 1998.

CASEMIRO, S.R. **A lenda da lara: nacionalismo literário e folclore**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CASSIANO, K.R.M. **Análise geográfica de áreas de risco na bacia hidrográfica do Igarapé do Mindu – Manaus (AM)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Caderno CEDES**, Campinas, n. 25, p.209-225, 2005.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTE, K.S.B. et al. Educação ambiental em histórias em quadrinhos: recurso didático para o Ensino de Ciências. **Quími.nova esc.**, v.37, n.4, p. 270 – 277, 2015.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, p. 89-100, jan./abr. 2003.

CHINEN, N. **Aprenda & faça arte sequencial**: A linguagem HQ – Conceitos básicos. São Paulo: Criativo, 2011.

CIRNE, M. **A explosão criativa dos quadrinhos**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (CNDH). **Relatório das violações de direitos contra imigrantes venezuelanos no Brasil, janeiro de 2018**. Brasília, DF. Disponível em <<https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2018/05/relatorio-sobre-violacoes-de-direitos-humanos-contra-imigrantes-venezuelanos-1.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2020.

COSTA, P.N. **Ensino de ciências e sexualidade**: um estudo das abordagens e práticas no 5º ano do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia). Universidade Estadual do Amazonas, Manaus, 2018.

COSTA, E.; BRANDÃO, I. Rota da fome: o caminho dos venezuelanos que enfrentam perigo, falta de comida e de água para chegar a Boa Vista. **G1 RR**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/rota-da-fome-o-caminho-dos-venezuelanos-que-enfrentam-perigo-falta-de-comida-e-de-agua-para-chegar-a-boa-vista.ghtml>>. Acesso em 04 de Janeiro de 2018.

COTINGUIBA, M. L. P.; COTINGUIBA, G. C. Imigração haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar. **Revista Pedagógica**, v. 17, n. 33, p. 61-87, 2014.

CUNHA, M. B. D. Jogos no Ensino de Química: Considerações Teóricas para sua Utilização em Sala de Aula. **Química Nova na Escola**, v. 34, p. 92–98, 2012.

D'AMBROSIO, U. **Educação matemática da teoria à prática**. 17 ed. São Paulo: Papirus Editora, 2009.

DEL VECCHIO, V.A.; ALMEIDA, V.B.F. Panorama do fluxo migratório de venezuelanos no Brasil e América Latina. *In*: BAENINGER, R.; SILVA, J.C.J. (org.). **Migrações venezuelanas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó – NEPO/UNICAMP, 2018, p. 158 – 163.

DEMPSEY, N. et al. A dimensão social do desenvolvimento sustentável: definindo a sustentabilidade social urbana. **Desenvolvimento Sustentável**, v.19, n.5, p. 289 – 300, 2011.

DRIVER, R. et al. Construindo conhecimento científico na sala de aula. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 31- 40, mai. 1999.

EDITORA ABRIL. **Mickey**. São Paulo: Editora Abril, n. 582, 2013.

EDITORA EBAL. **Os Grandes Álbuns em Quadrinhos**. Brasil: Editora Ebal, n. 03, setembro. 1980.

EGUTI, C. A. **A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2001.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ELKINGTON, J. **Canibais com garfo e faca**. São Paulo: Makron, 2001.

FEARNSIDE, P.M. **Hidrelétricas na Amazônia vol. 1**. Impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre grandes obras. Manaus: Editora do INPA, 2015.

FEIL, A.A.; SCHREIBER, D. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cadernos EBAPE**, v.15, p. 667 – 681, 2017.

FERREIRA, J.A.O.A. **Criação de um painel de controle para evasão escolar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

FORTES, F.C.A. et al. Impacto ambiental X antrópica: um estudo de caso no igarapé grande – Barreirinha em Boa Vista/RR. *In*: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL. **Anais...** Porto Alegre, 23 a 26 de novembro de 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, R.C. et al. Curupira Project: a platform for intelligent monitoring of waste in Amazon Rivers. *In*: XVIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO. **Anais...** Curitiba, 16 a 19 de maio de 2022, p. 1 – 9.

FROTA, K.P.P. Igarapé do *Quarenta*: a reprodução do espaço e seus agentes sociais. **Somanlu**, v.13, n.2, p. 1 – 19, 2013.

GADOTTI, M. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 9 ed. São Paulo. Editora Ática, 2008.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

GAMA NETO, R.B. Impactos da covid-19 sobre a economia mundial. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v.2, n.5, p. 113 – 127, 2020.

GARCIA, A. Regional migration in Latin America: a review. In: PETERSON, C. **Latin America: economic, social and political issues of the 21st century**. Hauppauge, New York: Nova Science p. 59-81, 2016.

GARCIA, F.M.; VASCONCELOS, L.H.S.; PINHEIRO, D.F. Educação e direitos humanos: aspectos fundamentais da democratização da educação aos refugiados venezuelanos em Manaus. **Inter-Ação**, v.46, n.2, p. 712 – 727, 2021.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOVERNO DO AMAZONAS. No fim de semana, 32 bares são fechados por descumprir medidas de prevenção da Covid-19 em Manaus. **Portal do Governo do Amazonas**, Manaus, 15 de março de 2021. Disponível em:

<http://www.amazonas.am.gov.br/2021/03/no-fim-de-semana-32-bares-sao-fechados-por-descumprir-medidas-de-prevencao-da-covid-19-em-manaus/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

GUIMARÃES, E. (ORG.). **O que é história em quadrinhos brasileira**. Col. Quiosque 12. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

HERNANDES, R.; MARTIN, V. L. **Língua Portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

História em quadrinhos e tirinhas: Tipos de balões. **Nerds e Otomes Universe**. 2014. Disponível em: <<http://nerdseotomeuniverse.blogspot.com/2014/08/historias-em-quadrinhos-e-tirinhas.html>>. Acesso em 20 de abril de 2021.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

IANESKO, F. et al. Elaboração e aplicação de histórias em quadrinhos no ensino de Ciências. **Experiências em Ensino de Ciências**, v.12, n. 5, p. 105 – 125, 2017.

IANNI, O. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IANNONE, L. R.; IANNONE, R. A. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

JAOBSEN, K. Política migratória de Trump. **Carta Capital**. 27 de março de 2017.

JESUS, M.S. et al. Cases distribution of leptospirosis in City of Manaus, State of Amazonas, Brazil, 2000 – 2010. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v.45, n.6, p. 713 – 716, 2012.

KAMEL, C. R. L. **Ciências e quadrinhos**: explorando as potencialidades das histórias como materiais instrucionais. 2006. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

KAMEL, C. R. L.; LA ROCQUE, L. As histórias em quadrinhos como linguagem fomentadora de reflexões – uma análise de coleções de livros didáticos de Ciências Naturais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 6, n. 3, p. 53, 2006.

KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação e Educação**, v.27, p. 46 – 60, 2003.

KAWAMOTO, E. M.; CAMPOS, L. M. L. Histórias em quadrinhos como recurso didático para o ensino do corpo humano em anos iniciais do Ensino Fundamental. **Ciênc. educ.**, v. 20, n. 1, p. 147, 2014.

KIKUCHI, F. L.; CALZAVARA, R. B. Histórias em Quadrinhos: Desenvolvimento Cognitivo no Ensino Fundamental. **Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 10, n 1, p. 27-34, Jun. 2009.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: EDUSP, 1987.

KRYEZIU, S.D. Language development through drama in preeschoolers. **European Journal of Language and Literature Studies**, v.5, n.1, p. 15 – 22, 2019.

LATUFF, C. A negação da pandemia e da educação: “é uma histeria coletiva”. **Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino**. Brasília, 2020, 7 de abril. Disponível em: <<https://aplbsindicato.org.br/contee-a-negacao-da-pandemia-e-da-educacao-e-uma-histeria-coletiva>>. Acesso em 20 de abril de 2021.

LEITE, P.S.C. Produtos educacionais em mestrados profissionais na área de Ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. **Atas – Investigação Qualitativa em Educação**, v.1, p. 330 – 339, 2018.

LEMKE, J. L. Articulating communities: Sociocultural perspectives on science education. **Journal of Research in Science Teaching**, v. 38, n. 3, p. 296-316, 2001.

LEVY, M. E. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). **Revista Saúde Pública**, v. 8, p. 49-90, São Paulo, 1974.

LICHTERBECK, P. “A gente sobrevive”: os refugiados venezuelanos em Manaus. **DW**, 26 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-gente-sobrevive-os-refugiados-venezuelanos-em-manaus/a-58049908>. Acesso em: 01 dez. 2021.

LIMA, A.K. **Educação para a sustentabilidade em espaços não formais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade de Coimbra.** Dissertação (Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

LINSINGEN, L. V. Mangás e sua utilização pedagógica no ensino de Ciências sob a perspectiva CTS. **Ciência & Ensino**, v. 1, 2007.

LOPES, M. O. **Imperialismo, petróleo e “revolução bolivariana”: impasses político-ideológicos do governo Chávez na Venezuela.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.

LOPES FILHO, E.J.B. **Práticas pedagógicas no ensino médio integrado:** proposição de um catálogo de produtos educacionais na EETEPA Campus Santarém. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

LUKOSEVICIUS, A. P. Executar é preciso, planejar não é preciso: proposta de *framework* para projetos de pesquisa. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v.19, n.1, p.32-65, j2018

MACHADO, A.L.S. **A educação ambiental para gestão saudável da água:** estudo de caso do Igarapé do Mindu – Manaus, AM. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MACIEL, A.M. Educação e cultura visual na sociedade contemporânea. **Revista Temas em Educação**, v.22, n.1, p. 95 – 109, 2013.

MAGALHÃES, G. M.; SCHILLING, F. Imigrantes da Bolívia na escola em São Paulo: fronteiras do direito à educação. **Pro-Posições**, v. 23, n. 1, p. 43-63, 2012.

MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C. & BORTONI-RICARDO, S. M. (Org.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2007.

MAIA, J. D. O. et al. O Livro Didático de Química nas Concepções de Professores do Ensino Médio da Região Sul da Bahia. **Química Nova na Escola**, v. 33, 2011.

MALUF, A. C. M. **Atividades lúdicas para a educação infantil:** Conceitos, orientações e práticas. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARINUCCI, R. **Migrações Internacionais Contemporâneas.** Junho de 2005. Disponível em <<http://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/MIGRA%C3%87%C3%83O-NO-MUNDO.pdf>>. Acesso em 22 de dezembro de 2020.

MARTINS, J. C. Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo. **Série Ideias**, São Paulo, n. 28, p. 111 – 122, 1997.

- MARX, K. **O Capital**. 6a., ed. livro I. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1980.
- MATTHEWS, M. R. **Enseñanza de la ciência**: um enfoque desde la historia y la filosofia de la ciência. México: Fondo de Cultura Economica, 1994.
- MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- MENDONÇA, M. R. S. **Ciência em quadrinhos**: recurso didático em cartilhas educativas. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A.; MACHADO, A. R. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MENDONÇA, H. Com 40.000 venezuelanos em Roraima, Brasil acorda para sua 'crise de refugiados'. **El País**. São Paulo, 18 de fevereiro de 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518736071_492585>. Acesso em 26 de março de 2020.
- MENDONÇA, C.A.S. **Ensino de Ciências**: o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos sobre a poluição dos igarapés na cidade de Manaus. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2020.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MODENESI, T. V. et al. **Quadrinhos e Educação em cinco pontos de vista**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- MONTEIRO, B. A. P. O. Portal Eletrônico Interativo: Contexto, Estrutura, Possibilidades de Navegação e Discursos sobre Formação de Professores de Química. **Química Nova na Escola**, v. 32, 2010.
- MONTEIRO NETO, F. F. **Estudos de psicologia intercultural: nós e outros**. 3. ed. v. 2, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- MONTENEGRO, L.A. et al. Educação para a sustentabilidade na prática docente: um desafio a ser alcançado. **Educação Ambiental em Ação**, v. 17, n.64, [on-line], 2018.
- MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus. 2006. p.11-66.
- MOREIRA, M. A. Pesquisa básica em Educação em Ciência: uma visão pessoal. **Revista Chilena de Educación Científica**. v. 3, n. 1, p.10-17, 2004.

MORTIMER, E. F.; SCOTT, P. H. **Meaning making in secondary science classrooms**. Maidenhead: Open University Press, 2003.

MOURA, D.H. A organização curricular do ensino médio a partir do eixo estruturante: trabalho, ciência, tecnologia e cultura. **Revista LABOR**, v.1, n.7, p. 1 – 19, 2012.

MOYA, A. **A história das histórias em quadrinho**. Porto Alegre: L& PM, 1986.

MOYA, A. **História da história em quadrinhos**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NASCIMENTO-E-SILVA, D. **Manual de redação para trabalhos acadêmicos: *position paper***, ensaios teóricos, artigos científicos, questões discursivas. São Paulo: Atlas, 2012.

NASCIMENTO-E-SILVA, D. **Manual do método científico-tecnológico (versão sintética)**. Florianópolis: DNS Editor, 2020.

NASCIMENTO-E-SILVA, D. et al. Proposição de uma sistemática de avaliação de aprendizagem na formação de administradores com base no processo gerencial. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v.6, n.4, p. 640 – 657, 2013.

NICOLODI, J.L.; ZAMBONI, A.; FONSECA, G.B. Gestão integrada de bacias hidrográficas e zonas costeiras no Brasil: implicações para a região hidrográfica amazônica. **Revista de Gestão Costeira Integrada – Journal of Integrated Coastal Zone Management**, v.9, n.2, p. 9 – 32, 2009.

NOGUEIRA, N. A. S. **As histórias em quadrinhos e a escola: práticas que ultrapassam fronteiras**. Leopoldina: Aspas, 2017.

NÓVOA, A. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema. In: SERBINO, R. (Org). **Formação de Professores**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

NUNAN, C. S. O. **Imigrante Internacional de Retorno e sua (re) inserção no mercado formal de trabalho**. 2006. 113f. Dissertação (Mestrado em tratamento de informação espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ODA, E. **One Piece**. São Paulo: Editora Panini, n. 90. 2013.

OLIVEIRA, L. R. P. Estudantes bolivianos em São Paulo: Desafios no processo de escolarização. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 18., 2012. Águas de Lindóia: **Anais...** São Paulo: ABEP, p. 63-73, 2012.

OLIVEIRA, L. R. P. **Encontros e confrontos na escola: um estudo sobre as relações sociais entre alunos brasileiros e bolivianos em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, A.T.R. A migração venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.13, n.1, p. 219 – 244, 2019.

OMENA, L.G.S. Quadros da História. Considerações historiográficas sobre o uso de HQs como fontes. **O Olho da História**, n.16, p. 1 – 14, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU. **Resolução nº 429 (V), de 14 de dezembro de 1950**. Genebra: ONU, 1950.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Relatório de imigração 2019**. Nações Unidas Brasil. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/>>. Acesso em 26 de março de 2020

OUTCAULT, F. R. R. F. **Outcault's the Yellow Kid: A Centennial Celebration of the Kid Who Started the Comics**. Northampton: Kitchen Sink Press, 1995. Disponível em: <<https://www.comics.org/issue/1327958/cover/4/>>. Acesso em 25 de abril de 2021.

PAGANI, C. **A imigração italiana no Rio de Janeiro e em Petrópolis e a educação para os filhos dos imigrantes (1875-1920)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012.

PATARRA, N. L. Migrações, internacionais de e para o Brasil contemporâneo volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.

PEIXOTO, A. J. A origem e os fundamentos da fenomenologia: uma breve incursão pelo pensamento de Husserl. In: PEIXOTO, A. et al. (Orgs). **Concepções sobre a fenomenologia**. Goiânia: Editora UFG, 2003.

PENTEADO, M. A. **Desvelando o universo das Histórias em Quadrinhos: uma proposta de ação**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1167-4.pdf>>. Acesso em 5 maio 2020.

PEREIRA, E. G. C.; SANTOS, T. C. dos. O uso de Oficinas de Histórias em Quadrinhos como instrumento de avaliação no ensino de Ciências. In: SIMPÓSIO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MEIO AMBIENTE DO RIO DE JANEIRO, 1º, 2009, Volta Redonda. **Anais do I Simpósio em Ensino de Ciências e Meio Ambiente do Rio de Janeiro**. Volta Redonda, 2009, p. 75.

PEREIRA, M.F.; SILVA, M.A.S.; BARROS, T.D. Palafitas de Manaus: relações entre a natureza e cultura no espaço da cidade. **Somanlu**, v.11, n.2, p. 15 – 40, 2011.

PESSOA, A. R. **Quadrinhos na educação: uma proposta didática na educação básica**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

PIZARRO, M. V. As histórias em quadrinhos como linguagem e recurso didático no ensino de Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7, 2009, Florianópolis. **Caderno de Resumos**. Florianópolis: 2009.

PORTAL G1. Amazonas supera a marca de 10 mil mortes pela Covid. **Portal G1**, 17 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/02/17/amazonas-supera-a-marca-de-10-mil-mortos-pela-covid-e-manaus-tem-quase-300-pessoas-na-fila-por-um-leito.ghtml>. Acesso em: 02 dez. 2021.

PREFEITURA DE MANAUS. Mais de 20 toneladas de lixo são retiradas do São Jorge, pela prefeitura. **Prefeitura de Manaus**, Notícias, 21 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.manaus.am.gov.br/noticia/mais-de-20-toneladas-de-lixo-sao-retiradas-do-igarape-do-sao-jorge-pela-prefeitura/>. Acesso em: 04 dez. 2021.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS (PNUD). Relatório de Desenvolvimento Humano 2009. **Ultrapassar barreiras: mobilidades e desenvolvimento humano**. Disponível em: undp-br-hdr-portuguese-2009.pdf. Acesso em 18/08/2021.

QUELLA-GUYOT, D. **A História em Quadrinhos**. São Paulo: Unimarco Editora, 1994.

RABELLO, R.P.; RODRIGUES, Z.A.L. Planejamento e sustentabilidade urbana: ações de proteção dos igarapés de Manaus. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v.3, n.2, p. 79 – 101, 2013.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. Cap., p. 87-104.

RAMOS, E. M. F. **Brinquedos e Jogos no Ensino de Física**. 1990. Dissertação (Mestrado em Física) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, P. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. Cap., p. 65-86.

RAMOS, N. **Saúde, Migração e Interculturalidade**. João Pessoa: EDUEPB, 2008.

RAMOS, M. N. Ensino médio integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão. **EPT em Revista**, v.1. n. 1, p. 27-49, 2017.

REZENDE, L.A. **Leitura e formação de leitores: vivências teórico-práticas**. Londrina, PR: EDUEL, 2009.

RIBEIRO, E. C. O. Ensino/aprendizagem na escola médica. In: MARCONDES, E.; GONÇALVES, E. (Org). **Educação médica**. São Paulo: Sarvier; p. 9-40, 1998.

RIBEIRO, M.S. Imigração venezuelana: os *Waraos* e o direito à moradia, à educação, ao trabalho e a à cidade de Manaus (2016 – 2019). **Revista Eletrônica Discente do Curso de História**, v.5, n.1, p. 28 – 40, 2021.

RIBEIRO, A.A.A.; COSTA, R.C. Área de risco: problema social urbano. Estudo de caso em Manaus. **Territorium**, v.19, p. 179 – 183, 2012.

ROSA, F. **Almanaque dos quadrinhos**: 120 anos de história. São Paulo: Discovery Publicações, 2014.

ROTA, G.; IZQUIERDO, J. Comics as tool for teaching biotechnology in primary school. **Electronic Journal of Biotechnonology**, v. 6, n. 15, p. 86-89, 2003.

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTOS, R. E. Aplicações da História em Quadrinhos. **Comunicação & Educação**, v. 22, n. 22, p. 46-51, 2001.

SANTOS, V.J.R.M.; GARCIA, R.N. A pesquisa e o uso dos quadrinhos no ensino das Ciências da Natureza apresentadas nos ENPECs de 1997 a 2015. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. **Anais...** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 3 a 6 de julho de 2017.

SANTOS, S.M.A.; MEZA, I.J.L.B. Para onde eu vou com a minha família? Uma etnografia sobre projetos coletivos e migração venezuelana em Manaus (Brasil). **REHMU**, v.29, n.61, p. 179 – 194, 2020.

SANTOS, F. N. P.; VASCONCELOS, T. M. Venezuelanos no Brasil: da crise econômica para a crise política e midiática. In: Anais do XVII encontro de História da ANPUH: entre o local e o global. **Atas**. Nova Iguaçu, 2016.

SANTOS NETO, E. P.; SILVA, M. R. (org.). **Histórias em Quadrinhos e Educação**: formação e prática docente. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2011.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 143-155, 2009.

SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998

SAYAD, A. **La doble ausencia: De las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado**. 1. ed. Barcelona: Anthropos, 2010.

SCARELI, G. Histórias em quadrinhos, ambiente e cidadania. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 25, 2002, Salvador. **Anais online**. São Paulo, 2002.

SCHNETZLER, P. R. A pesquisa no ensino de Química e a importância da Química na nova escola. **Química Nova na Escola**, n. 20, p. 49–54, 2004.

SEVERINO, A.J. Dimensão ética da investigação científica. **Práxis educativa**, v.9, n.1, p. 199 – 208, 2014.

SILVA, J. R. F. **O espaço geográfico expresso nas histórias em quadrinhos: uma experiência com Chico Bento**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004

SILVA, R.O. **Proposta de autocapacitação para coordenadores de graduação**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

SILVA, Z.L. **“Verão e inverno amazônico”**: perspectiva meteorológica e a percepção dos moradores do município de Manaus/AM. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

SILVA, K. S. As Histórias em Quadrinhos como fator didático-pedagógico: alguns aspectos da sua produção acadêmica entre 1990 e 2002. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE*, 10, 2011, Curitiba. **Anais do X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Curitiba, 2011, p. 16415-16424.

SILVA, R.O.; NASCIMENTO-E-SILVA, D. Impactos da covid-19 e as inovações no mundo do trabalho, saúde e educação. *In: X COLÓQUIO ORGANIZAÇÕES, DESENVOLVIMENTO E SOCIEDADE*. **Anais...** Universidade da Amazônia, Belém, 10 e 11 de dezembro de 2020.

SILVA, S.T.; PULIDO, C.R.; MENEZES, A.V.C. A presença venezuelana em Manaus/AM e as estratégias frente à pandemia de Covid-19. **Travessia – Revista do Migrante**, v.34, n.91, p. 81 – 100, 2021.

SILVA, R.O. et al. Aspectos relevantes na construção de produtos educacionais no contexto da educação profissional e tecnológica. **REPPE**, v.3, n.2, p. 105 – 119, 2019.

SILVEIRA, T.M. **Etiquetagem de eficiência energética em edificações**: estudo de caso no Excen. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica). Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2018.

SIMÕES, G. et al. **Perfil demográfico e sociolaboral da migração venezuelana no Brasil**: resumo executivo. Brasília, DF: Conselho Nacional de Imigração, 2017.

SIQUEIRA, R. M. A. Recursividade no Ensino de Química: Promoção de Aprendizagem e Desenvolvimento Cognitivo. **Química Nova na Escola**, v. 33, 2011.

SOUZA, J. C. R. de. **A geografia nas escolas das comunidades ribeirinhas de Parintins**: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUZA, S.S. **Criação do curso de extensão “Conhecendo a Indústria 4.0 sob o Olhar da Ciência”**. (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

SOUZA FILHO, E.A.; ALVES, S.B.S.M.; NEVES, R.K.R. Impactos dos resíduos sólidos em igarapés de Manaus – Amazonas. **Geofrontier**, v.7, p. 1 – 20, 2021.

TANIGUCHI, A.C.G.; PAIVA, J.Z.S. Resposta da sociedade civil frente à situação migratória venezuelana em Manaus. *In*: XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. **Anais....** Brasília, 30 de outubro de a 3 de novembro de 2019.

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1998.

UNESCO. **Educação para a cidadania global**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília, 2016: UNESCO Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Desktop/Conselho%20Europa%20Ed%20global.pdf>. Acesso em 16/06/2021.

VERGUEIRO, W. **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**, v.3, p. 7 – 29, 2006.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. *In*: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Data Grama Zero**, v. 6, n. 2, 2005.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

VILLARROEL, E.J.W. **A efetivação dos direitos humanos e proteção social na migração forçada de venezuelanos em Manaus – Brasil**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

VILELA, T. Os quadrinhos no ensino de História. *In*: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. Cap., p. 105-129.

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: COLE, M.; STEINER, V. J.; SCRIBNER, S.; SOUBERMAN, E. (Org). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WIEDERKEHR, A. H. Prática Pedagógica e o processo de escolarização da escola alemã como elemento constituinte das relações sociais dos teuto-brasileiros. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 7, 2013. Circuitos e fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá: **Anais...** Cuiabá: SBHE – UFMT, 2013.

X – Men Adventures 1 e 2. São Paulo: Editora Marvel, n. 01, junho. 1995

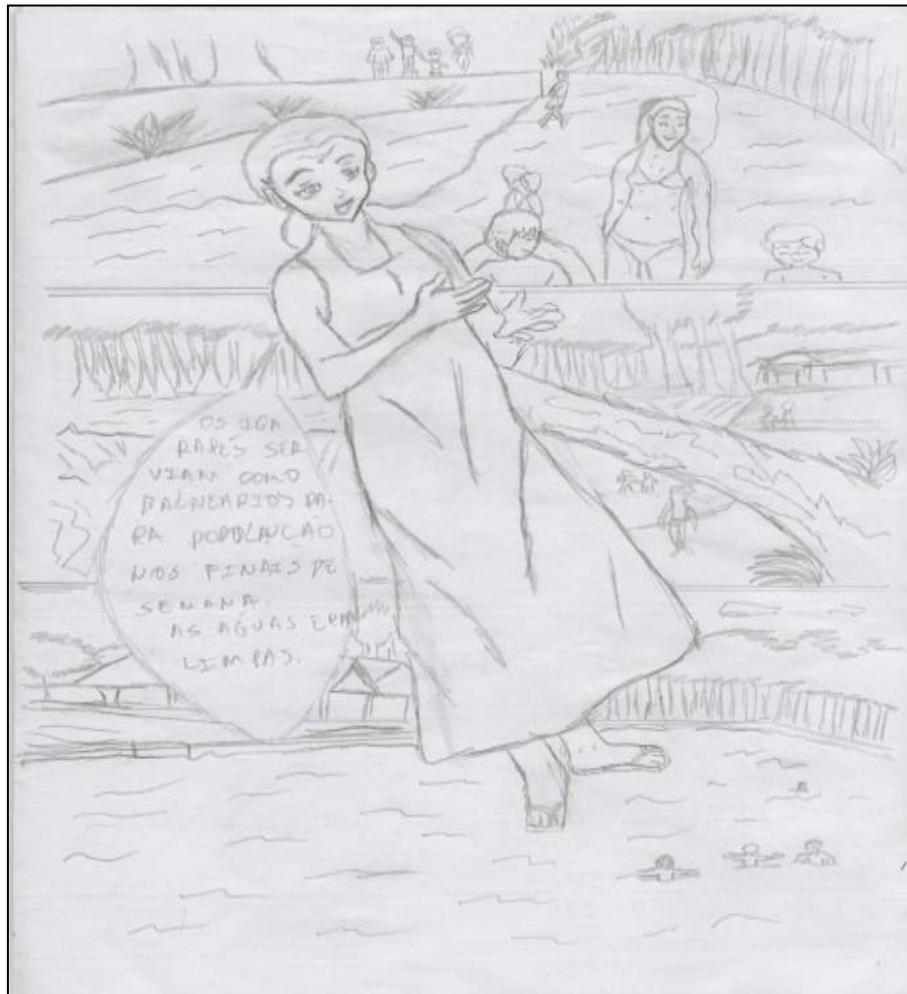
XAVIER, G. K. R. S. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. **Darandina Revista Eletrônica**, v. 10, n. 2, p. 1-20. 2018.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Bookman, 1998.

ZENI, L. Literatura em quadrinhos. In: RAMOS, Paulo; VERGEIRO, W. **Quadrinhos na Educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. Cap., p. 127-15.

APÊNDICE A - ESBOÇO PERSONAGEM IARA

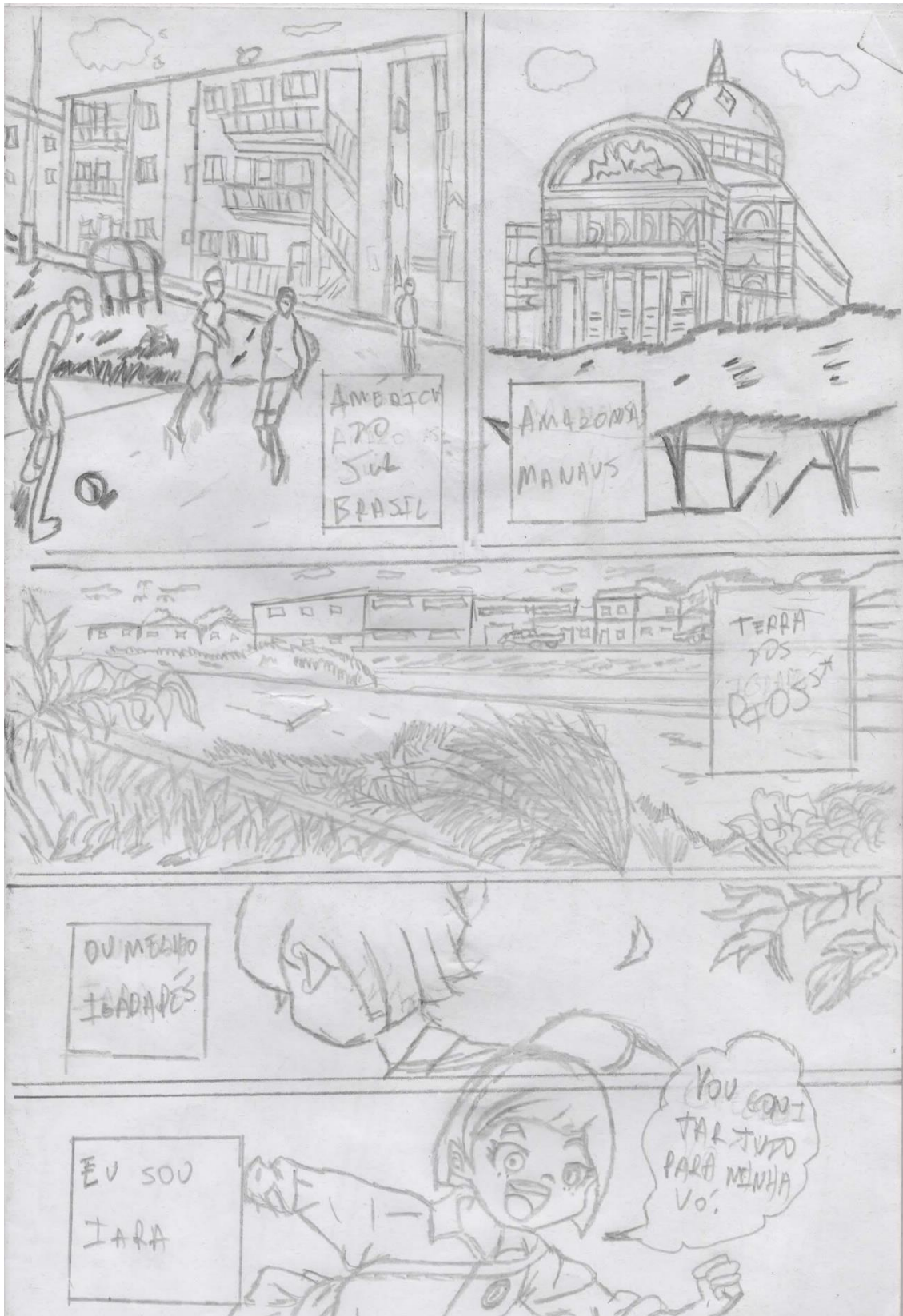


APÊNDICE B – ESBOÇO VÓ NAIARA

APÊNDICE C – ESBOÇO DA CAPA



APÊNDICE D – PÁGINA 1 A GRAFITE



APÊNDICE E – PÁGINA 2 A GRAFITE



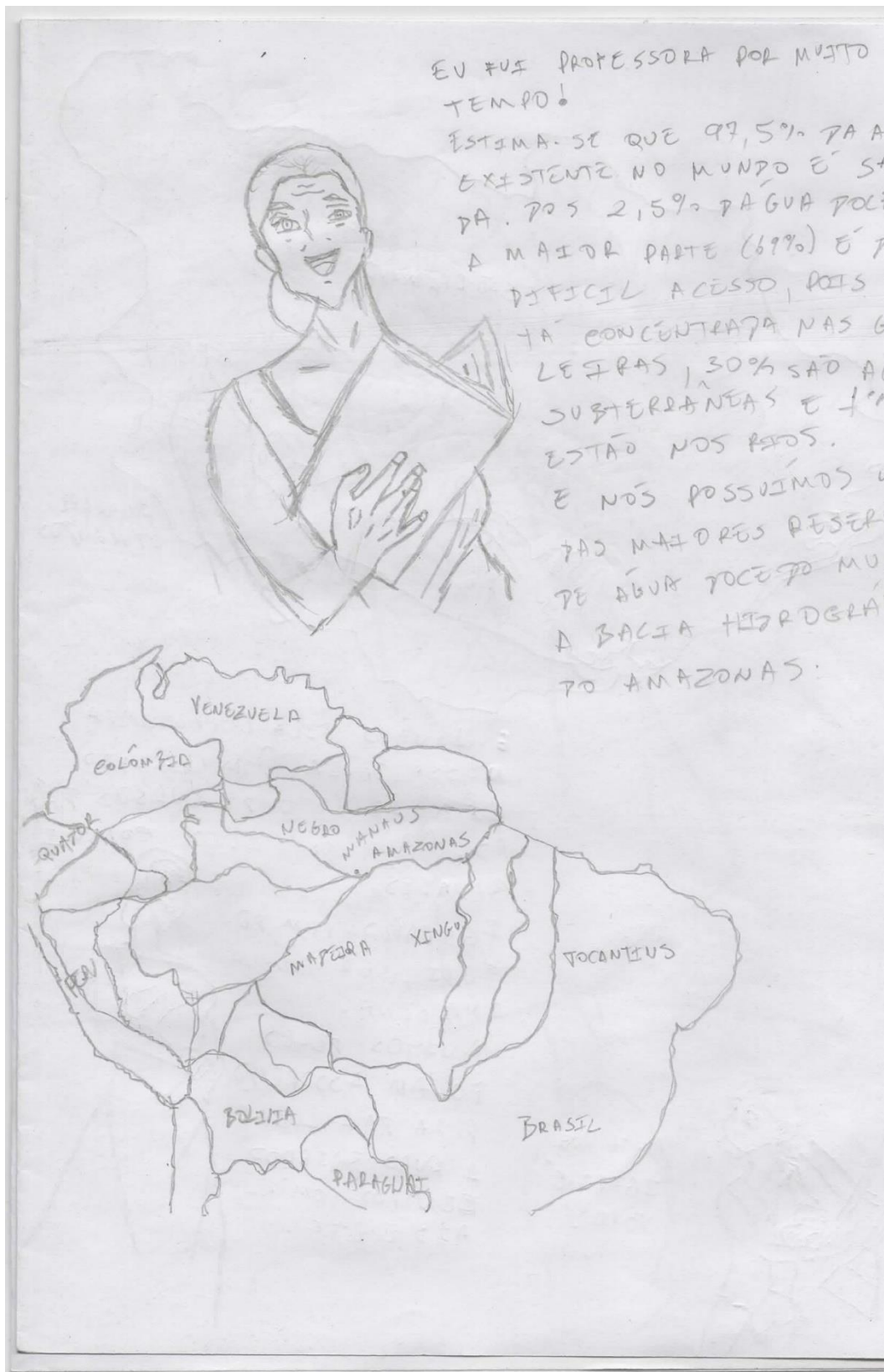
APÊNDICE F – PÁGINA 3 A GRAFITE



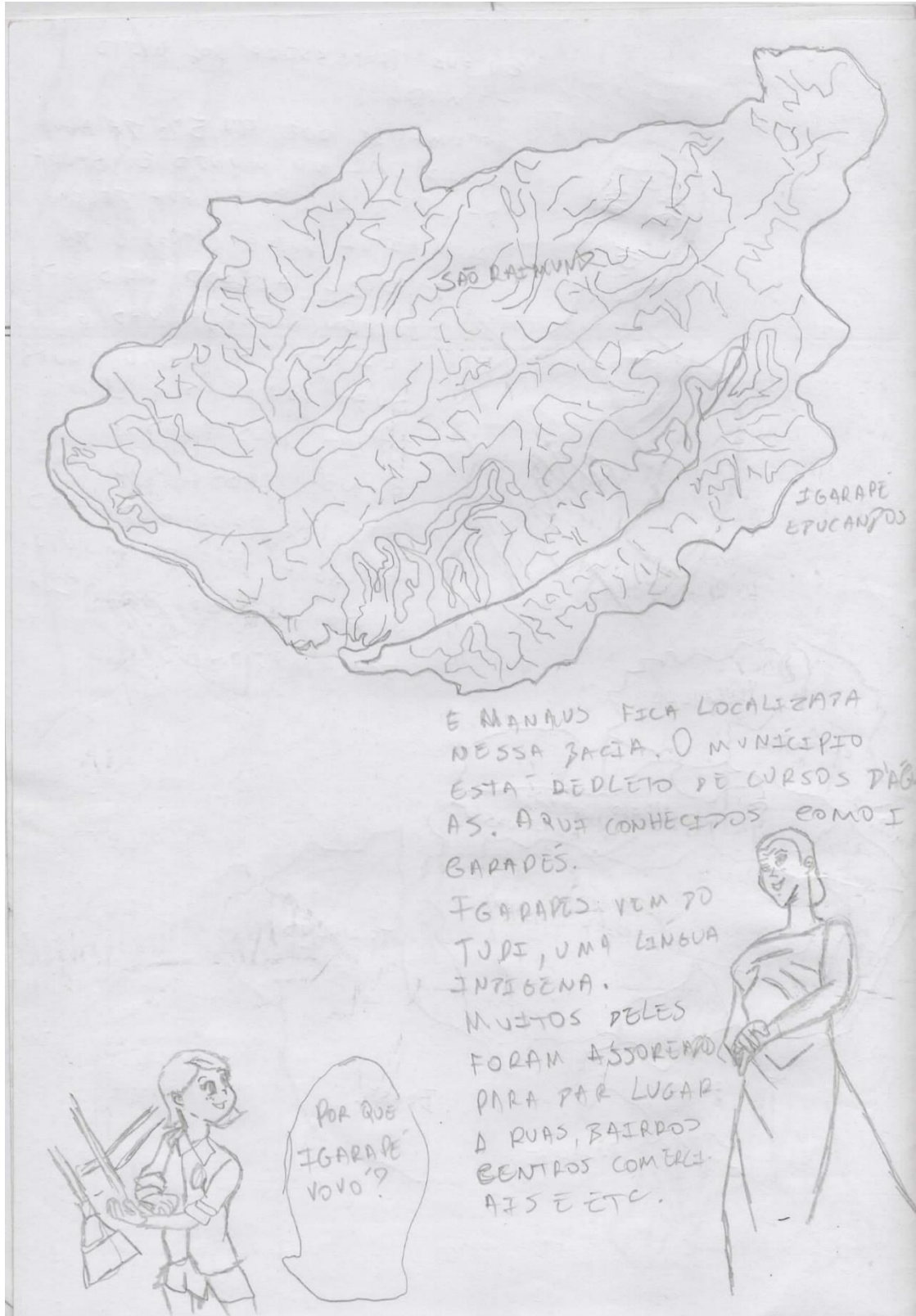
APÊNDICE G – PÁGINA 4 A GRAFITE



APÊNDICE H – PÁGINA 5 A GRAFITE



APÊNDICE I – PÁGINA 6 A GRAFITE



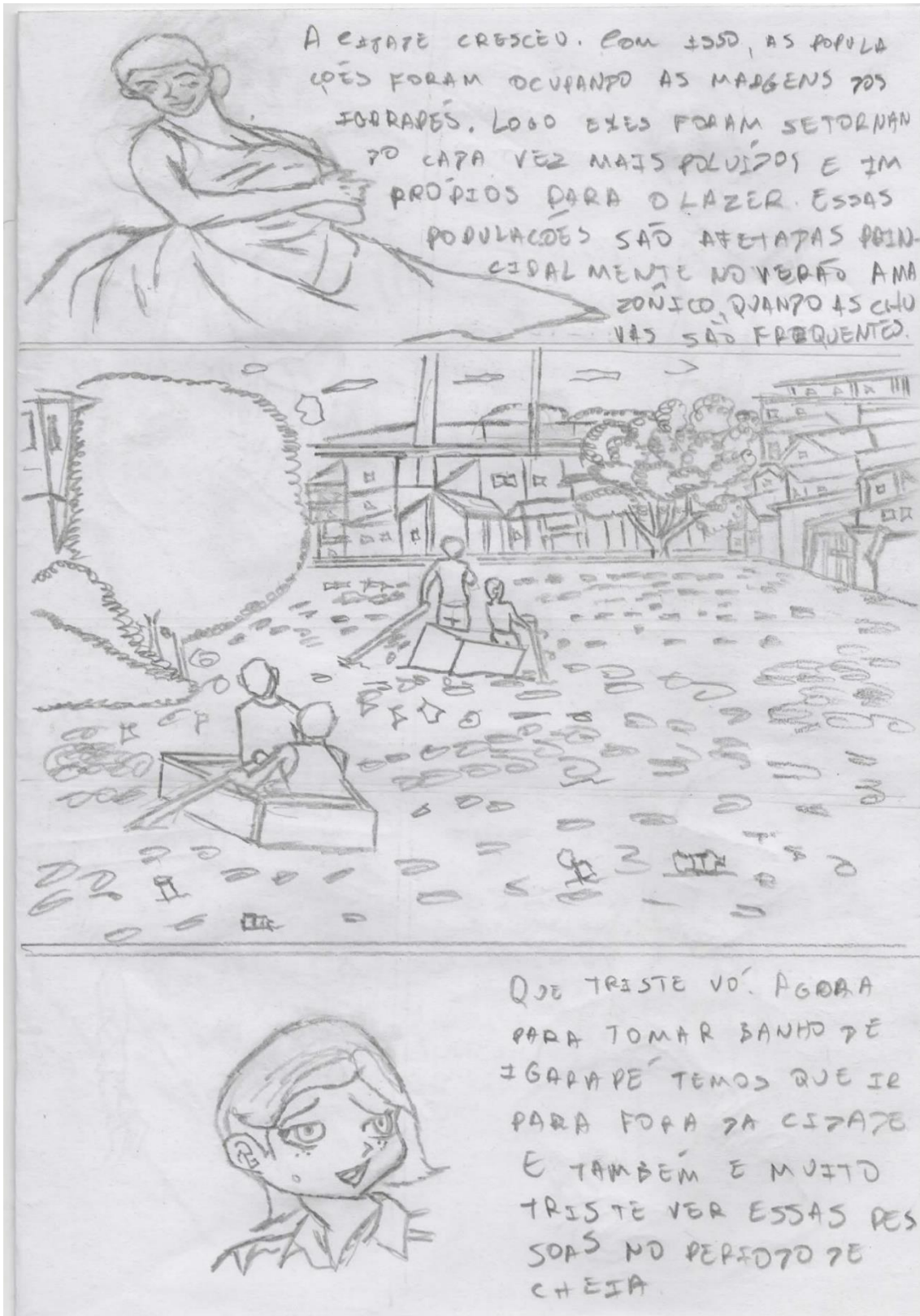
APÊNDICE J – PÁGINA 7 A GRAFITE



APÊNDICE K – PÁGINA 8 A GRAFITE



APÊNDICE L – PÁGINA 9 A GRAFITE



APÊNDICE M – PÁGINA 10 A GRAFITE



APÊNDICE N – PÁGINA 11 A GRAFITE

